



**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS - CCI**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGHIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA**

**FRANSUELY ROCHA COELHO**

**HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR  
DA MEMÓRIA DE RIBEIRINHOS DA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA-  
PA**

**ARAGUAÍNA-TO**  
**2024**

**FRANSUELY ROCHA COELHO**

**HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR  
DA MEMÓRIA DE RIBEIRINHOS DA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA –  
PARÁ**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre, junto ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História/Profhstória, da Universidade Federal do Norte do Tocantins/UNFT, Centro de Ciências Integradas de Araguaína. Área de concentração: Linguagens e narrativas históricas - produção e difusão.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Pereira da Silva.

ARAGUAÍNA-TO  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C672h Coelho, Fransuely Rocha.  
História local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia-PA. / Fransuely Rocha Coelho. – Araguaína, TO, 2024.  
172 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2024.

Orientador: Moisés Pereira da Silva

1. Ensino de história. 2. História local. 3. Memória. 4. Pensamento decolonial. I. Título

**CDD 980**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**


**FRANSUELY ROCHA COELHO**

**HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA DE RIBEIRINHOS DA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTORIA – da Universidade Federal do Tocantins, Centro de Ciências Integradas de Araguaína. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História e aprovada em sua forma final pelo Orientador e a Banca Examinadora.

Data de aprovação: 15 / 02 / 2024


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **MOISES PEREIRA DA SILVA**  
Data: 14/03/2024 20:17:02-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Moisés Pereira da Silva, UFNT**


**Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **MARCO AURELIO GOMES DE OLIVEIRA**  
Data: 18/03/2024 08:30:10-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Marco Aurelio Gomes de Oliveira, UFNT**

**Avaliador Interno**

Documento assinado digitalmente  
 **JANAILSON MACEDO LUIZ**  
Data: 18/03/2024 09:08:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Dr. Janailson Macedo Luiz – UNIFESPA**

**Avaliador Externo**

## AGRADECIMENTOS

Tenho convicção de que o percurso da jornada é muito valioso, pois é nele que ocorre as construções e desconstruções que nos fazem ser transformados a ponto de não conseguirmos mais voltar a ser o que éramos antes. Além disso, é na caminhada que encontramos pessoas que passam a nos inspirar, e encorajam a seguirmos firmes rumo ao propósito.

Em primeiro lugar expresso minha gratidão ao nosso Senhor Deus, que esteve comigo nesta jornada, sempre segurando a minha mão, me fortalecendo e me ajudando a superar as dificuldades encontradas pelo caminho.

Agradeço imensamente a minha família, meu esposo Filipe Carvalho pelo apoio e incentivo dedicados a mim, por muitas vezes acreditar no meu potencial mais do que eu mesma. Obrigada pelo zelo e cuidado com nossa filha, durante os muitos dias que precisei me ausentar. Minha filha amada e querida, que mesmo sentindo minha falta, sempre entendeu a ausência, seja em viagens ou em dias de estudo afincado em frente ao computador, saibam que esta conquista também pertence a vocês, que me inspiram sempre a buscar o melhor.

Muito obrigada aos meus pais, Luís Gonzaga Rêgo Coelho e Maria Cândida Rocha Coelho, trabalhadores autônomos que mesmo não tendo a oportunidade de concluir seus estudos, sempre foram os maiores incentivadores para que os filhos conseguissem estudar. Para isso, abriram mão de seus próprios sonhos e trabalharam dobrado. Vocês são o meu exemplo de honestidade e luta. Mãezinha muito obrigada por suas orações que ajudaram a me manter firme nesse propósito.

Um agradecimento especial ao meu orientador professor Dr. Moisés Pereira da Silva, que abraçou a minha proposta, sempre fornecendo contribuições primordiais para a escrita desta dissertação. A este grande profissional, a minha gratidão pelos conhecimentos partilhados e minha admiração por sua força e trajetória de vida. Obrigada por tantos ensinamentos.

Grata à coordenação local do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, *campus* de Araguaína, na pessoa da Profa. Dra. Vera Caixeta, que ocupou a função de coordenadora, e da Prof. Dra. Olívia Macedo Miranda Cormineiro, que atualmente exerce esse papel. Expresso minha gratidão a todos(as) os professores(as) que compõem o colegiado do PROFHISTÓRIA da UFNT nos anos de 2022/2023, pelo humanismo no trato com os mestrandos, competência, orientações e ensinamentos durante esses dois anos. Os diversos momentos, no decorrer das aulas, nos diálogos em intervalos e pelos corredores, foram cruciais para que eu pudesse

desconstruir certezas, aprender sobre a complexidade do conhecimento acerca do ensino de história e refletir sobre a minha prática docente na Educação Básica.

Agradeço também aos professores Drº Janailson Macêdo e Drº Marco Aurélio de Oliveira, cujas observações e apontamentos na banca de qualificação muito contribuíram para a escrita e o aprimoramento deste texto.

Muito agradecida à Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite e toda a comunidade escolar que a constitui, em especial ao diretor Aleandro Miranda, por todo o apoio e suporte dado para o bom desenvolvimento das atividades realizadas, e aos professores, que em ato de apoio a pesquisa não hesitaram em ceder suas aulas para que as oficinas fossem realizadas. Tenho uma imensa gratidão aos estudantes da turma 2º ano matutino, do ano letivo de 2022, que participaram da jornada com bastante dedicação. A participação da turma em todas as etapas da pesquisa, propiciou a construção desse trabalho, muito obrigado.

Agradeço de forma singular aos quatro moradores ribeirinhos do bairro Tancredo Neves, Deuzimar Leite, Maria das Neves, Marlene Pereira e Toninho de Araújo que abriram as portas de suas casas e vidas, aceitando compartilhar suas vivências. A vocês a minha admiração e gratidão por terem contribuído com o ensino e aprendizagem de muitos estudantes.

Muito obrigada também a todos os meus colegas da turma do Profhistória 2022, na pessoa do menino Dionathan e da amiga Núbia, pelos conhecimentos partilhados, as contribuições e apoio em todos os momentos. Vocês tornaram esse percurso mais leve, os levarei para vida.

*Às pessoas que fazem a minha existência ser mais feliz: minhas filhas amadas e meu companheiro de vida e lutas, meu esposo Filipe Carvalho.*

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de apresentar uma versão “outra” da história de Conceição do Araguaia – Pará, alternativa para o trabalho com ensino de história local. Uma história que não priorize o viés político, oficial e eurocentrado, mas versões contadas pelos próprios moradores da cidade, neste caso os ribeirinhos. A partir da análise e problematização da historiografia local, foi possível compreender a existência de uma abordagem caracterizada pelo predomínio de uma história que possui um viés colonialista e romântico. Alternativo a isso, foram produzidas narrativas, com base na memória de ribeirinhos, invisibilizados pelos escritos de história local, como proposta para um Ensino de História Local que dialogue com o Pensamento Decolonial. Usando a metodologia da história oral, foram realizadas entrevistas sobre história de vida, com 4 moradores ribeirinhos do bairro Tancredo Neves, onde a escola Professor José Wilson Pereira Leite, lócus da pesquisa, está inserida. As memórias desses ribeirinhos, foram analisadas pelos estudantes do 2º ano do Ensino Médio, que após 15 oficinas, onde estudaram, debateram e desenvolveram produções sobre temas relacionados a história local. Os alunos participantes da pesquisa divididos em 4 grupos, que a partir da entrevista e transcrição das mesmas, produziram biografias dos ribeirinhos. Em seguida esses grupos apresentaram para a comunidade escolar, na noite cultural, o trabalho desenvolvido em sala. As biografias, bem como a sequência didática e outras informações sobre a cidade, foram reunidas em uma cartilha, o produto didático desta pesquisa, que ficará à disposição da comunidade na biblioteca da unidade de ensino. Cada ribeirinho participante da pesquisa também receberá uma cópia, para que tenha acesso ao resultado do trabalho. Acreditamos que é possível pensar e fazer ensino de história local, no contexto da educação básica, que seja espaço de reconhecimento de si pelos próprios sujeitos que participam desse processo e construir assim um ensino de história com sentido e significado para além dos dados das avaliações externas.

**Palavras-Chave:** Ensino de história, História local, Memória, Pensamento Decolonial.



## ABSTRACT

This research aims to present an “other” version of the history of Conceição do Araguaia – Pará, an alternative to working with teaching local history. A story that does not prioritize political, official and Eurocentric bias, but versions told by the city's residents themselves, in this case the riverside residents. From the analysis and problematization of local historiography, it was possible to understand the existence of an approach characterized by the predominance of a history that has a colonialist and romantic bias. As an alternative to this, narratives were produced, based on the memory of riverside dwellers, made invisible by local history writings, as a proposal for Local History Teaching that dialogues with Decolonial Thought. Using the oral history methodology, life history interviews were carried out with 4 riverside residents of the Tancredo Neves neighborhood, where the Professor José Wilson Pereira Leite school, the locus of the research, is located. The memories of these riverside dwellers were analyzed by 2nd year high school students, who after 15 workshops, where they studied, debated and developed productions on topics related to local history. The students participating in the research were divided into 4 groups, which, based on the interviews and transcriptions, produced biographies of the riverside dwellers. These groups then presented the work developed in the classroom to the school community, at the cultural evening. The biographies, as well as the didactic sequence and other information about the city, were gathered in a booklet, the teaching product of this research, which will be available to the community in the teaching unit's library. Each riverside resident participating in the research will also receive a copy, so that they have access to the results of the work. We believe that it is possible to think about and teach local history, in the context of basic education, which is a space for self-recognition by the subjects who participate in this process and, therefore, teaching history with meaning and meaning beyond assessment data external.

**Keywords:** History teaching, Local history, Memory, Decolonial Thought.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da localização da cidade dentro do município de Conceição do Araguaia ...	16
Figura 2 - Localização do bairro Tancredo Neves, na cidade de Conceição do Araguaia .....	17
Figura 3 - Fachada e rua da escola lócus da pesquisa.....	18
Figura 4 - Quadro de habilidades referentes a primeira competência de Ciências Humanas ..	35
Figura 5 - Quadro de habilidades do Documento Curricular do Estado do Pará. ....	36
Figura 6 - Tabela demonstrativa da população segundo cor e sexo de Conceição do Araguaia .....	52
Figura 7 - Mapa do Rio Araguaia com as cidades que surgiram às suas margens .....	69
Figura 8 - Casa construída na Ilha do Murici.....	71
Figura 9 - Imagem da área interna da escola que mostra as salas do térreo e do primeiro andar .....	75
Figura 10 - Parte interna da biblioteca.....	75
Figura 11 - Parte interna da sala de Atendimento Educacional Especializado. ....	76
Figura 12 - Imagem da quadra poliesportiva.....	76
Figura 13 - Imagem com rachaduras expostas no muro da escola .....	77
Figura 14 - Imagem das informações sobre a estrutura da biografia.....	91
Figura 15 - Imagem da oficina onde foram produzidas as biografias.....	92
Figura 16 - Imagem do material exposto na feira cultural da escola.....	94
Figura 17 - Estudantes apresentando as biografias durante a feira cultural.....	95

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico que evidencia o entendimento dos pais sobre a importância do PPP.....	78
Gráfico 2 - Gráfico que mostra a iniciativa dos pais no quesito procurar a escola .....	79
Gráfico 3 - Gráfico que demonstra a participação dos pais nas reuniões da escola .....	79
Gráfico 4 - Gráfico que demonstra a participação dos pais nas decisões da escola. ....	80

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
DCE	Documento Curricular do Estado
IBGE	Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PA	Pará
PCNs	Planos Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>I CAPÍTULO - ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL.....</b>	<b>26</b>
1.1 Delineando um trajeto: ensino de história e história local no Brasil .....	27
1.2 Entre a invisibilidade e a relevância: história local e a questão da identidade na escola	33
1.3 Uma “outra” maneira de ensinar: o ensino de história local em diálogo com o Pensamento Decolonial.....	39
1.4 Conceição desse Araguaia: lutas de sobrevivência dos povos ribeirinhos e o drama do Araguaia.....	43
<b>II CAPÍTULO – MEMÓRIA, COLONIALISMO E ENSINO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>53</b>
2.1 Entre o vivido e o ensinado: memória, ensino de história local e comunidade .....	53
2.2 Versões de uma história: escritos colonialistas da história de Conceição do Araguaia-PA	60
2.3 Lembrando do que já não existe: memória e resistência nas relações com o Araguaia .	66
<b>III CAPÍTULO – EXPERIÊNCIA DIDÁTICA PARA ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL</b>	
<b>.....</b>	<b>73</b>
3.1 Campo da Pesquisa: Escola Wilson Leite .....	73
3.2 O caminho da pesquisa: conhecendo para produzir .....	80
3.3 Pesquisadores em Ação: produzindo biografias e estudando história local.....	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>159</b>

## INTRODUÇÃO

Sou professora da rede pública de ensino do Estado do Pará (SEDUC) há 14 anos, e da Rede Municipal de Ensino da cidade de Conceição do Araguaia (SEMEC), há 13 anos. Conclui a graduação, licenciatura plena em História, no ano de 2006 e, depois disso fiz especialização em Gestão Ambiental com Ênfase Educacional. Após 16 anos, inquietada, sobretudo com meu próprio contexto de trabalho, resolvi voltar à sala de aula, como estudante no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória. Tais inquietações, referem-se à relação do currículo com a vida dos educandos, o interesse pelas aulas de história e, sobretudo, a ausência do ensino de história local nas duas redes de ensino.

Percebi a necessidade dos estudantes em conhecerem uma história mais próxima da sua realidade, do mundo em que estão inseridos, que buscasse considerar suas vivências. Esses anseios que faziam parte da minha prática em sala de aula se tornaram reais, quando um determinado aluno do primeiro ano ensino médio, fez-me o seguinte questionamento: “Professora por que a gente não estuda a história de Conceição do Araguaia, a nossa história?”.

Assim, o anseio que já trazia há anos, se concretizou por meio da fala e cobrança desse aluno. Entendi então o potencial e a necessidade em desenvolver uma pesquisa sobre história local. Bittencourt (2009), destaca que “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência” (BITTENCOURT, 2009, p.68).

A proposta desta pesquisa se baseou na construção, em parceria com os estudantes do 2º ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite, de uma versão “outra” da história local. Uma história que não priorize a perspectiva tradicional política, oficial e eurocentrada, que conta somente a história das elites locais, mas versões contadas por moradores da cidade, neste caso os ribeirinhos. Sujeitos que não aparecem na história considerada oficial, mas que formam um importante grupo, diretamente ligado aos estudantes da escola onde a pesquisa foi desenvolvida.

Os moradores ribeirinhos de Conceição do Araguaia – PA, foram escolhidos porque, a partir de suas histórias de vida, é possível entender diversos fatores sobre a história da cidade, como as migrações que ocorreram para a região, as transformações positivas e negativas que aconteceram no decorrer do tempo, e, sobretudo a relação estabelecida por eles, nas diversas fases de suas vidas, com o rio Araguaia. Desta forma, a construção histórica se deu a partir de uma ressignificação e valorização daqueles que até então estavam invisibilizados.

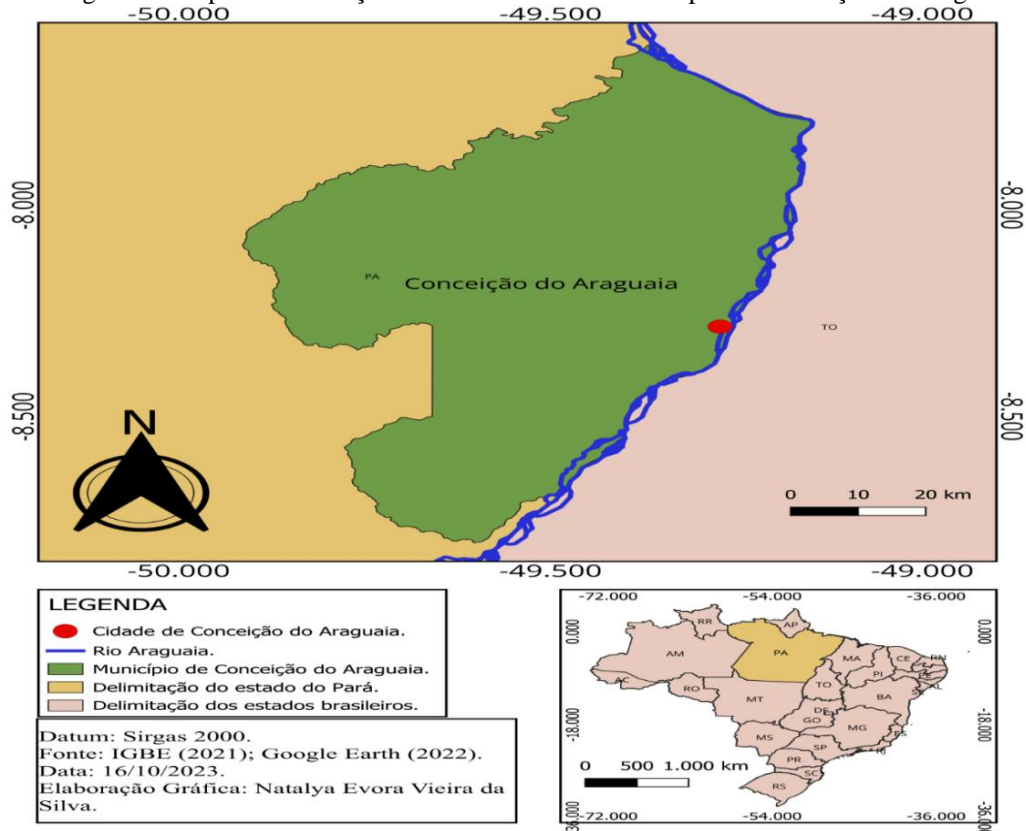
Os ribeirinhos são aqui compreendidos como indivíduos que em suas vivências conservam com o rio uma relação social e cultural imbuída de afetividade. Assim, o ribeirinho caracteriza-se como aquele que possui algum tipo de ligação com o rio, conforme indica Brito e Shimasaki: “Estes vínculos podem ser de trabalho quando os recursos do rio são garantia do sustento da família ou do indivíduo; podem ser por morar próximo ao rio e ter alguma relação com a dinâmica produzida no espaço, pelo rio (...)” (2020, p. 04). Sendo assim, os moradores do bairro Tancredo Neves, onde a Escola Estadual Professor José Wilson Pereira Leite está inserida, bem como a grande maioria dos estudantes que a frequentam, são considerados ribeirinhos, pois não só moram nas proximidades do rio Araguaia, mas mantem como ele uma ligação direta através do seu uso em momentos de diversão, mas também para pesca e comércio de alimentos e bebidas.

Desta maneira, além do interesse particular, uma das motivações para o desenvolvimento desta pesquisa, baseada na história local, e mais especificamente na história de vida dos ribeirinhos, também se deve ao preenchimento de uma lacuna, que se refere às experiências desse importante grupo social. Sobre essa questão, Barros (2022) afirma que:

[...] muitas das motivações para se escrever História Local decorrem da necessidade de preencher lacunas historiográficas ou de atender demandas internas [...] Estuda a região ou a localidade, em muitos casos, porque ela ainda não foi estudada, ou ainda porque – embora já muito estudada – não foi examinada no que concerne a algum aspecto em especial (2022, p. 44).

A cidade de Conceição do Araguaia fica localizada no sudeste do estado do Pará, a aproximadamente 1.000 km da capital Belém (localização no mapa abaixo) e tem uma população estimada em 47. 864 mil habitantes (IBGE, 2020). A economia araguaiana baseia-se em atividades como, pecuária, pesca, piscicultura, agricultura e turismo.

Figura 1 - Mapa da localização da cidade dentro do município de Conceição do Araguaia



Fonte: Trabalho de elaboração gráfica. SILVA, 2023.

As narrativas da história de Conceição do Araguaia são quase exclusivamente da cidade que nasce a partir da ação missionária dos dominicanos, que vieram para a região no século XIX, com o objetivo de aculturar os povos originários, por meio da catequese, como afirma o memorialista Isaú Coelho Luz (2011):

O lugar escolhido para fundar a Catequese tinha elevação suave, em forma de rampa. Era um lugar de landisal bonito e capim grosso. Olhando de lado, o padre vê o tucum rasteiro e muito maracujá. O padre saiu, deu uma voltinha e retornou dizendo aos que estavam no barco: - Isso aqui é o lugar. Vai ser a cidade da Virgem Imaculada Conceição! É aqui, está escolhido esse lugar. Vamos plantar a cidade de Nossa Senhora aqui (LUZ, 2011, p. 91).

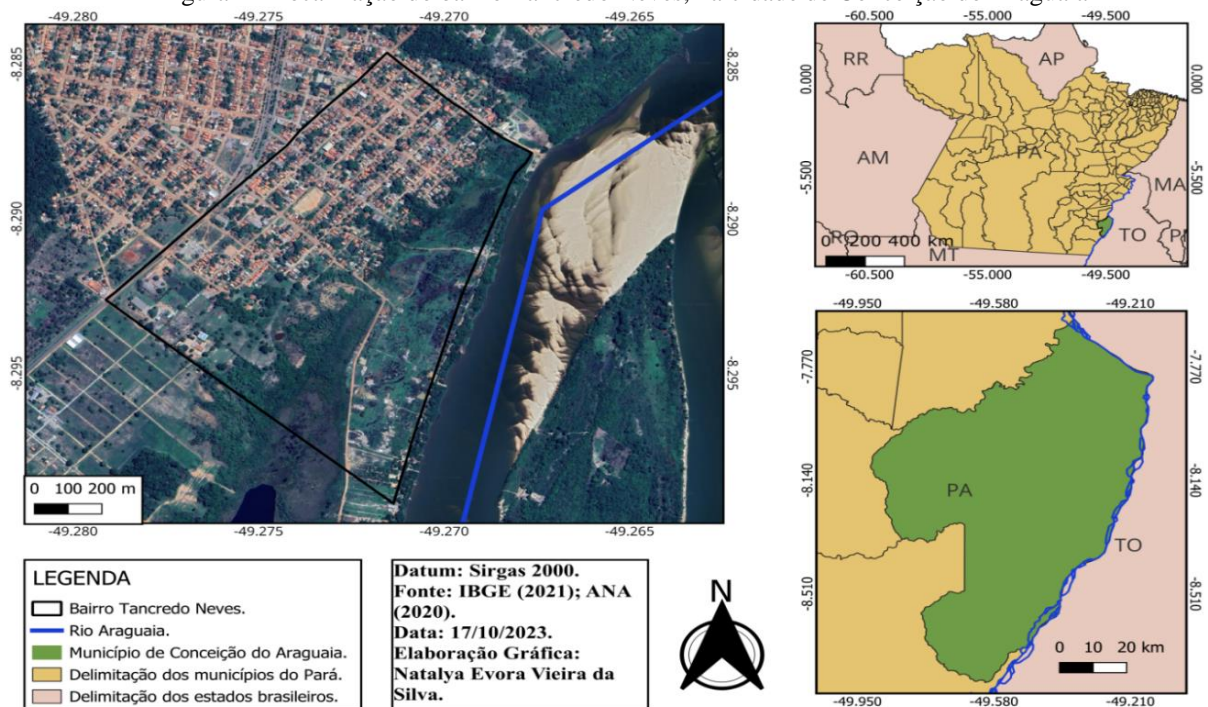
Após escolher o local à margem esquerda do rio Araguaia, o frade dominicano Frei Gil de Vila Nova fundou a cidade, em 1897. A partir de então, deram início ao processo de “pacificação” dos nativos da região, usando como principal ferramenta a catequese. Essa narrativa ignora e subalterniza o povo comum, que na maioria dos escritos não aparece nem como coadjuvante. Da mesma forma, também não aparece na historiografia e em boa parte das aulas de história. Desta maneira, este trabalho possui o interesse em fortalecer a identidade dos estudantes pelo reconhecimento, enfatizando que são protagonistas da história, inclusive



protagonistas na necessária luta de preservação do rio Araguaia. Outro fator que precisa ser destacado, diz respeito a necessidade que existe da historiografia profissional em se voltar para as questões locais, para que estas não fiquem relegadas somente a grupos “sem a devida formação teórico-metodológica” (BARROS, 2022, p. 45). Além disso, destaco que esta pesquisa ocasiona a aproximação entre a realidade vivenciada no meio escolar com o mundo acadêmico, pois estabelece um diálogo entre ambos. No que concerne à sociedade, a população poderá ter acesso a versões da história de Conceição do Araguaia-PA, contadas por pessoas até então invisibilizadas pela história.

A escola onde a pesquisa foi desenvolvida, Escola Estadual Professor José Wilson Pereira Leite, localiza-se no bairro Tancredo Neves, na zona periférica da cidade, às margens do Rio Araguaia (na imagem abaixo é possível visualizar a localização do bairro no interior da cidade).

Figura 2 - Localização do bairro Tancredo Neves, na cidade de Conceição do Araguaia



Fonte: Trabalho de elaboração gráfica. Silva, 2023.

Fundada em setembro de 1990, a Escola Professor José Wilson Pereira Leite (demonstrada na imagem abaixo) possui 8 salas de aulas que atende aos três turnos com ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A turma que participou da pesquisa foi o 2º ano do Ensino Médio, turno matutino, que conta com 25 alunos matriculados, os quais residem em sua maioria no bairro ou nas proximidades. Os estudantes atendidos pela instituição

de ensino, caracterizam-se por uma gama diversificada de crianças, adolescentes, jovens e adultos, que em sua grande parte, pertencem a famílias que possuem uma renda familiar baixa, filhos de pescadores, agricultores, oleiros, domésticas, entre outros.

Figura 3 - Fachada e rua da escola lócus da pesquisa



Fonte: J DRONES (2022).

Sobre a história de Conceição do Araguaia existem trabalhos de memorialistas, sociólogos e historiadores, que abordam questões como: a História de Conceição do Araguaia, A luta pela terra, a visão dos dominicanos em relação aos indígenas, e o colégio Santa Rosa na dinâmica da educação-pacificação dos “selvagens” do Araguaia paraense. Livros e dissertações analisados no decorrer desta pesquisa.

Frente a esses escritos surgem alguns questionamentos: o que os estudantes sabem sobre a história de Conceição do Araguaia? Qual a relação estabelecida entre moradores ribeirinhos com o rio Araguaia ao longo de suas vidas? De que forma a história de vida dos moradores ribeirinhos de Conceição do Araguaia pode contribuir com a construção do conhecimento histórico local e consequentemente o ensino de História?

Partindo dessas problemáticas, enfatizou-se o viés que teve como ponto de partida uma história que dialogasse com ribeirinhos. Nesse sentido, Assis, Bellé e Bosco (2013) quando tratam sobre o ensino de história local, afirmam que: “Necessita-se trazer as memórias e

lembranças mais profundas daquela sociedade para a transformação de tais relatos em uma verdadeira identidade cultural (ASSIS, BELLÉ, BOSCO, 2013, p. 7).

Quando o ensino de história prioriza a comunidade onde os estudantes estão inseridos, traz consigo conhecimentos não encontrados nos livros didáticos, mas uma versão em que os alunos e seus familiares são os próprios sujeitos históricos: “[...] é a história sendo contada a partir de outra versão, por pessoas próximas aos alunos e isso a torna mais fascinante” (Assis Bellé, Bosco, 2013, p. 08).

Desta forma, a história local e regional tornou-se de fundamental importância, tendo em vista sua contribuição para a vida dos estudantes, já que a abordagem histórica dos fatos e das características do mundo que os cercam, leva-os a se entenderem como sujeitos históricos transformadores de sua realidade, como enfatiza Silva (2021): “os alunos são sensíveis àquilo que lhes é caro, sua experiência histórica” (Silva, 2021, p.10). Sendo assim, trabalhar com ensino de história local em sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem crítica, uma vez que examinando sua própria história os estudantes constroem um posicionamento analítico frente a seu contexto e passam a se entender como parte importante na composição de sua sociedade. Nesse sentido, a proposta é a seguinte:

[...] pensarmos na intersecção, no diálogo e não, na hierarquização ou sobreposição entre saberes. É apostar que tais saberes precisam estar em igualdade, na horizontalidade ou na dialogicidade [...] é evidenciar a multiplicidade de conhecimentos que o local pode possibilitar (ANTONI; PAIM; ARAÚJO, 2021, p. 35).

O objetivo neste trabalho é promover o ensino de história numa perspectiva de valorização da história local, no diálogo com o pensamento decolonial e na audição de homens e mulheres da região, cujas memórias fazem parte da história da comunidade escolar na qual estou inserida. Descentralizar o foco dos conteúdos históricos, superando seu caráter eurocêntrico, admitindo novos saberes junto com aqueles que já existem, é esforço central desse processo de significação da educação a partir do ensino de história.

Para a realização da pesquisa foram utilizados três tipos de fontes: fontes orais para o trabalho com a memória; documentos escritos, como a BNCC (Base Nacional Curricular Comum) e o DCE (Documento Curricular do Estado); e fontes bibliográficas relacionadas à temática, como obras de memorialistas que já escreveram sobre a Conceição do Araguaia.

As fontes orais foram construídas a partir das entrevistas realizadas com moradores ribeirinhos de Conceição do Araguaia-PA. A pesquisa documental, relacionada a BNCC e o DCE, importantes documentos que regulamentam o processo de ensino e aprendizagem em

nível nacional e estadual, possibilitou precisarmos o espaço que o local possui no currículo. Já as obras dos memorialistas que entraram na gama de investigação desenvolvidas pelo memorialista Isaú Coelho Luz, intituladas “Rastros e Pegadas” e “Memórias Araguaianas”, trazem diversas narrativas sobre a história da cidade.

A efetivação desta pesquisa pretendeu alcançar novas perspectivas e abordagens metodológicas para o ensino de história local, dando ênfase para a história de vida dos ribeirinhos, e suas diversas construções e relações com o rio Araguaia, mais especificamente como o rio aparece nas vivências desses sujeitos. Para tanto, o uso da história oral, contada a partir da memória dos ribeirinhos, foi de suma importância. Verena Alberti (2008) define a história oral, enquanto metodologia, da seguinte forma:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2008, p. 155).

Sobre a importância das fontes orais para o trabalho com grupos invisibilizados, Portelli afirma que: “Fontes orais são condições necessárias (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas” (PORTELLI, 1997, p. 37). Essa é a mesma perspectiva de Thompson (1992), que entende a história oral como o método eficiente para a realização de uma narrativa que considere as classes desprivilegiadas, como trabalhadores, camponeses e comunidades pobres, o que se aplica ao nosso caso, dos ribeirinhos.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância do uso da memória. Para Pierre Nora (2009), a importância adquirida nos últimos tempos se deve a um contexto marcado por profundas mudanças que envolvem diversos grupos sociais, antes marginalizados.

Durante os últimos vinte e cinco anos, todos os países, todos os grupos sociais e étnicos, passaram por uma profunda mudança, mesmo uma revolução, no relacionamento tradicional que tem mantido com seu passado. Essa mudança tem adotado múltiplas e diferentes formas, dependendo de cada caso individual: uma crítica as versões oficiais da história; a recuperação dos traços de um passado que foi obliterado ou confiscado; o culto às raízes (NORA, 2009, p. 6).

No que se refere ao conceito de memória, é possível destacar que se caracteriza por suas construções, ou seja, a memória de um indivíduo é constituída a partir das memórias de outros sujeitos, como pondera Halbwachs (2006): “a memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente” (HALBWACHS, 2006, p. 72). Desta forma, a memória é

construída nas relações sociais que se estabelecem no dia a dia. A memória individual parte da memória coletiva.

Para a realização das entrevistas, foram mapeados 2 moradores ribeirinhos entre os familiares dos alunos, através da aplicação de questionário, destes somente 1 participou, pois o segundo viajou sem data para retornar. Quando não foi possível, o critério de escolha foi direcionado para aqueles que pertencem a comunidade na qual os estudantes estejam inseridos, por esse viés mapeamos outros 3 moradores, para então entrevistá-los. De acordo com Thompson: “A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo, colhendo ideias e informações (THOMPSON, 1992, p. 254)”.

Em seguida ao mapeamento foram escolhidas quatro pessoas, cujas memórias ajudaram no estudo, objeto da pesquisa. O modelo de entrevista escolhida foi de roteiro semiestruturado, com questões que pudessem ajudar os entrevistados a falarem, no percurso de suas vidas, das suas relações com nosso objeto de estudo. Ajudou a pensar a metodologia, o estudo de Bosi (1994), para quem:

[...] é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem-marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente conhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem [...] (BOSI, 1994, p. 60).

As entrevistas e as transcrições foram realizadas por mim, e em seguida levadas para conhecimento e socialização com os estudantes, através das oficinas, que ocorreram no horário das aulas. Como estou em gozo de licença aprimoramento, foi necessário estabelecer cooperação com o professor titular, que cedeu aulas e permitiu que trabalhasse com os alunos durante a realização da pesquisa.

A efetivação desta pesquisa possuiu como propósito a construção de uma nova proposta de ensino de história local. Em parceria com os estudantes foram construídas as biografias dos ribeirinhos entrevistados, reunidas em uma cartilha, em formato PDF. Essa experiência de pesquisa, bem como a produção do material citado acima, ficará disponível na biblioteca da escola da rede onde trabalho, para que outros professores possam fazer uso da proposta no ensino de história local. Outra possibilidade, é realizar a apresentação da pesquisa no período de formação de docentes, que ocorre no início de todo ano letivo, pois assim teremos a certeza da divulgação e disponibilização desse material, de forma que possa contribuir com o trabalho desenvolvido em sala de aula.

Os resultados desta pesquisa serão apresentados sob a forma de três capítulos. O primeiro, aborda a questão do ensino de história e história local, o qual se problematiza a relevância do registro da história do meio onde o estudante está inserido, bem como de suas vivências, para o seu reconhecimento como parte integrante do processo histórico, contribuindo com o desenvolvimento de sua criticidade e identidade, estando aí a estreita relação entre ensino de história e história local.

O capítulo se subdivide em algumas questões fundamentais da pesquisa, a primeira, sobre as trajetórias do ensino de história e da história local no Brasil”, foi realizada uma discussão sobre o percurso do ensino de história e suas relações com a história local ou regional, e as intersecções com a história nacional. A percepção, a partir dos estudos realizados é da longa duração da história como ciência a ser ensinada nas escolas a serviço de um projeto de unificação das identidades nacionais, com forte caráter naquilo que Elza Nadai (1990) chama de pedagogia do cidadão. É nesse quadro que se percebe, de um lado a invisibilidade, e de outro lado, a necessidade de demonstrar a relevância da história local, como forma de autorreconhecimento dos sujeitos que estão na sala de aula e nem sempre se reconhecem na história que lhes é apresentada.

As pesquisas mais aprofundadas no campo da história local e regional ocorrem a partir dos anos de 1980, como contraponto aos modelos de explicações generalizantes e como reflexo da criação das universidades, que teve como uma de suas consequências a profissionalização do historiador. A partir de então os debates em torno da questão do local e regional passaram a ter maior destaque. Sendo assim, a história local e regional passou a ser compreendida por meio de sua relação com a noção de lugar, que além do espaço físico se refere às relações subjetivas que se estabelecem e que integram as identidades.

Essa percepção da relevância da história local nos levou à proposição de “outra maneira de ensinar história”, onde o pensamento decolonial é chave interpretativa muito apropriada para a problematização da história tradicional e do ensino fundado, nessa perspectiva em que o aluno é um estranho ao processo histórico e, ao mesmo tempo, os intelectuais da decolonialidade, ajudam na proposição de alternativa, a história que dialoga com o global, mas parte do chão em que vivem os homens, mulheres, adolescentes, enfim, todos os que participam do processo educativo no qual estamos envolvidos.

É nesse quadro que se discute o ensino de história local a partir de Conceição do Araguaia, especialmente tendo a memória dos ribeirinhos como referência, perspectiva epistemológica que até pouco tempo seria considerada absurda, mas que se tornou viável a partir do movimento de questionamento da ciência eurocentrada.

Esse foi um momento muito importante do processo de pesquisa, e do trabalho realizado com os estudantes, o contato com os ribeirinhos e as oficinas que os aproximaram da escola. Quatro ribeirinhos participaram desse momento de revisitação à história de Conceição do Araguaia, o que foi feito paralelo à leitura de Octávio Ianni, especialmente sua obra “A luta pela terra”. Percebemos que a comunidade local se relaciona com o Rio Araguaia e com a terra, no passado e atualmente. Sendo possível compreender a forte ligação que a população local possui com o rio, através dos seus usos e, também, as tensões sociais ocasionadas pela luta pela terra entre posseiros e grandes fazendeiros, que passou a desenrolar-se a partir da década de 1970, causada por dois fatores principais, a construção da rodovia Belém-Brasília e a política desenvolvida pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), de incentivos voltados a instalação de projetos agropecuários na região.

Com base na proposta que tem por objetivo estabelecer um diálogo com grupos invisibilizados pela historiografia local, para então construir uma proposição metodológica de ensino de história local e regional, foi produzido o segundo capítulo “Memória e Ensino de História”. Esse capítulo abre uma discussão sobre o vivido e o ensinado para, a partir desse jogo discursivo, acentuar a importância da memória no ensino de história. Isso porque, embora tenha sido cada vez mais significativa a produção sobre memória, sobretudo a partir da atuação de centros de memória como da Fundação Getúlio Vargas, os espaços de aula ainda têm dificuldade de trabalhar com a oralidade, quase sempre restritas, quando aparecem na escola, são em datas festivas como aniversário da cidade.

Acreditamos, com fundamento nos resultados da pesquisa, que essa marginalidade da memória se dá em função do caráter colonialista do ensino de história como um todo, e da história local em particular. Assim, nesse ponto, se discute o viés colonialista presente na historiografia local a partir de trabalhos que priorizam somente a versão e a visão do colonizador, de forma romântica e dualista, invisibilizando os demais sujeitos sociais que também fizeram parte do processo de formação do município. Essas literaturas são colocadas em contraponto com uma bibliografia que aborda os diferentes grupos e sujeitos sociais presentes no processo de formação de Conceição do Araguaia, quebrando assim, com a invisibilidade imposta pelo colonialismo.

Essa perspectiva colonialista não é suficiente para captar as mudanças, os dramas, as cheias ou as festas dos povos comuns que vivem do Rio em Conceição do Araguaia. É nesse sentido que na nossa iniciativa “outra” refletimos, no ponto 2.3 desse capítulo, sobre o que já não existe, como forma de percepção das mudanças temporais na ótica de quem as viveu, os ribeirinhos. Trata-se de uma reflexão sobre vida e resistência nas relações com o Araguaia, que

versa sobre a forte presença do rio Araguaia na cultura e identidade dos povos ribeirinhos, sobretudo aqueles que residem nas cidades que margeiam o rio, já que este está diretamente inserido nas suas vivências. A memória dessas pessoas é marcada pela resistência em relação ao rio, pois é constante a disputa pela água, tendo em vista a ocupação de suas margens, fato que impacta diretamente o equilíbrio e a biodiversidade.

O terceiro capítulo é o fazer da teoria, ou seja, se abrimos com uma discussão sobre o ensino de história e, na sequência, problematizamos o viés colonialista eurocentrista da ciência histórica e do seu ensino em sala de aula, apontando a memória como alternativa, este capítulo é a realização prática dessa proposta “outra”. Assim, esse momento é o relato da nossa vivência, das experiências em sala de aula com os estudantes, das experiências desses últimos de, ouvindo seus antepassados e desenvolvendo atividades típicas do fazer ciência histórica, também se descobrirem nesse fazer como sujeitos históricos.

Tais experiências foram vivenciadas a partir de oficinas. Nas oficinas foram desenvolvidas: a apresentação da proposta da pesquisa; rodas de conversa para averiguar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a história da cidade; aplicação de questionários para conhecer melhor os estudantes e identificar a existência de ribeirinhos entre seus familiares; construção de árvore genealógica para a visualização de suas origens; estudo de texto sobre o conceito, importância e características da história local; análise pontual de texto relacionada a realização e transcrição das entrevistas; oficina de entrevistas onde os alunos separados em dupla praticaram a entrevista, e posterior transcrição com base em questionário de história de vida construído por mim. As oficinas seguintes foram direcionadas para estudo de texto, explicação e debate sobre: o que são, a finalidade e como construir uma biografia. Posteriormente a turma foi dividida em quatro grupos, cada grupo ficou responsável pela análise da transcrição da entrevista de um ribeirinho e a construção de sua biografia. Por fim, desenvolveram uma produção de texto onde expuseram o entendimento adquirido sobre pontos ligados a história da cidade bem como a opinião sobre os trabalhos desenvolvidos durante as oficinas.

O passo seguinte foi a realização da exposição das biografias, em forma de banners, durante a feira cultural da escola, na qual os alunos puderam explicar para a comunidade escolar e visitantes, a biografia dos ribeirinhos, resultado da pesquisa desenvolvida. Neste momento, pudemos contar com a presença de uma das entrevistadas Maria das Neves, e seus familiares. Os demais entrevistados foram convidados, mas em função da rotina de trabalho não puderam comparecer, somente alguns membros da família do senhor Toninho Ribeiro dos Santos e da dona Marlene Pereira das Neves estiveram presentes. Em seguida, será realizada a apresentação



da cartilha, produto desta pesquisa, que foi confeccionada por mim. A referida cartilha é um material (pode ser visualizada no apêndice 04), que possui a seguinte estrutura: apresentação; um breve apanhado sobre a história e curiosidades referentes a Conceição do Araguaia-PA; a sequência didática desenvolvida durante a pesquisa; as biografias dos ribeirinhos confeccionadas pelos estudantes no decorrer das oficinas; os banners produzidos a partir das biografias, usados para apresentação do trabalho na noite cultural da escola; depoimentos dos estudantes sobre a participação na pesquisa; e por último, as considerações finais. Portanto, neste capítulo, tratamos da pesquisa em si e seus resultados, que tentou, de modo geral, contribuir com o propósito de uma abordagem diferente, uma alternativa para o ensino de história local.

## I CAPÍTULO - ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA LOCAL

[...] construção do conhecimento a partir da vivência, portanto do local e do presente, é a melhor forma de se superar a falsa dicotomia entre produção e transmissão, entre pesquisa e o ensino [...] entre o saber e o fazer”.

Joana Neves (1997, p. 26).

A história local, na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e no Documento Curricular do Estado do Pará (DCE), é tratada como um elemento fundamental para a formação do estudante. Ambos os documentos reconhecem a importância do ensino de história local como uma ferramenta para o desenvolvimento da identidade e de uma aprendizagem crítica. No entanto, o DCE centraliza o ensino história local nas séries iniciais do ensino fundamental (primeiro ao quinto ano), e a BNCC no ensino médio.

Na BNCC, a abordagem relacionada a história local é embasada na compreensão da diversidade cultural e na valorização das múltiplas narrativas, com ênfase na necessidade de promoção do respeito à pluralidade de culturas, sublinhando que o uso da memória local pode contribuir para uma educação que valorize diferentes sujeitos sociais. Já no DCE observa-se que a história local é usada para que os estudantes possam compreender sua cultura, sociedade e economia, e fortalecer o senso de pertencimento.

Esses documentos convergem na ideia de que o ensino de história local contribui para a construção do conhecimento histórico pelos estudantes, um conhecimento alinhado com a realidade a qual estão inseridos. Mesmo diante dessa abertura nos documentos oficiais que regulamentam o ensino-aprendizagem em nível nacional e estadual, verifica-se a ausência de espaços nos livros didáticos que tratem das questões ligadas a história local, isso porque os livros seguem uma produção baseada em conhecimentos eurocêntricos, então mesmo que houvesse espaço surge a questão, como seria essa produção?

Esta é uma lacuna que compromete a compreensão integral da formação dos estudantes, pois os livros priorizam eventos nacionais e internacionais, negligenciando as narrativas específicas das comunidades locais. Esse fato compromete a capacidade dos alunos de entenderem sua própria identidade e compreenderem o papel que sua comunidade possui no contexto local. Feitas essas considerações, partir-se-á para a discussão sobre a trajetória do ensino de história e história local no Brasil, bem como a relevância dessa última, e sua

consonância com o pensamento decolonial, que abre diálogos com sujeitos como os ribeirinhos de Conceição do Araguaia-PA.

### **1.1 Delineando um trajeto: ensino de história e história local no Brasil**

O ensino de história tem como uma de suas finalidades fazer com que o estudante se entenda como elemento integrante do processo histórico. Partido desse princípio o aluno poderá entender que também é parte do processo histórico, sendo, portanto, parte integrante dele (SCHMIDT E CAINELLI, 2004). Para que esse entendimento seja construído pelo estudante, um ponto relevante deve ser considerado, o que se refere ao registro que deve ser feito de sua própria história, e quando possível, do grupo pertencente.

Frente ao exposto, observou-se que o ensino de história se vincula diretamente com o ensino de história local, na medida em que essa última revela contribuições para os estudantes, podendo colaborar para que se vejam como sujeitos em sua comunidade, favorecendo o desenvolvimento de sua criticidade e identidade. Além disso, o uso da história local tem o potencial de viabilizar a construção de uma história que priorize o plural, o diálogo com sujeitos e grupos silenciados. Portanto, a história local, que envolve as experiências dos alunos e seus familiares, deve ser valorizada por meio do seu reconhecimento como conteúdo de ensino no âmbito da disciplina de história e a partir de metodologias desenvolvidas em sala de aula.

Um dos elementos mais importantes que devem ser considerados ao fazer uso da história local em sala de aula, é a relação que o local possui com outras esferas, sendo elas, nacionais e globais, tendo em vista que a realidade local não se explica por si só. Desta maneira, quando o ensino da história local propõe trabalhar com identidades, existe a necessidade de considerar e situar as referências “local, nacional, latino-americano, ocidental e mundial” (SCHMIDT E CAINELLI, 2004, p. 112).

Cavalcanti (2018), destaca que mesmo possuindo um teor “polissêmico” o conceito de local está diretamente ligado a noção de espaço e caracteriza-se pela existência de relações sociais, sendo sua delimitação fruto da configuração determinada pelo pesquisador, ou seja, é do historiador a função de delimitar e definir o local sobre o qual realizará sua investigação. Da mesma maneira Barros (2022) sublinha que o “lugar”, é fruto de uma construção, marcada pelas subjetividades das relações ali estabelecidas, e acometido de significados para o investigador.

O lugar é o local que adquiriu visibilidade para alguém, porque investido de certos significados. Assim, o lugar é o espaço ao qual foram agregados novos níveis ou

camadas de sentido... O lugar, sobretudo implica relações intersubjetivas que as integram a uma determinada objetividade (BARROS, 2022, p.25).

Conceição do Araguaia-Pará, enquanto local de pesquisa, é formada por uma gama de ligações que se estabelecem de forma subjetiva e dão sentido ao lugar. Mas, na prática, a história dessa teia de relações é constituída desde antes, dada a presença indígena anterior sua formação, sendo marcada pelo predomínio de escritos que se caracterizam no âmbito historiográfico pelas versões dos colonizadores.

Um dos maiores problemas existentes no ensino de história local se refere a sua “definição e abrangência”, já que tem predomínio, nos trabalhos que fazem referência a pequenas localidades, um número relevante de obras escritas por não historiadores, fato que além de causar críticas, também gera certo descaso pela temática (SCHMIDT; CAINELLI, 2004). Sobre esta questão, da história local contada por “historiadores” não profissionais, neste caso aqueles denominados como memorialistas, Barros (2022) destaca a necessidade que existe, da historiografia profissional em se voltar para as questões locais, para que estas não fiquem relegadas somente a grupos “sem a devida formação teórico-metodológica” (BARROS, 2022, p. 45).

Cavalcanti (2018), ao ponderar sobre os cuidados que devem ser considerados na abordagem da história local faz menção a não replicação de um viés que priorize a história da política e segmentos sociais dominantes em uma esfera menor: “é importante que a história local não se limite a reproduzir, em dimensões micro, o estudo da vida e das atividades de prefeitos e demais autoridades de determinado lugar” (CAVANCANTI, 2018, p. 169). Esta é uma característica encontrada com facilidade nas produções memorialísticas e, ainda que em menor escala, historiográficas. Ocorre que em alguns casos, historiadores são financiados por grupos de elite, que tencionam ver o nome de seus familiares na história do lugar, como forma de reafirmar seu poder local.

Apesar das problemáticas destacadas acima, tem se observado novas abordagens no âmbito da história local, fato explicitado, sobretudo, pela inclinação de muitos pesquisadores para a história social e mais especificamente “a história das pessoas comuns”. Os reflexos do interesse pelo ensino da história local são observados nos documentos oficiais como os PCNs (Planos Curriculares Nacionais) que vigoraram na década de 1990, onde “atividades relacionadas com o estudo do meio e da localidade, são enfaticamente indicadas como renovadoras para o estudo da história e salutaras para o desenvolvimento da aprendizagem” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 111).

Existem duas maneiras de abordagem da história local enquanto método de ensino, sendo elas: estratégia pedagógica e de aprendizagem. São formas utilizadas para que o entendimento do estudante seja viabilizado a partir de propostas que se relacionem com as vivências e conhecimentos que o estudante já possui. Na estratégia pedagógica é possível promover articulações entre o conhecimento histórico e fatos ligados ao cotidiano dos estudantes. Como estratégia de aprendizagem é concebível que a história local possa facilitar a apropriação do conhecimento histórico, partindo de recortes no interior do conteúdo, que serão incorporados na totalidade de conhecimentos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004).

Ao usar a história local como estratégia pedagógica é de fundamental importância priorizar a conexão com a história nacional e universal. O cerne da questão está em estabelecer uma compreensão da realidade próxima, que sempre deve estar relacionada com as demais (citadas anteriormente). Assim, o ensino de história local favorece o estudante na medida em que contribui para que possa analisar sua “realidade histórica” como parte de um conhecimento mais amplo. A esse respeito, Barros (2022) é categórico ao afirmar que o estudo do local ou da região pode ser o caminho para o entendimento de um todo: “A região torna-se caminho – e não obstáculo – para entender uma totalidade que a inclui” (BARROS, 2022, p.27).

No que se refere ao Ensino de História no Brasil, enquanto disciplina do ensino básico, verifica-se que passou por um longo processo até se firmar como tal. Essa trajetória, marcada por avanços e retrocessos, foi aqui abordada em conjunto com o emergir da história local e regional dentro do ensino de história em âmbito nacional. A proposta foi estabelecer uma trajetória em relação ao desenvolvimento do ensino de história, bem como da história local e regional no currículo brasileiro.

Elza Nadai (1993), ao realizar uma abordagem sobre o percurso do ensino de história, e a introdução da disciplina no currículo do primeiro e segundo grau, destaca “seus pressupostos teórico-metodológicos”, assim como as transformações, orientações e perspectivas propostas no decorrer do tempo. A autora em questão afirma que, o ensino de história passa por um momento de crise, sendo este reflexo das alterações que ocorreram na sociedade e na produção científica, onde houve a expansão do conjunto de perspectivas “do pensar, do fazer e do escrever a história”. Desta forma, o tradicional modelo introduzido no século XIX, que ainda persiste e faz parte do “fenômeno da longa duração”, não é mais capaz de suprir as demandas oriundas dessas mudanças. Esse modelo de ensino surgiu da seguinte forma:

A história enquanto disciplina escolar autônoma surgiu no século XIX, na França, imbricada nos movimentos de laicização da sociedade e de constituição das nações modernas, sendo marcada por duas imagens gêmeas, no dizer de François Furet: a

genealogia da nação e o estado da mudança, daquilo que é subvertido, transformado, campo privilegiado em relação àquilo que permanece estável (NADAI, 1993, p. 144).

Verifica-se com isso, que o surgimento da disciplina de história veio atrelado a necessidades das nações de justificar sua formação e construir sua identidade. No contexto pós-independência, o campo educacional foi caracterizado pela criação das primeiras universidades, escolas de ensino básico, sob forte influência francesa. Em 1938 no Rio de Janeiro, foi efetuada a inserção da disciplina de história no currículo do ensino básico, a partir da 6ª série, no Colégio Pedro II. Nadai (1993) destaca que:

Assim, se atentarmos para as questões postas pelos programas, currículos, materiais de ensino e pelas produções didáticas, a História, enquanto disciplina educativa ocupou, nas suas origens, não só no Estado de São Paulo, mas em todas as escolas secundárias e primárias (oficiais e particulares) que foram sendo implantadas pelo território nacional um lugar específico, que pode ser sintetizado nas representações que procuravam expressar as ideias de nação e de cidadão embasadas na identidade comum de seus variados grupos étnicos e classes sociais constitutivos da nacionalidade brasileira (NADAI, 1993, p. 149).

Fonseca (2006), também enfatiza que o “Estado” era posto como questão central no ensino de história e na história das disciplinas no Brasil. Reforça ainda que as fontes a serem utilizadas deveriam estar diretamente relacionadas a ele, como as leis.

Essa forma de abordagem da história das disciplinas e do ensino mostrava, de fato sua vinculação com uma tradição historiográfica que via o Estado como o centro do processo histórico e, evidentemente, privilegiava fontes que a ele estivesse ligada, como os projetos educacionais e a legislação, por exemplo (FONSECA, 2006, p. 18).

Fica evidenciado, que o currículo e as produções de história foram usados como um meio para legitimar a nação, não havendo neste momento menção as relações étnico-raciais, mais especificamente, a condição do índio, do negro, da mulher e as questões relacionadas a história local.

A França desempenhou forte influência na educação brasileira. Sobre essa questão Ferreira (1999), destaca a grande participação de profissionais franceses, sobretudo no ensino superior, a partir da criação das primeiras universidades na década de 1930. Essa influência se deu através da vinda de diversos professores para atuar nas universidades recém-criadas nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Os profissionais em questão contribuíram para a construção de novas noções relacionadas ao “objetivo e método da história e, por conseguinte do seu ensino” (NADAI, 1993, p. 155).

Ferreira (1999), avaliando as consequências da missão francesa no Brasil para a consolidação da universidade brasileira, destaca o papel de Henri Hauser:

O historiador mais importante a integrar as missões universitárias francesas nos anos de 1930 foi Henri Hauser [...] que ocupava um lugar de destaque na estrutura acadêmica francesa, sendo sua obra historiográfica considerada de grande relevância, uma vez que foi um dos percussores da história econômica (FERREIRA, 1999, p.10).

Vale enfatizar que, os professores franceses de história que aqui estiveram, passavam curtas temporadas, e em sua maioria não desenvolveram pesquisas e produções sobre o Brasil. Seus esforços centravam-se em garantir lugar para a disseminação da cultura francesa.

Os reflexos da introdução dos novos fundamentos trazidos pelos franceses só chegaram ao ensino secundário na década de 1950, quando os profissionais licenciados passaram a engajar-se no meio escolar. Apesar das transformações ocorridas, muitos aspectos permaneceram iguais.

[...] o conteúdo ainda era direcionado para um discurso explicador e eurocentrista. Explicava-se o método, mas o objetivo da ciência ainda era distinto do sujeito que a produzia [...] as fontes escritas prevaleciam sobre todas as demais (NADAI, 1993, p. 155).

Nesse momento, a história ensinada em âmbito nacional no ensino secundário tinha como cerne a história da Europa Ocidental, sendo que a história do Brasil ficava em segundo plano, como um apêndice, nos anos finais do ginásio, com reduzido número de aulas e centrada na biografia dos grandes homens, importantes datas e batalhas (NADAI, 1993).

No estado de São Paulo houve resistência quanto a inserção da disciplina de história no currículo escolar. O grupo que se posicionou de forma contrária, defendia a ideia de que antes deveria ser determinado um preceito “positivo” para a disciplina. Mas esse grupo foi vencido, já que o decreto 293 de 1895 inseriu tanto a história universal quanto história do Brasil no currículo, onde o ensino era centrado na “cronologia política” (NADAI, 1993).

A peculiaridade verificada no currículo paulista se refere ao estudo da história regional, desenvolvido no sexto ano, ocasião em que era abordada a história da Capitania de São Vicente. Esse é o primeiro momento no qual o estudo das questões regionais é mencionado no currículo nacional, de forma específica em São Paulo. Assim, até a década de 1950, o currículo de história no Brasil privilegiava somente “o Estado e as elites”, sendo que as questões ligadas ao local inexistiam.

Nos anos de 1970 ocorreu o alargamento dos temas pesquisados no campo historiográfico, uma abertura para novos objetos de estudo. As pesquisas iniciaram enfocando a classe trabalhadora, se estendendo posteriormente para a pesquisa de outros objetos como, mulheres e camponeses. Neste contexto, observou-se uma renovação na historiografia brasileira, onde as questões ligadas a história regional e local começam a ser destacadas, mesmo que somente no meio acadêmico, como destaca Elza Nadai:

Definitivamente o conceito de história alargara-se para incorporar temas e assuntos antes não valorizados e considerados menores. A própria historiografia brasileira passou por uma releitura: buscou-se a identidade nas diferenças – de espaço, de formação, de organização, de história, de lutas e de resistências. O regional e a história local foram cada vez mais estudadas em suas imbricações no nacional e no social em diversos programas de pós-graduação que se distribuíram pelo espaço brasileiro (NADAI, 1993, p. 157).

Mesmo com esses “avanços” no interior da historiografia, alguns retrocessos ocorreram em função da Ditadura Civil-Militar (1964 a 1985), momento em que a disciplina de história deixou de integrar o currículo do ensino fundamental, passando a compor uma pequena parte dos Estudos Sociais.

Foi o regime, no governo de general Emilio Garrastazu Médici, que impôs a lei n. 5.692, de 1971, na qual o ensino de Estudos Sociais foi compulsoriamente tornado obrigatório e estendido para as oito séries do antigo Primeiro Grau (SCHIMIDT, 2012, p. 85).

A imposição destacada acima é justificada pela professora Maria Auxiliadora Schimidt como uma forma de controle imposto pelos militares, tendo em vista a necessidade de inculcar sua ideologia autoritária na população a partir da escola.

No contexto educacional, as lutas sociais que esgotaram o regime civil-militar, se apresentaram como esforço na construção de novas orientações curriculares, que pudessem reformular programas e métodos do ensino, o que, no caso do ensino de história, concorreu para a reconstrução do código disciplinar, com a proposição dos Parâmetros Curriculares de História. O texto dos Parâmetros indicava a necessidade de se desenvolver um renovado entendimento referente ao modelo de ensino e aprendizagem de história, pautado no diálogo dos estudantes com sua realidade, como afirma Schmidt (2012):

O documento enfatiza a forma pela qual jovens e crianças podem ter acesso ao conhecimento histórico, tais como convívio social e familiar, festejos de caráter local, regional, nacional e mundial e pelos meios de comunicação, como a televisão. Parte, ainda, do pressuposto de que os jovens sempre participam, a seu modo, do trabalho de memória que recria e interpreta o tempo e a História e agregam às suas vivências,



informações, explicações e valores oferecidos na sala de aula (SCHMIDT, 2012, p. 87).

Desta forma, os conhecimentos previamente estabelecidos dos estudantes, passaram a ser considerados, bem como fatores que envolvessem as questões do local e regional. Isso significa que novas problemáticas passariam a ter visibilidade e grupos que antes não possuíam espaço dentro da história, começariam a ser pesquisados.

Portanto, verificou-se que o florescimento de novos objetos de pesquisa no campo da historiografia colocou em evidência a necessidade da história local e regional, primeiramente no meio acadêmico, e posteriormente no âmbito escolar. Os Parâmetros Curriculares, diretrizes elaboradas para orientar e normatizar o ensino-aprendizagem, produzidos na década de 1990, passaram a considerar a importância de se enfatizar os conhecimentos e a realidade em que o estudante estava inserido como parte do processo educativo desse mesmo sujeito/autor.

## **1.2 Entre a invisibilidade e a relevância: história local e a questão da identidade na escola**

A vivência desses 14 anos em sala de aula na educação básica me levou a ver que o processo de ensino e aprendizagem não tem considerado a importância da história local e regional para a compreensão, pelo estudante, de seu contexto. Essa compreensão é fundamental, pois possibilita o entendimento da formação e características da identidade dos educandos.

De acordo com Silva (2013), foi somente no final da década de 1980 que se desenvolveram pesquisas mais elaboradas no âmbito da história local e regional, fato que é justificado pela influência da concepção historiográfica da Nova História:

O estudo da História Regional e Local nem sempre teve importância no mundo acadêmico, apenas a partir do final da década de 1980, surgem trabalhos mais sistematizados relacionados ao tema. Isso só foi possível graças a uma nova concepção historiográfica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História. A partir dessa nova abordagem historiográfica, passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica, bem como uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador (SILVA, 2013, p. 03).

Desta maneira, ocorreu a ampliação de temas e objetos pesquisados, em uma abordagem “plural”, que estabeleceu diálogos com sujeitos até então suprimidos. Nesse contexto, a história local e regional ganhou maior relevância.

Ao tratar a história local e regional como a historiografia do pequeno espaço, Barros (2022) realiza uma abordagem enfatizando que ela surge no Brasil, em contraposição as grandes narrativas, ou seja, modelos de explicações onde predominavam generalizações.

Os debates em torno da história local em âmbito nacional surgem inicialmente em 1930, com as reformas curriculares. Em 1971 foi referida pelo Conselho Nacional de Educação, entendida, neste momento, como um recurso didático. Posteriormente, na década de 1990, a história local foi tratada pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) como temática e metodologia a ser utilizada no ensino básico (CAVALCANTI, 2018).

Essas menções ao ensino de história local são reflexos da profissionalização do historiador, que tem início a partir da criação das universidades no Brasil. As pesquisas voltadas para o local começam a ganhar força e estabelecem críticas ao “modelo simplificador e generalizante” das obras que existiam até o momento. Assim, as pesquisas focadas nas questões do local, possibilitam renovadas leituras para temas que ainda não haviam sido explicados (BARROS 2022).

Analisando o posicionamento e/ou abertura da BNCC - Base Nacional Curricular Comum (documento que norteia a educação básica brasileira), especificamente para o ensino de história local e regional no ensino médio, foi possível entender que há uma clara posição sobre a questão. O documento definiu que o componente curricular de História no Ensino Médio fosse incluso na área de Ciências Sociais Aplicadas, que comportam além de História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Ao definir as “competências específicas de ciências humanas e sociais aplicadas para o ensino médio”, o documento clarifica uma abertura para o trabalho com as questões ligadas ao local e regional.

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Neste fragmento visualiza-se a abertura para o ensino de história local no ensino médio, no momento em que é mencionado a análise que se deve fazer em âmbito local e regional, de elementos referentes a política, economia, sociedade, meio ambiente e cultura. Mas, ao descrever as habilidades específicas para a competência descrita acima, não é possível visualizar de forma clara, nenhuma que trate do ensino de história local e regional.

Figura 4 - Quadro de habilidades referentes a primeira competência de Ciências Humanas

HABILIDADES
<b>(EM13CHS101)</b> Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
<b>(EM13CHS102)</b> Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
<b>(EM13CHS103)</b> Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
<b>(EM13CHS104)</b> Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
<b>(EM13CHS105)</b> Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
<b>(EM13CHS106)</b> Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Fonte: Base Nacional Curricular Comum, 2018.

O Documento Curricular do Estado do Pará – DCE, oferece as diretrizes que orientam somente a educação infantil e o ensino fundamental em âmbito estadual. Ao realizar a análise sobre currículo, o documento tece críticas as práticas pedagógicas descontextualizadas, que não consideram a realidade do estudante e não contribuem para que possam perceber-se como sujeitos.

É comum ainda hoje, as escolas reproduzirem práticas pedagógicas que dicotomizam teoria e prática vistas descontextualizadas do mundo da vida, e compartimentalizam o saber que promovem um isolamento entre as áreas de conhecimento. Portanto, discutir currículo é incorporar a dimensão da cultura sem ter prejuízos de uma dimensão política (todos têm um papel na sociedade; a escola muda a vida dos alunos) e é permitir ao sujeito se ver e enxergar ao outro (DCE, 2019, p. 15).

Segundo o DCE, o currículo deve considerar a multiplicidade de culturas e o entendimento de como as diferenças são produzidas, cabendo ao professor considerar e abordar essas diferenças em suas aulas. Ademais, está destacado entre os princípios desse documento “[...] aspectos inerentes aos costumes e modos de vida dos povos que vivem na Amazônia Paraense com suas riquezas cultural e econômica distribuídas nas mais diversas regiões do Estado” (DCE, 2019, p 17), ficando assim demonstrado, em termos gerais, a abertura para o trabalho com o ensino de história local em sala de aula.

Ao tratar de forma específica o componente curricular de História, o DCE mais uma vez oferece suporte para abordagens que incluam o estudante no processo de construção do conhecimento histórico, que considere questões locais e regionais.

Vale ressaltar que, no campo da História, tal autonomia implica em estimular o uso de múltiplas fontes e linguagens (competência geral 4) na compreensão dos diferentes processos históricos. Assim, a noção de “passado” passa a receber um novo tratamento, deixando de ser algo distante; a própria realidade, marcada por processos locais, regionais, globais, de diferentes naturezas, passa a ter diante de si uma postura investigativa, levando o discente a olhar para o presente por meio das diferentes faces das expressões culturais e levá-lo a ir à busca de suas origens, tradições e identidades, associando-as ao tempo presente e, sobretudo, voltando seu olhar à Amazônia paraense (DCE, 2019, p.238).

Desta maneira, o DCE oferece abertura para o ensino de história local, de forma que esse ensino possa ser incluído no currículo das escolas da rede. Mas, ao destacar nos quadros dos eixos temáticos, dos subeixos e das habilidades que levam a identificação do conteúdo, percebe-se que todas as menções relacionadas história local encontra-se na parte destinada a educação infantil, não havendo nenhuma habilidade dessa natureza no ensino fundamental maior, do 6º ao 9º ano. Sendo as habilidades pertencentes de forma específica ao ciclo do 1º, 2º e 3º ano, conforme demonstrado na imagem abaixo, no subeixo 2, habilidades EF03HI01, EF03HI04 e EF03HI05, havendo ainda outras.

Figura 5 - Quadro de habilidades do Documento Curricular do Estado do Pará.

HISTÓRIA			
1º, 2º E 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL			
Eixo	Subeixo	Objetivos de aprendizagem	Habilidades
ESPAÇO/TEMPO E SUAS TRANSFORMAÇÕES	1. Tempo, trabalho, tecnologias e a transformação do espaço	1.1 Identificar as diferentes noções de tempo, associando a diferentes culturas, espaços e mundos do trabalho	(EF02HI06) Identificar e organizar, temporalmente, fatos da vida cotidiana, usando noções relacionadas ao tempo (antes, durante, ao mesmo tempo e depois) (EF02HI07) Identificar e utilizar diferentes marcadores do tempo presentes na comunidade, como relógio e calendário (EF02HI10) Identificar diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive, suas especificidades e importância (EF02HI11) Identificar impactos no ambiente causados pelas diferentes formas de trabalho existentes na comunidade em que vive (EF03HI11) Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos
		1.2 Identificar as relações de trabalho e as formas de lazer em diferentes temporalidades e espacialidades	(EF01HI05) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares (EF03HI12) Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências
	2. A paisagem amazônica como produto da relação homem/natureza	2.1 Observar, pensar e descrever a paisagem	(EF01HI04) Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem (EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade e o município, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc. (EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados (EF03HI05) Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados (EF03HI10) Identificar as diferenças entre os espaços públicos e o espaço doméstico

Fonte: Documento Curricular do Estado do Pará, 2019.

Frente a análise dos documentos, entende-se que existe a necessidade de adequação em ambos os documentos, na BNCC com habilidades específicas que atendam a competência de número 1 referente ao ensino de História no ensino médio, já no DCE é necessário abrir espaço no ensino de história local também no fundamental maior, que vai do 6º ao 9º ano. Contudo, verificou-se que existe abertura nos documentos reguladores para o tratamento das questões locais e regionais, mas não são postas em prática. Um dos apontamentos que pode ser usado para explicar essa realidade, de acordo com a experiência pessoal, é o fato de nos prendermos no livro didático, como ferramenta única para o trabalho em sala de aula.

Quando tratamos sobre história local no Brasil, é habitual a historiografia conceituá-la como a história que se ocupa das “cidades, bairros, vizinhanças, aldeias indígenas”. Nesse sentido, o conceito de história local vincula-se diretamente ao conceito de lugar. Este último vai além do espaço físico, envolvendo também as relações subjetivas que se estabelecem em seu interior, relações que constituem identidades.

O lugar, sobretudo, implica relações intersubjetivas que se integram a uma determinada objetividade. Em duas palavras, envolve identidade e estabilidade. Ambas as instâncias – a saber, de um lado identificação, e de outro lado dupla sensação de estabilidade que simultaneamente assegurada por um forte sentimento de pertença e pela permanência objetiva do lugar no espaço e através do tempo – parecem produzir nas pessoas sensações diversas de apego ao ambiente construído ou natural (BARROS, 2022, p. 25).

Desta maneira, o conceito de lugar fortemente caracterizado pela presença da subjetividade, é perfeitamente combinável com a proposição de história local, sendo que sua construção ocorre a partir do momento em que o “local” passa a ser analisado, recebendo uma significação singular.

É relevante destacar que o fato de uma história ser caracterizada como local, não retira dela a capacidade de estabelecer relações e explicações com outros locais e com porções maiores e mais amplas, seja para entender contextos maiores, seja para efetuar adequações, e ainda para desenvolver novas abordagens que visibilizem aspectos ainda não abordados.

Fonseca (2003), ao realizar uma análise sobre “O estudo da história local e a construção de identidades” enfatiza o consenso que existe em diversas áreas ligadas ao ensino, sobre a importância da valorização da história local no currículo escolar. O local é o contexto em que as identidades de professores e alunos são formadas. Nesse sentido, do ponto de vista da consciência dos sujeitos sobre o mundo e no mundo, é imprescindível que, lendo o mundo particular, possam entender o mundo e as forças que o fizeram e fazem tal qual é. Trata-se, pois,

da possibilidade de que as pessoas saibam o seu lugar no mundo, não como uma ordem estabelecida, mas numa dinâmica sobre a qual têm papel decisivo na lógica de identidades que se projetam na direção dos projetos de si.

Identidades construídas pelos reconhecimentos/consciências de estar no mundo. Essa consciência sobre o mundo a partir dos contextos de vida de discentes e docentes é expressão da relevância da história local no ensino de história, inclusive enquanto condição de desconstrução das narrativas de história local comprometida com o elogio às oligarquias locais.

O desafio é a efetivação dessa perspectiva histórica na escola. Este problema se caracteriza, sobretudo, pela ausência de conhecimento dos aspectos e particularidades do grupo que o aluno pertence. Ora, se a identidade é construída a partir da compreensão das peculiaridades de determinados grupos sociais, não havendo acesso a esse tipo de conhecimento no ambiente escolar, como então haverá o desenvolvimento das identidades?

Para que essa realidade seja transformada é necessário a identificação, a organização das vivências e dos objetivos do grupo a qual o estudante pertence. Nesse sentido, torna-se indispensável o uso da memória, que na esfera da história local se baseia na pluralidade de épocas e costumes (FONSECA, 2003). Da mesma maneira, Silva (2013) sinaliza sobre a importância da memória, quando afirma que “a memória nos oferece a busca por lembranças extraordinárias, sem a necessidade de se preocupar com uma noção de tempo centrada em uma concepção cronológica e linear da história” (SILVA, 2001, p. 09).

Pollak (1992) ao tratar a questão da memória e identidade social no âmbito da história oral, destaca que as memórias individuais e coletivas são constituídas por eventos presentes na vivência individual e, por conseguinte, coletiva. A memória caracteriza-se como fenômeno coletivo e social, uma construção submetida a mudanças constantes. No entanto, existem pontos imutáveis, tanto na memória particular como na memória de um grupo.

Sendo a memória uma construção, que pode ser consciente ou não, vincula-se de maneira muito estreita com a concepção de identidade, constituindo até mesmo um de seus elementos. Verifica-se ainda, de forma mais peculiar, a forte ligação existente entre memória e identidade coletiva, sendo esta última caracterizada pelo “sentimento de unidade, continuidade e coerência” (POLLAK, 1992, p. 07).

Portanto, o estudo do local pode constituir papel decisivo para a questão da falta de identidade nos espaços escolares, assentando-se sobre duas bases, a pedagógica e científica. Considerando o viés pedagógico, destaco o uso da memória como primordial, pois pautado na identificação e construção de valores e costumes, ocasiona a construção da noção de pertencimento e conseqüentemente de uma identidade. Tendo como cerne a base científica, é

possível impedir que ocorram equívocos de generalizações, ao homogeneizar questões nacionais, já que o local possui suas peculiaridades.

### **1.3 Uma “outra” maneira de ensinar: o ensino de história local em diálogo com o Pensamento Decolonial**

O Pensamento Decolonial é uma concepção teórica e metodológica “outra”, uma epistemologia que questiona as formas de dominação impostas pela colonialidade, entendida como a permanência das concepções e organizações coloniais até os dias atuais, conforme apontam Antoni, Paim e Araújo, ocorreu “(...) a manutenção das ideias e estruturas coloniais mesmo após as independências latino-americanas” (2020, p. 29). Desta maneira, a decolonialidade busca suplantar a invisibilidade e subalternização de grupos e seguimentos sociais inferiorizados.

Tanto a colonialidade quanto o processo de colonização que existiu na América Latina e em outras partes do mundo, são problemas estruturais presente nas mais diversas áreas da vida, como no poder, na natureza, no ser, na educação entre outros. Mesmo após tantos séculos de independência, ainda perpetuam ideias disseminadas pelos dominadores europeus. Fato que pode ser evidenciado, por exemplo, na educação, onde a maior parte dos conhecimentos trazidos pelos livros didáticos de história fazem referências as noções europeias do saber e subalternizam as vivências dos povos originários.

A dominação e subjugação exercida pelos europeus no período das colonizações, por meio da exploração dos povos colonizados, foram justificadas pela superioridade e civilidade em relação aos dominados. Foi a raça o ponto primordial para a sustentação da “estrutura de poder” elaborada pelos dominadores, que difundiram não só a colonialidade do poder, mas também do saber, ou seja, do conhecimento.

Quijano (2005), ao caracterizar a ideia de modernidade usada pelos europeus, sobretudo na colonização da América, sustenta que:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórico da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus (QUIJANO, 2005, p. 118).

O Pensamento Decolonial, concebido como uma nova epistemologia, questiona as formas de dominação impostas pela colonialidade, objetivando suplantar a invisibilidade de grupos e seguimentos sociais (ANTONI, PAIM, ARAÚJO, 2020). Desta maneira, a Decolonialidade realiza indagações que procuram suplantar as diversas formas de domínio impostas a grupos marginalizados “pelo conjunto de agentes, relações e mecanismos de controle, discriminação e negação da modernidade/colonialidade” (MOTA NETO, 2021, p. 04).

Torna-se necessário destacar que, o paradigma em questão sofreu influência de alguns movimentos anteriores e contemporâneos ao seu surgimento, que serão aqui somente mencionados, sendo eles: o pensamento pós-colonial, epistemologias do sul e interculturalidade crítica (que no seu cerne também envolvem a decolonialidade). Linhas de pensamento que se relacionam e dialogam. A partir daí, surgiu o grupo de intelectuais latino-americanos que possuem formações variadas e debatem em diferentes áreas de atuação.

O pensamento decolonial, a decolonialidade, desta forma, vem se constituindo a partir do diálogo com estas outras perspectivas teóricas, que culminará na formação do grupo Modernidade/Colonialidade. É um grupo que congrega uma série de pensadores e pensadoras latino-americanos ou americanos que dialogam nas suas mais diferenças e nos diferentes campos de formação (ANTONI, PAIM, ARAÚJO, 2020, p. 26).

De forma breve, destaco alguns dos pensadores que integram e/ou influenciam o grupo decolonial. Boaventura de Sousa Santos, um dos criadores da perspectiva Epistemologias do Sul; Aníbal Quijano, peruano que em seus estudos enfatizou a colonialidade do poder; Enrique Dussel, argentino do campo da filosofia; Catherine Walsh, pedagoga equatoriana; Vera Candau pedagoga brasileira; Walter Mignolo, da área da antropologia; e Maria Lugones, argentina que aborda as questões de gênero. Esses são alguns dos membros que representam o grupo em questão.

Frente ao exposto, a proposta desta pesquisa caracterizou-se pelo diálogo estabelecido com sujeitos até então invisibilizados pela história local. A partir da memória de moradores ribeirinhos, foram realizadas entrevistas acerca de suas histórias de vida. Nesta perspectiva, foi possível visualizar a relação estabelecida pelos ribeirinhos com o Rio Araguaia, nas diversas fases de suas vidas. Uma versão que priorize o desenvolvimento de uma aprendizagem próxima da realidade dos estudantes, com sentido e significado para eles.

A ideia foi dialogar com a pluralidade de conhecimento que o local pode possibilitar, a exemplo da história dos ribeirinhos, um importante grupo social que desempenha diversas funções ligadas ao Rio Araguaia, como a pesca e o comércio, praticado no período de veraneio (durante o mês de julho), quando a cidade é visitada por centenas de turistas. Esta é uma



possibilidade de trabalho na escola, uma alternativa para as aulas de história, que tem sua importância no contraponto à bibliografia regional que centrada nas grandes estruturas, exclui pessoas “comuns”, de suma importância para seu dado contexto.

No artigo “Insurgências no Ensino de História: Narrativas e Saberes Decoloniais”, os autores Antoni, Paim e Araújo (2020) realizam uma abordagem decolonial nas pesquisas em ensino de história, afirmando que nessa perspectiva: “Se busca romper com a invisibilidade, trazer à tona aquilo que não existe nos currículos, na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e nos livros didáticos” (2020, p. 34). Desta maneira, em diálogo com a perspectiva do pensamento decolonial, propõe-se desenvolver uma pesquisa que possibilite a efetivação do ensino de uma história local, não contemplada no currículo e livros didáticos, no ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.

Ferreira e Moreno (2020), destacam que a história ensinada nas escolas exclui as vivências e conhecimentos, fato que causa grandes danos para as narrativas que não fazem parte do modelo europeu e também, para os discentes que não chegam a ter acesso às narrativas que o local possibilita. Por essa razão, é preciso que haja um balanço entre os novos saberes propostos pela Decolonialidade e as versões eurocêntricas do saber.

Nas disputas de narrativas e memórias nas arenas políticas que são os currículos de História, cabe-nos referendar de que não seríamos ingênuos, nem nenhum decolonial assim o deseja, propor o fim do estudo das histórias europeia e estadunidenses, mas sim, um equilíbrio pela inclusão de saberes e memórias de grupos subalternizados nesses currículos, que da educação básica, superior ou da formação de professores (ANTONI; PAIM; ARAÚJO; 2020, p. 36).

É necessário que os sujeitos em sua pluralidade adquiram visibilidade, conforme apontam Antoni, Paim e Araújo (2020), quando se referem a contribuição do Profhistória para essa questão:

[...] acreditamos ser muito ricas as experiências proporcionadas pela proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória, que de modo geral, tem suas pesquisas focadas em problemas na escola ou na comunidade onde os estudantes vivem. Quase todos os trabalhos possuem uma relação muito próxima com os locais aonde os professores e professoras atuam, conhecem e valorizam as memórias e histórias locais, destruindo as grandes narrativas da história totalmente focadas no eurocentrismo (ANTONI; PAIM; ARAÚJO; 2020, p. 34).

É sabido que as estruturas da colonialidade permanecem nas mais variadas áreas da vida humana, sendo elas, no poder, no ser, na natureza, no gênero entre outros. Aqui nos limitaremos a abordagem da colonialidade presente no campo da educação, pois torna-se “...necessário parar o epistemicídio, o ecocídio e o memoricídio de povos subalternizados, de saberes, de fazeres”

(ANTONI; PAIM; ARAÚJO; 2020, p. 32). A colonialidade do saber é refletida na inferiorização dos conhecimentos dos povos originários e subjugados, saberes que não foram considerados, desde a colonização até a atualidade.

A permanência do eurocentrismo, segundo o paradigma Modernidade/Colonialidade na produção do conhecimento, suscitou a emergência de novas alternativas de pesquisa que possam superar a invisibilidade e a marginalização de sujeitos, sobretudo, nos currículos escolares, como afirmam Ferreira e Moreno (2020):

[...] a colonialidade é uma problemática do presente, que impacta e subalterniza a América Latina em face dos países imperialistas. Os povos indígenas e o povo negro ainda são, cotidianamente, afetados por uma necropolítica legitimada pelo Estado. É o domínio sobre a vida, pelo qual o poder – leia-se: colonialidade – tomou controle (FERREIRA; MORENO; 2020, p. 2).

A Decolonialidade do saber afirma que é necessário assumir uma nova postura, voltada para a “(des) aprendizagem”. Em outras palavras, precisa-se assumir posturas capazes de combater toda a estrutura imposta pelo colonialismo, que se faz presente desde os currículos, passando pelas aulas de história, pautadas prioritariamente no livro didático de característica eurocêntrica, onde, por exemplo, o pouco que existe sobre a história dos povos indígenas não os coloca como protagonistas. Da mesma maneira, tanto a construção da história como a educação são pautadas nos saberes eurocentrados (ANTONI; PAIM; ARAÚJO; 2020, p. 33).

Bell Hooks (2013), em seu livro “Ensinando a Transgredir” destaca que sua práxis educacional emergiu da seguinte forma:

Minhas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialistas, crítica e feminista, cada uma das quais ilumina as outras. Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso... possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos (HOOKS, 2013, p. 20).

Nesse sentido, Hooks (2013) defende um processo de ensino e aprendizagem libertadores, onde as aprendizagens silenciadas possam ser colocadas em evidência, trazendo significados para os estudantes e despertando o interesse dos mesmos.

Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida (HOOKS, 2013, P. 32).

Para que o conhecimento moderno ocidental, considerado universal possa ser desconstruído, é necessário estabelecer diálogos com a diversidade de experiências. Estas experiências precisam alcançar as aulas de história, o livro didático, os currículos e todo o processo de ensino aprendizagem. Para isso “... precisamos narrar histórias outras, narrar a vida e as experiências” (ANTONI; PAIM; ARAÚJO; 2020, p. 35).

Catherine Walsh (2009), considera a interculturalidade crítica (pensada como um braço do pensamento decolonial) um instrumento de ensino que alcança o ser e o saber, procurando suplantar conhecimentos de grupos subalternizados, exatamente o que se propõe.

[...] a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar com as diferenças, mas que alentam a criação de modos outros de pensar, ser, estar, aprender, ensinar (WALSH, 2009, p. 25).

A partir da premissa da interculturalidade crítica, o diálogo com os ribeirinhos teve como base a história oral, o acesso a suas memórias, suas histórias de vida, sobretudo no que se refere às relações estabelecidas com o rio.

Existe, portanto, uma vinculação direta entre o pensamento decolonial e a estrutura desta pesquisa, levando em consideração “a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que dificilmente posicionam grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem lógica que, ao mesmo tempo, é racial, moderno-ocidental e colonial” (WALSH, 2009, p. 24). Desta maneira, enfatizo a viabilidade e relevância do diálogo entre o pensamento decolonial e a construção de versões “outras” para o ensino de história local.

#### **1.4 Conceição desse Araguaia: lutas de sobrevivência dos povos ribeirinhos e o drama do Araguaia**

Os sujeitos que foram invisibilizados pela historiografia local de Conceição do Araguaia, desempenharam e continuam exercendo papel significativo na história local, sobretudo na intrínseca relação estabelecida com o Rio Araguaia, sendo assim, existe a necessidade de conhecermos de perto suas narrativas. O rio, na localização que compreende o município de Conceição do Araguaia no Pará, constitui-se como uma grande riqueza desde os primórdios do povoamento da área, e antes, quando era usado pelos povos indígenas da região.

A importância do rio Araguaia pode ser evidenciada na fala dos ribeirinhos entrevistados por mim no decorrer desta pesquisa. Os ribeirinhos em questão estão entre os

primeiros moradores do bairro Tancredo Neves, que fica às margens do rio, onde a Escola (local de pesquisa) está inserida. O diálogo foi estabelecido com quatro moradores, sendo eles: Deusimar Santos Leite, pescador de 68 anos, avô da aluna Joiscyane Dias da turma do 2º ano Ensino Médio, que fez parte da pesquisa; Maria das Neves Gomes dos Santos, 57 anos, assistente de serviços gerais que trabalha na Escola Professor José Wilson Pereira Leite há mais de 15 anos, finalizou seus estudos na referida escola, onde seus netos também já estudaram; Marlene Pereira das Neves, pescadora de 64 anos, pioneira da Associação de Barraqueiros da Praia Verde (praia que se localiza no bairro Tancredo Neves), proprietária de barraca de vendas de lanches na praia, mãe da professora de Língua Portuguesa da Escola, Geane Pereira das Neves, que também já foi aluna da instituição; e Toninho Ribeiro de Araújo, pescador de 61 anos que possui entre sua parentela ex-alunos da escola.

Antes de entrarmos nas especificações relacionadas a cidade e ao rio, é importante realizarmos a caracterização desse grupo que denominamos de ribeirinhos. Lira e Chaves (2016), ao abordarem a organização sociocultural e política das comunidades ribeirinhas da Amazônia, destacam que:

[...] as comunidades tradicionais ribeirinhas são o lócus onde os ribeirinhos estabelecem as relações sociais, em que o rio lhes traduz um significado muito grande, configurando-se como complemento de suas vidas, ou até mesmo suas próprias vidas (LIRA e CHAVES, 2016, p. 71).

Entende-se então que o grupo de ribeirinhos que integraram esta pesquisa compõe uma comunidade tradicional, considerando a ligação que possuem com o Rio por meio de seus diversos usos, conforme será pormenorizado mais adiante. As atividades de trabalho desenvolvidas por comunidades de ribeirinhos baseiam-se em métodos simples que possam satisfazer suas necessidades, como a produção agrícola de subsistência e a pesca, sendo essa última a atividade que prevaleceu entre os ribeirinhos entrevistados. Nesse sentido, Lira e Chaves (2016) apontam que

A pesca tem grande representatividade, principalmente porque o peixe é a principal fonte de proteína das famílias ribeirinhas. A prática da pesca é intensa, sendo executada nos lagos, igapós, igarapés e rios, utilizando, como meio de transporte, normalmente, a canoa movida a remo e/ou motor de rabeta (LIRA e CHAVES, 2016, p. 74).

Postas as considerações acima, tratar-se-á agora dos usos do Rio Araguaia, que a comunidade de ribeirinhos efetua em suas práticas diárias. Chegou-se às informações por meio

das entrevistas, que após serem transcritas por mim, foram disponibilizadas para que os estudantes pudessem ler e analisar. Para isso, a turma foi dividida em quatro grupos, cada grupo ficou responsável pelo estudo da transcrição de uma entrevista.

Dessa análise, os estudantes pontuaram características da cidade, do bairro e do rio Araguaia que ainda não conheciam, pois faziam parte da dinâmica que ocorria cerca de 50 a 60 anos atrás, como o fato das ruas não possuírem calçamento, o comércio local se concentrava nas proximidades do rio, onde hoje é chamado de beradeiro. As casas do bairro Tancredo Neves eram construídas inicialmente de casqueiro (sobras de madeira) e cobertas com plástico, e havia uma abundância de peixes no rio, o que facilitava a pesca.

Feita a análise, realizaram um balanço comparativo entre as práticas e características do passado, bem como os hábitos e peculiaridades atuais relacionadas a cidade, ao bairro e ao rio. Também tiveram acesso a acontecimentos que fizeram parte da história de seus familiares, que eram desconhecidos até o momento. Desta maneira, esse processo de análise se transformou em oportunidade de aprendizagem de história local em sala de aula.

O diálogo com os ribeirinhos, acima identificados, propiciou entender as maneiras pelas quais a comunidade local se relaciona com o Rio Araguaia. O rio era usado para momentos de diversão e lazer, lavagem de roupas (quando ainda não havia serviço de distribuição de água), e ainda o desenvolvimento de atividades das quais tiram seu sustento, como o comércio e a pesca.

A senhora Marlene Pereira das Neves, que veio morar em Conceição do Araguaia por volta de 1986, quando tinha 18 anos, e se instalou no bairro porque recebeu um terreno, em meio a um processo de doações de lotes que deu origem a Vila Tancredo Neves, explica que foi uma das pioneiras na abertura da Praia Verde (localizada em frente ao bairro Tancredo Neves). Ela teria sido uma das primeiras a montar uma barraca de lanches, para atender a população que visitava a praia: “eu sou uma das fundadoras aqui da praia verde... eu tinha uma barraquinha de lanche, a gente começou colocar umas barruquinhas pra ir vendendo alguma coisa, porque naquela época juntava bastante gente né” (Marlene Pereira das Neves, 2023). Posteriormente, segundo dona Marlene, o movimento na praia tornou-se tão grande que se formou uma associação de barraqueiros para organizar a venda de comidas e bebidas, tornando fonte de renda para muitas famílias.

No que se refere a atividade de pescaria, o entrevistado, senhor Toninho Ribeiro de Araújo, pescador que seguiu o ofício de seu pai, e pesca há 49 anos no Rio Araguaia, quando perguntado quando começou a pescar, relata que foi ainda criança, ajudando seu pai:

Eu comecei pescar eu tinha idade, era uns 12 anos que eu tinha, de doze pra treze ano. Eu pilotava pra meu pai, pra pescar né, meu pai e meu irmão mais velhos que pescava e eu só pilotando a canoa, governando a canoa pra não sair em riba do peixe né. Pra não espantar o peixe. E aí ele morreu, eu tomei conta de mim próprio entendeu. Pescar sozinho, toda vida eu tenho morado mais no rio do que aqui em Conceição (Toninho Ribeiro de Araújo, 2023).

O senhor Deusimar Santos Leite, pescador e morador do bairro desde sua formação, ganhou um lote de um conhecido, ao relatar que morava com sua família em uma casa de aluguel no bairro Vila Cruzeiro, respondendo ao mesmo questionamento colocado anteriormente para o senhor Toninho, o mesmo afirma que começou a pescar depois de trabalhar como garimpeiro e em olaria confeccionando tijolos:

O primeiro trabalho meu foi de garimpeiro, depois passei, depois vim pra cá e comprei uma olaria, passei a trabalhar de olaria, depois parei a olaria e passei pro rio. É essa minha profissão, a pesca, só o rio. Vou lá pego o peixe, volto vendo, quando termino vou embora (Deusimar Santos Leite, 2023).

Além da pesca, a relação estabelecida pelos moradores locais com o Rio Araguaia se dá também de outras maneiras, como podemos observar na narrativa de dona Marlene Pereira das Neves, quando indagada sobre quais eram as formas de uso do rio, na época em que chegou para morar no bairro Tancredo Neves.

Pra diversão, era bom, animado, o pessoal banhava bastante, pra lavar roupa, pra pescar. Tinha um poção aqui perto de casa onde eu lavava as roupas e nesse mesmo poção a gente pescava, lá era muito bom de peixe. Hoje esse poção não tem mais, porque a água da chuva leva a terra das ruas pra lá e foi aterrando o poção (Marlene Pereira das Neves, 2023).

Sobre essa questão, o senhor Toninho também destaca que: “Aqui nós usava o rio pra banhar né, pra brincar, sempre ia brincar lá. Muita gente ainda lavava roupa lá no rio né, levava as roupas pra lavar no rio, cansei de ver”. Fica então evidenciado que, atividades como lavagem de roupa e diversão caracterizavam o vínculo entre a população e o rio.

Quando questionados sobre como era o rio Araguaia na época de sua infância ou quando chegaram em Conceição do Araguaia, levando em consideração que três dos quatro entrevistados vieram de outras regiões, os ribeirinhos foram categóricos em afirmar que era mais limpo, a quantidade de peixe era maior, assim como o volume de água, que superava e muito os dias atuais.

A esse respeito o senhor Deusimar afirma que: “Nessa época o rio Araguaia era bom, tinha muito peixe. Eu naquela época não era pescador, mas se você descesse bem aqui nessa

beira de rio com um anzolzim e um caniço, você pegava peixe pra comer”. Maria das Neves informa que “Era um rio limpo, era mais cheio, não tinha esse horror de casa na beira do rio, que esse pessoal tão desmatando né, tão acabando com nosso rio. Então era bom porque era limpo. As crianças se divertiam muito, brincavam muito na beira do rio, banhava muito”. Dona Marlene também relata que

Antigamente o peixe era mais. Naquele tempo, logo que a gente se casou, ele pescava de ceva, ele saía na madrugada, porque a ceva era aqui perto da cidade [...] saía cinco horas, quando dava umas dez e meia, onze horas ele chegava com a canoa com bastante pacu, piau sabe, da ceva, e aquilo ali ele ia quase todo dia, e aí ia sobrevivendo (Marlene Pereira das Neves, 2023).

Atualmente, a comunidade continua mantendo uma estreita relação com o Rio Araguaia, porém muitas dificuldades são vivenciadas, conforme a descrição dos ribeirinhos. Os senhores Deusimar e Toninho enfatizam a dificuldade, que se caracteriza pela escassez do peixe: “Hoje se você ir pra beira do rio pescar, você não pega uma piaba. Pra pegar tem de ir longe, pra pescar, aqui perto mesmo, não faz nada” (Deusimar, 2023). Da mesma maneira, o senhor Toninho descreve que: “Ah naquela época era melhor de peixe, agora enfraqueceu muito mais de peixe né... enfraqueceu demais” (Toninho, 2023). A senhora Marlene ainda complementa explicando “que hoje a água do rio parece que está diminuindo cada dia mais... quase não tem mais peixe, o peixe tá acabando”.

Os fatores apontados pelos ribeirinhos para a diminuição na quantidade de peixe e das águas do Rio Araguaia coincidem nas entrevistas dos ribeirinhos pescadores Deusimar e Toninho. Eles afirmam que o crescimento da cidade em direção ao Rio, ocupando suas margens, e até mesmo as ilhas, são fatores determinantes para a crise vivenciada no contexto atual. Quando questionado sobre a causa da crise em questão, o senhor Deusimar afirma o seguinte:

O que causa esse negócio é o povo. A beira do rio tá toda cheia de gente, todo canto que você encostar nessa beira de rio tem morador, todo canto, da pedreira pra cá todo canto tem gente. Aquela época não tinha ninguém, você saía bem aqui pra cosapa, dali pra cá você não via ninguém, a não ser uma pessoa pescando, não tinha morador nenhum, agora tá cheia a beira do rio. A ilha e tudo, aonde tem ilha tem gente, tomou acabou tudo (Deusimar Santos Leite, 2023).

O pescador Toninho corrobora com essa ideia declarando que atualmente a falta de peixe se deve:

A cidade ter mudado quase toda pra dentro do rio né. E nosso peixe era, nós pegava de duzentos quilos, era quinhentos quilo de peixe, era quatrocento, não tinha quantidade tá entendendo, era mais ou menos esse tanto assim. Quando nós ia pescar

de turma, que aí nós arrumava turma nós pegava de quinhentos, seiscentos, setecentos quilo de peixe, e era ligeiro pra pegar. Hoje tá mais difícil, não tá mais igual como era (Toninho Ribeiro de Araújo, 2023).

Marlene Pereira das Neves ao adentrar na questão das condições do Rio Araguaia na atualidade declara que:

A margem não era povoada, hoje em dia ela é toda povoada, pode você ver, até na ilha tem casa construída. Antigamente não tinha nada disso. Hoje em dia só falta a gente não ter um só lugar pra descer no rio, porque a gente não vai mais achar um lugar pra gente descer que não seja um lote de alguém que não aceita você descer naquele lugar, porque praticamente tá todo cercado (Marlene Pereira das Neves, 2023).

Sobre essa questão, Maria das Neves, moradora do bairro Tancredo Neves desde o ano de 1988, período em que os terrenos foram doados à população local, também relata que:

Hoje a gente não tem, as criança não tem esse prazer de brincar né, por causa desse horror de estrutura que fizeram na beira desse rio. Então eles estão acabando com nosso rio Araguaia. Aí vem essa época de praia, o pessoal vem e deixa as sujeira né, não zela, pensa que no próximo ano eles não vão precisar. Então tá acabando cada dia mais. Mas naquela época era muito bom (Maria das Neves, 2023).

Outro fato que merece ser salientado nas entrevistas realizadas, se refere as disputas por terra na região do Araguaia. Dois ribeirinhos, quando solicitado que descrevessem o local onde viveram durante sua infância e em que trabalhavam seus pais, responderam o seguinte: “(...) nós morava bem na beira do rio, um lagão grande sabe, fundo, a gente olhava assim e não enxergava o final, tá entendendo. Ai até há muito tempo chegou um fazendeiro lá e comprou né e nós tivemos que sair” (Toninho Ribeiro de Araújo). Marlene Pereira das Neves ao descrever a forma como seus pais estabeleceram união afirma que: “...quando chegou lá, casaram, aí tinha uma terrinha, aí foram pra roça. Já veio pra cidade, já quando meu pai passou muito mal, ele não dava conta de trabalhar mais. Aí o pessoal quis tomar a terra, o pessoal quis invadir. Aí mudou de terra”.

De fato, a história de Conceição do Araguaia é marcada desde os seus primórdios, pelos conflitos que se desenvolveram como consequência das disputas pela terra. Desde os seus primórdios, a economia do município se concentrava em torno do extrativismo, da agricultura e da pecuária.

Segundo Ianni (1978), até a década de 1960 prevaleceu o campesinato com “sítios e fazendas, nos quais havia roças e criações destinadas à subsistência... A totalidade desses sítiantes e fazendeiros era composta de posseiros; pessoas e famílias que trabalhavam a terra



sem qualquer título de posse legal” (IANNI, 1978, p. 75). Em um contexto marcado pela existência de grande quantidade de terras devolutas no estado do Pará e na Amazônia em geral, era dispensável a existência de títulos de propriedade.

As tensões sociais ocasionadas pelas lutas pela terra, na área de Conceição do Araguaia, tem início com o advento da década de 1970, impulsionadas por dois fatores principais: a construção da rodovia Belém-Brasília, momento em que grandes levas de trabalhos do Nordeste e de estados como Goiás e Minas, estabeleceram-se na região; e a política desenvolvida pelo órgão federal SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) de concessão de incentivos fiscais que facilitassem a instalação de projetos voltados à agropecuária.

[...] entre 1966 e 1975 a SUDAM aprovou 33 projetos agropecuários para serem implantados no município de Conceição do Araguaia...Todos envolviam grandes extensões de terras. As terras devolutas e de posseiros, além das terras de latifundiários preexistentes em Conceição, começavam a ser redefinidas, enquanto objeto e meio de produção (IANNI, 1978, p. 91).

Sobre os reflexos da construção da rodovia Belém-Brasília, Schmink e Wood (2012) destacam o seguinte: “[...] a estrada também, atraía fazendeiros e pequenos agricultores ao sul do Pará. Não demorou muito para que os dois grupos viessem a se confrontar, numa disputa por terras que frequentemente terminava em violência” (SCHMINK e WOOD, 2012, p. 203). O fato destacado mostra que a violência se transformou numa característica regional.

Desta maneira, a empresa agropecuária avançou sobre todos os tipos de propriedade da terra. Latifundiários em posse da “propriedade titulada” ocuparam muitas das terras de posseiros e colonos, e as relações sociais antes caracterizadas pela troca de favores e compadrios, relações harmônicas entre si, dão lugar a antagonismos e conflitos. É nesse contexto que os ribeirinhos Toninho Ribeiro de Araújo e Marlene Pereira das Neves mencionam respectivamente em suas entrevistas, afirmando que precisaram sair da terra onde moravam após a chegada de um grande fazendeiro, e em função de ameaças de invasão precisaram comprar outra terra para viver.

Mesmo pressionados pelos grandes projetos agropecuários, camponeses e posseiros continuam existindo de forma paralela aos latifúndios, como afirma Ianni (1978):

Nem por isso, no entanto, o segmento camponês deixa de existir. Ele é cada vez mais pressionado, devido à sua dificuldade de preservar a posse das terras na luta com a grande empresa. Mesmo assim, o campesinato continua a ser um dado da realidade econômica e social do município de Conceição do Araguaia em 1977 (IANNI, 1978, p; 103).

Vale destacar que o processo de ocupação de terras nessa área ocorria de forma simples, através da prática de um plantio e construção de um rancho era demarcado o local de posse. Após isso seria necessário a solicitação de um título de posse, mas na maioria das vezes, os posseiros sem instrução ou orientação, não realizavam o pedido. Em contrapartida, os grandes latifundiários faziam o caminho inverso, ao apresentar o projeto de agropecuária realizavam a solicitação do título, que apresentavam ao chegar ao local determinado, o que obrigava a população ali estabelecida a se retirar. Sobre essa questão Cardoso (2018) diz o seguinte: “As terras da região amazônica foram distribuídas a uma elite considerada com condições suficientes para torná-las produtivas. O posseiro que já vivia e cultivava na região foi expulso” (CARDOSO, 2018, p. 49).

O processo migratório em Conceição do Araguaia constitui outro importante dado da história local. Três dos quatro ribeirinhos entrevistados vieram de outras regiões do país para morar na região de Conceição entre as décadas de 1960 e 1970. Toninho Ribeiro dos Santos e Marlene Pereira das Neves, de origem goiana, vieram em busca de melhores condições de vida. Já Deusimar dos Santos Leite, veio do Maranhão com sua família, para a região de Araguacema, antigo Estado do Goiás, de lá foi para o Mato Grosso, e por fim chegou ao Pará.

De acordo com Ianni (1978), Conceição do Araguaia viveu durante a década de 1970 um grande aumento populacional decorrente de movimentos migratórios. Grande parte da população migrante vinha das regiões Nordeste e Norte, atingidas por problemas econômicos.

[...] em 1970 a população do município alcançava um total de 28.953 habitantes, ao passo que em 1960 ela havia somado 11.263 habitantes. Pois bem, em 1970 somavam 23.896 as pessoas residentes no município, mas não naturais dali [...] A maior parte da população migrante vinha tangida pelas dificuldades econômicas enfrentadas nos seus sítios, fazendas, bairros, vizinhanças, povoados, vilas e cidades de origem, nos estados do Nordeste e Norte [...] O que predominava era a busca de alguma terra para formar roça e criação (IANNI, 1978, p. 106).

Outro fator que contribuiu de sobremaneira para o processo migratório em questão, foi a construção da rodovia PA-279, que liga as cidades de Xinguara a São Félix do Xingu, erguida a partir do ano de 1976. O traçado que originou a construção da PA- 279, foi criado pelos povos Kayapó, e utilizado pelos tropeiros que percorriam o trajeto de Conceição do Araguaia até o Rio Fresco em São Félix do Xingu, em busca de árvores de caucho, de onde era extraído o látex. Segundo Schmink e Wood: “As tropas de mulas que viajavam, indo e vindo ao longo dessa trilha, fizeram de Conceição um importante posto comercial e ponto de entrega da borracha coletada ao longo dos rios Fresco e Xingu” (SCHMINK e WOOD, 2012, p. 197).

De maneira histórica, os processos de formação de localidades na região do sul do Estado do Pará, ocorreram “[...] à beira dos cursos d’água da região e isso foi abruptamente mudado para as poeirentas cidades que surgiram à beira de estradas do interior” (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 194). Desta maneira, de forma paulatina, foi se dando o deslocamento da vida que se baseava no rio, para as estradas que foram sendo construídas. Uma das principais consequências da mudança de “rios para estradas” no sul e sudeste paraense, foi o aumento da migração para a área, de pequenos e grandes agricultores, além de pecuaristas e madeireiros. Como resultado tivemos o surgimento de comunidades que logo se transformaram em cidades, sendo elas, Xinguara, Ourilândia e Tucumã.

O Departamento de Estradas e Rodagem do estado começou a construção dessa estrada em 1976, período em que a migração para o leste da Amazônia foi particularmente intensa. Pequenos agricultores, fazendeiros pecuaristas e madeireiros foram rapidamente atraídos para as vastas áreas que a nova estrada havia tornado, de subido acessíveis [...] Várias das comunidades fundadas ao longo dessa trajetória – Xinguara, Ourilândia e Tucumã – logo se transformaram em grandes áreas urbanas (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 193).

No contexto que marca a construção da PA-279, as cidades, como Conceição do Araguaia, localizadas às margens dos rios Araguaia e Tocantins, já haviam sido formadas e estavam com suas economias e populações estabelecidas. Desta maneira, “[...] as estradas estimularam um dramático reordenamento espacial, que deslançou uma transformação na sociedade e organização política no sul do Pará” (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 194), tendo como consequência o aumento de disputas que envolviam “terra, minérios e recursos florestais”.

Assim, tanto a construção da Belém-Brasília e da PA-279, quanto os projetos de incentivos a agropecuária estabelecidos pela SUDAM, refletiram de forma direta no crescimento populacional de Conceição do Araguaia, por meio da vinda de famílias que buscavam melhores oportunidades de sobrevivência, sobretudo um pedaço de terra de onde pudessem tirar seu sustento.

A composição “étnico-racial” da população de Conceição do Araguaia, a partir do momento de sua formação, é outro fator que merece destaque, pois se reflete na estrutura social atual, aspecto observado entre os entrevistados. Desde seus primórdios, a estrutura social local foi caracterizada pela mistura entre brancos, indígenas, negros e mulatos, mescla esta aprofundada com o ciclo econômico da borracha, como aponta Ianni:

[...] desde a fundação do arraial em 1897, até cerca de 1960, a população do município de Conceição do Araguaia contava com a seguinte composição racial: brancos, índios,

negros, mulatos e caboclos, isto é, mestiços de índios e brancos. Durante o ciclo da primeira borracha foi grande o afluxo de trabalhadores provenientes dos estados do nordeste, principalmente do Ceará. Chegaram a Conceição sertanejos, brancos, negros, mulatos e caboclos que se juntaram e mesclaram com os habitantes do lugar. A rigor, desde o princípio, a história social de Conceição está influenciada pela mescla racial (IANNI, 1978, p. 67).

Aos religiosos dominicanos brancos e povos indígenas que formaram inicialmente o arraial, foram acrescentados os demais grupos étnicos atraídos pela extração da borracha na região, fator que causou o avanço da miscigenação e distinção entre os vários segmentos que ali se encontravam. Na base da estrutura social encontravam-se “índios, negros e mestiços”, dedicados principalmente aos trabalhos mais pesados que exigiam menor qualificação como extrativismo, lavoura dentre outros. As informações existentes sobre a composição étnico-racial de Conceição referem-se somente as décadas de 1940 e 1950, onde segundo Ianni (1978) negros e mulatos formavam a maior parte da população local, conforme demonstra imagem abaixo.

Figura 6 - Tabela demonstrativa da população segundo cor e sexo de Conceição do Araguaia

**POPULAÇÃO SEGUNDO COR E SEXO**  
*Município de Conceição do Araguaia*

Cor	1940			1950		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
Branco	629	728	1.357	1.419	1.237	2.656
Pretos	410	435	845	861	621	1.482
Amarelos	1	—	1	—	—	—
Pardos	1.097	1.165	2.262	1.215	943	2.158
Não declarada	118	132	250	19	7	26
<b>TOTAL</b>	<b>2.255</b>	<b>2.460</b>	<b>4.715</b>	<b>3.514</b>	<b>2.808</b>	<b>6.322</b>

FONTE: IBGE, 1940 e 1950.

Fonte: IANNI, 1978, p. 72.

A referida mescla existente no período de formação de Conceição do Araguaia e nos anos seguintes se faz presente até os dias atuais e pode aqui ser constatado através dos sujeitos participantes da pesquisa. Apesar de não ter sido requisitado a identificação da sua etnia durante as entrevistas, foi possível constatar visualmente que três dos quatro ribeirinhos compõe o grupo de negros e pardos, pessoas com baixa ou nenhuma escolarização.

Frente ao exposto, foi possível constatar que a luta pela sobrevivência do povo de Conceição do Araguaia, sobretudo os ribeirinhos do bairro Tancredo Neves, é marcada pelas dificuldades relacionadas aos efeitos do avanço do ser humano sobre o Rio Araguaia e pelos antagonismos causados pela disputa de terras na região, em uma sociedade fortemente caracterizada pela “mescla social”.

## II CAPÍTULO – MEMÓRIA, COLONIALISMO E ENSINO DE HISTÓRIA

O ensino de história é, potencialmente, um lugar onde memórias se entrecruzam, dialogam, entram em conflito.  
Ana Maria Monteiro (2012, p. 15).

Boa parte das narrativas sobre história local são desenvolvidas por escritores que recebem a denominação de memorialistas, pessoas aleatórias, que não possuem formação específica para tal finalidade. Estes, escrevem acerca do local, em uma perspectiva da história por encomenda, versões que priorizam as elites e o segmento político, em uma visão unilateral da história. Os escritos de memorialistas sobre a história local frequentemente revelam as marcas profundas do colonialismo do saber, onde o foco do que é ensinado centra-se em versões e visões eurocêntricas.

Desta maneira, existe a necessidade de uma abertura para conhecimentos invisibilizados, onde haja espaço para uma compreensão mais ampla do passado, através do diálogo com experiências de pessoas e comunidades até então excluídas das narrativas da história local. O debate histórico precisa voltar-se para as vozes, até então subalternizadas.

Um das possibilidades para a feitura desse diálogo está no uso da memória, na utilização de narrativas “outras”, que podem possibilitar conhecimentos que ainda não foram acessados, que podem contribuir para o entendimento do passado, da identidade local e do sentimento de pertença. Desta maneira, o debate neste capítulo é voltado para o uso da memória como fonte para o ensino de história, a caracterização dos escritos de memorialistas, em contraponto com versões que dialogam com outros sujeitos, e a memória dos ribeirinhos, através de suas lembranças em relação ao Rio Araguaia.

### 2.1 Entre o vivido e o ensinado: memória, ensino de história local e comunidade

A partir do diálogo estabelecido com os ribeirinhos de Conceição do Araguaia – Pará evidenciou-se narrativas que partem de memórias e saberes que contribuem na compreensão do passado, na reflexão sobre o presente, e no entendimento sobre a identidade, fato que colabora para tornar o processo de aprendizagem, no que se refere à história local, mais significativo para os estudantes, pois: “A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local” (BITENCOURT, 2009, p. 169). Desta maneira, existe a

necessidade de pontuar a estreita relação, mas também as diferenças, existente entre história e memória, tendo em vista que essa última nos ajuda a conhecer a história da comunidade.

A memória, mesmo parecendo ser um evento especificamente individual, caracteriza-se como fenômeno coletivo e social, uma construção, muitas vezes submetida a regulares modificações. Mas, existem também elementos da memória que não variam como destaca Pollak (1992):

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariáveis, imutáveis. Todos os que já realizaram entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longa, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, á nessas voltas a determinados períodos da vida, ou certos fatos, algo invariante (POLLAK, 1992, p.02).

Assim, a memória, tanto individual quanto coletiva, é constituída por eventos presentes na vivência individual e, por conseguinte do grupo pertencente, passível ou não de variações. Com o mesmo entendimento Silva (2007) considera que, se a memória é, eminentemente, subjetiva e o indivíduo confere coerência e unidade a narrativa sobre o passado dotando-lhe de sentido, o relato individual não está deslocado de experiências sociais, sendo formado por um feixe de relações tensas entre múltiplas memórias de caráter pessoal, familiar e grupal.

Outro fator que constitui a memória são as “pessoas e personagens”, que seguem a mesma lógica dos acontecimentos, ou seja, indivíduos que podem ter participado das vivências individuais ou sociais de uma pessoa, podendo ainda não pertencer ao mesmo “espaço-tempo”, e ainda assim constituir-se como contemporâneo.

Há ainda um terceiro elemento que também constitui a memória, sendo este os “lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1992, p. 03). Sendo assim, um fato pode estar fora do tempo cronológico de uma pessoa, mas compõe sua memória individual e consequentemente coletiva, porque foi projetada ou transferida.

A organização da memória caracteriza-se como último elemento que a constitui. Essa organização acontece de acordo com as preocupações pessoais e/ou sociais do contexto vivido, fato que nos leva a compreensão de que a memória se configura como uma construção, que vincula-se de maneira muito estreita com a concepção de identidade, sendo mesmo seu componente. Portanto, existe uma ligação entre memória e identidade, sendo esta última caracterizada pelo “sentimento de unidade, continuidade e coerência”, em outras palavras, características de pertencimento a um determinado grupo ou local (POLLAK, 1992, p. 07).

Vansina (1982), ao abordar a questão da memória nas sociedades orais africanas do Saara, afirma que possuem excelência no que diz respeito a preservação e compreensão do passado através da memória coletiva, uma vez que a memória converte as experiências vividas em conhecimentos partilhados, no sentido de compreendê-lo como um elemento que fortalece o pertencimento a comunidade.

Estabelecendo um paralelo entre história e memória, Pierre Nora (1993) destaca que a sociedade atual vive uma espécie de crise de ausência de memória, marcada, entre outros fatores, pela industrialização e globalização, eventos que contribuíram para que as sociedades que se baseavam na memória chegassem ao fim, sendo substituídas pela história. Desta maneira, os lugares de memória que temos atualmente, como arquivos e museus, só existem porque não existe mais uma memória consolidada, o que existe são resquícios de memórias reunidos em espaços, denominados “espaços de memória”:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.13).

Sendo assim, os lugares de memória são aliados da contemporaneidade na busca pela rememoração. Sobre essa questão, Abreu (2005) evidencia que “Lugares de memória são, pois aquilo resta: um resíduo e uma perpetuação. Os testemunhos de um outro tempo, que emprestam ritual a uma sociedade desritualizada” (ABREU, 2005, p. 217). Postas as peculiaridades que envolvem o uso da memória, é basilar que seja elucidado as diferenças existentes entre história e memória. Segundo Nora (1993):

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (NORA, 1993, p.9).

Enquanto a memória é colocada como sinônimo de vida de grupos que tinham, muitos permanecem tendo, suas tradições lembradas e transmitidas a outras gerações através da constante vivência delas, a história, caracterizada como uma reestruturação polêmica, uma interpretação inacabada de uma dada realidade. História tem como base a racionalidade, análise crítica, sequência temporal, já a memória é amparada nas emoções, sendo por isso mais flexível que a história. Um exemplo de sociedade que se baseia na memória está na África, onde

atualmente existem aqueles que conservam e transmitem tradições e conhecimentos às novas gerações, conhecidos como “Doma ou Soma”.

Da mesma maneira, Bona (2010) entende que “Enquanto a memória é afetiva e mágica, a história é uma operação intelectual crítica e laicizante. Enquanto a memória pertence a grupos e, por isso, há várias memórias, a história pertence a todos e a ninguém, o que a inclina para o universal, exigência de um conhecimento científico (BONA, 2010, p. 138)”.

O que existe é uma forte oposição entre os dois conceitos, sendo que a história só tem começo a partir do momento em que a memória chega ao fim. Essa por sua vez, acaba quando finda o grupo social que a sustentava. Frente às distinções explicitadas, como fazer uso da memória no ensino de história local? De acordo com Monteiro (2012):

O ensino de história é, potencialmente, um lugar onde memórias se inter cruzam, dialogam, entrem em conflito; lugar no qual também, se busca a afirmação e registro de determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo, prescritas pela instituição em que se localiza (MONTEIRO, 2012, p. 15).

Assim, o ensino de história pode ser usado de forma que contribua com “a construção e reconstrução da memória”, que junto aos estudantes possibilite o estabelecimento de vínculos de afeto com o local onde encontram-se, podendo entender o processo de construção de sua sociedade, bem como as transformações ocorridas.

Nesta pesquisa, a memória foi usada “na perspectiva que possibilita relacionar o vivido (memórias espontâneas) com o ensinado/aprendido (saberes curricularizados, saberes ensinados, saberes aprendidos), compreensões que os tornam próprios e particulares, plenos de um saber do mundo na construção de conhecimentos de uso cotidiano, de memórias” (MONTEIRO, 2012, p. 03). Aqui a memória foi usada como ponto de partida para conhecer saberes e vivências invisibilizados, para reconhecer as características da identidade de um grupo através das experiências de vida dos ribeirinhos, como aponta Chagas (2002):

Se por um lado, marcar o território pode significar a criação de ícones de memória favoráveis à resistência e a afirmação dos saberes locais frente aos processos homogeneizadores e globalizantes; por outro, assumir a volatilidade desse território pode implicar a construção de estratégias que favoreçam a troca, o intercâmbio e o fortalecimento político-cultural (CHAGAS, 2002, p. 61).

Fato que precisa ser sublinhado na relação entre memória e ensino de história diz respeito aos conhecimentos trazidos pelos alunos, que se constituem como memórias construídas em meio a grupos em que vivem, como a família. Esses conhecimentos prévios e/ou memória são inúmeras vezes desconsiderados pelos professores, “são referências culturais



fortemente ancoradas em figuras familiares que sustentam suas construções identitárias” (MONTEIRO, 2012, p.13). Por isso, é preciso ampliar a atenção dada a significados e representações pré-existentes de forma a entender os reflexos do passado no presente.

Levando em consideração a questão colocada, a segunda oficina desenvolvida com os estudantes (no rol de 15 oficinas), teve como princípio a identificação e análise dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a história de Conceição do Araguaia, que se deu por meio de roda de conversa e aplicação de questionário. Inicialmente explanei sobre a importância de conhecermos a história do local onde vivemos, que não precisa necessariamente ser o conhecimento adquirido na escola, mas também aquilo que ouvimos dos nossos familiares, as histórias contadas pelos mais velhos. Em seguida, solicitei que falassem sobre o que sabiam a respeito da história da nossa cidade. Verbalmente a maioria dos alunos afirmou não conhecer a história da cidade e poucos mencionaram o nome de Frei Gil de Vila Nova, considerado oficialmente fundador de Conceição do Araguaia. Já nos questionários aplicados, um estudante citou a data da fundação da cidade e dois mencionaram o nome do fundador e o fato dele ter catequisado os indígenas da região.

Contudo, a memória, e mais especificamente a memória histórica pode colaborar para a feitura da memória coletiva através da ação do historiador, que no uso de suas funções realiza indagações aos documentos para então constituir o que irá compor a memória histórica (VARGAS GIL, 2019).

Nessa perspectiva, a memória é um trabalho de interpretação do passado em razão do presente e do futuro, a partir de estratégias ou lutas que buscam construir outras narrativas, obscurecidas pelas memórias oficiais em torno de pessoas, grupos e instituições. Essas memórias das lutas coletivas e dos diferentes grupos invisibilizados no relato da história pátria necessitam fazer parte do currículo das escolas, compondo, assim, memórias e histórias mais plurais (VARGAS GIL, 2019, p. 157).

Sendo assim, trabalhar com a memória é estabelecer procedimentos de escolhas carregadas de poder, pois a memória, assim como os documentos é constituída de “certas visões de mundo”. Mário Chagas (2002) ao discutir os dois movimentos dinâmicos que existem entre memória e poder, “um que se dirige para o passado e outro que se orienta para o presente”, elucida sobre a importância da atenção que deve-se ter em relação a esses conceitos. A memória do poder é uma concepção voltada à institucionalização da memória dos grupos dominantes, tem como base a exaltação de personalidades e expressam a ideia de um modelo de representação universal, como se não houvesse especificidades.

A tendência para celebração da memória do poder é responsável pela constituição de acervos e coleções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fosse a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal, como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico procedimentos técnicos de purificação e excludência (CHAGAS, 2002, p. 53).

Mas existe também a perspectiva conhecida como “poder da memória”, que se caracteriza pelo posicionamento de mudança, onde a memória em pauta é uma leitura das várias existentes, mediada por estruturas de poder. Aqui a memória é usada como instrumento de “intervenção social”, voltado ao atendimento do meio (CHAGAS, 2002).

Utilizar a memória como fonte para o ensino de história local propicia o contato e estimula o respeito dos estudantes para com os outros, sobretudo os mais velhos, que trazem consigo pontos de vista diferentes, fatos importantes do passado relacionados a cidade. Elementos que contribuem para a identificação do aluno com o meio em que vive, aspectos que tornam o estudo significativo, tendo em vista o contato direto com memórias de outros tempos. Esta é a base necessária para a efetivação de uma pesquisa, como aponta Monteiro (2012) fundamentado em Certeau: “... a condição para a pesquisa e o desenvolvimento do ensino de história é a articulação com um lugar, em construção, que tenha o reconhecimento de seus pares e do público a que se destina, lugar de trocas, diálogos entre atores e sabres...” (MONTEIRO, 2012, p. 9-10).

Trabalhar com a memória de ribeirinhos implica fazer uso da metodologia da história oral, que no ensino de história se caracteriza como um leque de possibilidades voltadas à valorização de epistemologias que se baseiam em histórias “outras”, em experiências ainda desconhecidas, mas que precisam entrar na pauta das discussões. Sendo assim, “Lançar mão de fontes orais, é priorizar epistemologias que embasam a vida de pessoas e modos que nos interessam; é apostar na realização de uma história com rostos, cores, cheiros concretos; é apostar numa história composta por múltiplas dimensões dos viventes (...)” (CARDOSO, 2018, p. 111).

Nesse sentido, este trabalho baseou-se nas ideias de Thompson (1992) que ao tratar de questões relacionadas à história oral afirma que:

[...] a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (1992, p. 22).

A perspectiva da história oral colocada acima é justamente a pretendida nesta pesquisa, um elemento usado para mudar o foco da história local existente até o momento, que se baseia

num véis colonialista, onde predomina a versão e a visão dos religiosos dominicanos em relação aos povos indígenas que foram dominados. Versão que inviabiliza os demais grupos que fizeram parte do processo de construção da cidade de Conceição do Araguaia. O foco pretendido então, é o que valoriza a versão dessas pessoas que desenvolveram por meio de suas vivências, uma história peculiar no contexto local.

A mudança de perspectiva trazida pela história oral possibilita que nós professores nos ocupemos também com as vivências dos estudantes, seus familiares e membros da comunidade a que pertencem. Assim:

[...] as testemunhas podem, agora, ser convocadas de entre as classes subalterna, os desprivilegiados, os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo (THOMPSON, 1992, p. 26).

A história oral ajusta-se a história local na medida em que facilita a viabilidade de pesquisas que partem de problemáticas do presente, buscando obter novos entendimentos e diferentes visões, conforme aponta Thompson: “Um projeto de história oral será certamente viável (...) especialmente se o projeto focar as raízes históricas de alguma preocupação contemporânea demonstrará muito bem a importância do estudo histórico para o meio ambiente imediato” (1992, p. 29).

Contudo, é utilizada abaixo uma citação de Paul Thompson que traduz e significa o trabalho desenvolvido com a memória enquanto fonte, e a história oral enquanto metodologia, no âmbito da história local:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extra a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato e, a compreensão, entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época (1992, p. 44).

Desta maneira as versões da história local, distantes e desligadas da vida dos estudantes dão lugar a versões com relevante significado, tendo em vista a ligação com o mundo em que estão inseridos, e mais ainda, com testemunhos vivos, por meio da memória de pessoas do lugar. Portanto, esta pesquisa foi um espaço destinado a efetuar uma compreensão da história de Conceição do Araguaia – Pará, a partir de vozes diferentes. Levando testemunho oral, a partir

do poder da memória, de moradores ribeirinhos para a sala de aula. Neste espaço, as memórias dos ribeirinhos, através das entrevistas transcritas, foram analisadas pelos estudantes, que a partir daí construíram as biografias desses moradores.

## **2.2 Versões de uma história: escritos colonialistas da história de Conceição do Araguaia-PA**

A colonialidade, assentada na permanência das estruturas coloniais no campo das ideias, mesmo nos dias atuais, é discutida por uma diversificada gama de pensadores americanos e latino-americanos, como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Catherine Walsh, Vera Candau, Helena Maria Marques Araújo, Elison Antônio Paim e Edson Antoni, dentre inúmeros outros. São autores que concentram suas discussões na colonialidade do poder, do ser, do gênero e da educação. Identificada a permanência colonial nessas áreas, apontam maneiras de superá-las, a partir do diálogo e valorização daqueles que foram subalternizados pelo processo de colonização.

A colonialidade do poder, especificamente o poder político, está intrinsecamente ligado ao colonialismo do saber, onde as abordagens históricas que possuem como foco as grandes estruturas, como por exemplo, aquelas que enfatizam as questões nacionais. A tradição da narrativa da história local, incluindo o que escrevem muitos historiadores não profissionais, está marcada pela perspectiva da história política, com foco nos grandes eventos realizados pelos homens ilustres, geralmente brancos. Esta perspectiva destaca somente a história das elites locais, numa versão colonialista que não abre possibilidade para as pessoas comuns. Sobre essa questão Cardoso (2018) considera que:

Esse processo de produção de conhecimento colonial, de cima para baixo, bem legitimando espaços de saber-poder silenciando, marginalizando saberes outros e tirando grupos da condição plena de existência criadora. E são esses saberes outros, uma sabedoria considerada menor que pretendemos privilegiar nessa escrita (CARDOSO, 2018, p. 57).

Nesta perspectiva colonialista encontram-se autores como Isaú Coelho Luz, memorialista que adota uma versão que romantiza o processo de formação local e, Milton Pereira Santos que, apesar de ser historiador, segue a linha que prioriza versão e visão dos colonizadores. Já o autor Octávio Ianni constrói um discurso baseado nas relações sociais que se formaram, levando em consideração os diferentes grupos que ocuparam a região.

A história que trata sobre a elite local e a versão dos colonizadores, está presente em parte dos escritos referentes à história de Conceição do Araguaia – Pará, sobretudo os de autoria Isaú Coelho Luz, a qual prevalece uma concepção dualista entre religiosos e nativos, invisibilizando os demais sujeitos que integram a história local. Torna-se necessário assinalar que essa é uma tradição nos escritos de história local, que em sua maioria versam sobre a história política (que priorizam narrativas das elites locais ou de personagens políticas) ou tão somente dos colonizadores.

Antes de tudo, é necessário esclarecer que o autor em questão não é historiador de formação, é funcionário público do Estado de Goiás (nascido e criado em Conceição do Araguaia), e escritor de várias obras literárias, sendo por isso investido do status de historiador pela comunidade local.

As obras escritas por Isaú Coelho Luz caracterizam-se como memorialísticas e possuem sua relevância, pois podem ser utilizadas como fonte de pesquisa, com as devidas críticas estabelecidas, analisando suas limitações e o modo como apresentam sujeitos e a história local. Sobre essa questão, Martins (2013) versa sobre o trabalho que pode ser desenvolvido por professores em sala de aula, usando textos de memorialistas e mesmo corografias.

O professor pode chamar a atenção dos estudantes para as fontes empregadas na elaboração das memórias e corografias, falar sobre seus vieses e limitações, bem como desafiar os estudantes a indicar coisas (fatos, pessoas, grupos sociais e processos) que são deixados de fora dos referidos textos. É convidar a turma a pensar sobre as implicações desses “ocultamentos” na compreensão do passado da região ou do lugar (MARTINS, 2013, p. 146).

A obra “Rastros e Pegadas” de Isaú Coelho Luz é um exemplo concreto da existência da versão colonialista no âmbito dos escritos que abordam a história local. Neste livro, a importância maior é atribuída a trajetória de vida do fundador Frei Gil de Vila Nova, que sempre enaltecido, é descrito como “visionário e herói”, bem como o percurso dos missionários dominicanos franceses até chegar à região onde seria instalado o núcleo de catequização.

Desta maneira, após caracterizar geograficamente o Rio Araguaia e a região onde se instalou o núcleo que deu origem a cidade de Conceição do Araguaia, o autor tece a biografia de Frei Gil de Vila Nova e o percurso percorrido por ele até chegar no Brasil em 1887, e iniciar as incursões em busca de nativos e de um lugar para instalar seu projeto catequizador.

Os povos indígenas da região do Araguaia, sobretudo Karajás e Kaiapós também recebem destaque na obra mencionada acima, mas na maior parte do livro, em uma versão pejorativa e colonialista. Em vários momentos são denominados como “selvagens”,

incivilizados, sem cultura, que espalhavam “terror e devastação”, fato que pode ser observado no momento em que, o autor define as missões religiosas estabelecidas no Brasil como “eficientes centros de cristianização, civilização e cultura nos sertões e florestas do centro e norte do Brasil” (LUZ, 2011, p. 51). Em outro ponto, a visão diminutiva e pejorativa se afirma em relação a necessidade da criação de um espaço para que missionários pudessem catequisar: “Necessário se fazia que um trabalho idêntico fosse realizado junto às indiazinhas, que deveriam ser educadas na mais tenra idade, antes que obtivesse os hábitos selvagens” (LUZ, 2011, p. 104).

Especificamente em relação aos nativos que foram submetidos à catequização dos dominicanos, o autor descreve o seguinte: “Ao estarem sob a guarda do padre, os indiozinhos se revelaram o que eram na realidade: indisciplinados, inconstantes, gulosos e ladrões, susceptíveis e vingativos” (LUZ, 2011, p. 99).

A relação entre os missionários dominicanos e nativos descrita no livro é harmônica, sendo que esses últimos sempre se submetiam aos pedidos de Frei Gil, como pode-se observar:

[...] o missionário procurou os três chefes indígenas, Fontoura, Paracantí e Congrí, para indicar-lhes o local onde deveriam levar suas crianças para o grande trabalho de catequização. Os índios fizeram nenhuma objeção, visto o extraordinário prestígio que o padre tinha com os chefes indígenas...os chefes índios, confiantes na palavra de Frei Gil, davam tantos quantos índios pequenos o missionário pedisse [...] (LUZ, 2011, p.97-98).

Além dos religiosos, o livro destaca os intendentes e prefeitos que governaram Conceição do Araguaia até o ano de 2012, assim como os presidentes da câmara municipal de vereadores. Desta maneira, toda a narrativa gira em torno dos colonizadores religiosos e a relação estabelecida com os nativos da região. Pouco ou quase nada se aborda sobre as demais pessoas que fizeram parte do processo de criação de Conceição do Araguaia.

A segunda obra de Isaú Coelho Luz aqui analisada se intitula “Memórias Araguaianas: entre becos, barrocas, areões e banzeiros”. Nesta obra foram reunidas uma série de entrevistas, gravadas em vídeo e áudio por Luz, com diversos membros da sociedade Araguaiana. Segundo o autor pessoas “... que ficariam no anonimato, caso eu não agregasse nesta obra, tantos fatos maravilhosos, vividos e contados com vivacidade, intensidade, orgulho e coragem dessa gente [...]” (LUZ, 2018, p. 05).

O objetivo central do livro, segundo o autor, foi esmiuçar “A história de Conceição contada por quem vivenciou, ou ouviu de pais e avós, ao longo de cento e vinte e um anos a saga dos dominicanos” (LUZ, 2018, p. 05). Fica evidente que, apesar de reunir pessoas de

diferentes grupos sociais, essas narrativas, a partir dos grandes feitos dos jesuítas ou de outras figuras “importantes”, contribuem para invisibilizar a vida e as lutas do povo comum, que aparece apenas como uma consequência da ação missionária e política.

As entrevistas que seguem transcritas contam sobre a vida dos moradores, separadas por temas, não registram nenhum tipo de pergunta. Apesar de sempre exaltarem a presença dos religiosos e a elite local, muitos pontos importantes são mencionados em segundo plano, como a migração de famílias inteiras para a região de Conceição fugindo dos conflitos políticos que ocorriam em parte do Maranhão, assim como as atividades econômicas que desenvolveram e contribuíram para o abastecimento do comércio local.

Para além das narrativas memorialistas, existem pesquisas de caráter historiográfico que também expressam relações de poder, caracterizadas pelo enfoque dado somente a duas figuras, religiosos e indígenas, invisibilizando grande parte da população que também faz parte da história local.

Milton Pereira Lima (2019), em sua dissertação “O discurso dos missionários dominicanos sobre os indígenas do Araguaia na revista Cayapós e Carajás” realiza uma abordagem referente ao discurso dos religiosos dominicanos em relação aos nativos. Para tanto se baseia na revista “Cayapós e Carajás” de autoria dos dominicanos, que escreviam sobre suas práticas no momento em que, desenvolviam a ação missionária na região do Araguaia paraense. Neste trabalho, a discussão central baseia-se nas figuras do dominicano e do indígena, como pano de fundo são mencionados os sertanejos que também fizeram parte do processo de ocupação da região, mas sem maiores detalhes ou explicações.

Em outro trabalho intitulado “O colégio Santa Rosa na dinâmica da educação-pacificação dos selvagens do Araguaia Paraense, a partir da revista Cayapós e Carajás/Memórias Dominicanas (1902-1952)”, Milton Pereira Lima aborda o processo educacional desenvolvido em Conceição do Araguaia, através da Escola Santa Rosa, implantada pelos dominicanos em 1902. Segundo Lima (2021):

Dentre esses colégios instituídos pela Congregação Dominicana, se encontra o Colégio Santa Rosa de Conceição do Araguaia, responsável pelo pioneirismo educacional da Região do Araguaia Paraense e pela escolarização de pelo menos cinco gerações, tornando-se um marco na história da cidade e da população (LIMA, 2021, p. 49).

Apesar de caracterizar a escola como responsável pelo ensino na região durante cinco gerações, ao esmiuçar o texto do artigo não se encontra informações sobre sujeitos diferentes de indígenas e religiosos. Mesmo assim, Lima (2021) afirma o seguinte:

Neste artigo, discutiu-se sobre a implantação do Colégio Santa Rosa em Conceição do Araguaia, no ano de 1902, quando os missionários dominicanos criaram escolas para crianças indígenas e filhos de sertanejos ao longo do imenso território de sua diocese, que se estendia até São Felix e as proximidades da cidade de Marabá (LIMA 2021, p, 61).

Neste fragmento existe a menção de que a escola fundada pelos dominicanos possuía o objetivo de atender nativos e “filhos de sertanejos”, mas o artigo considera de forma exclusiva o trabalho das religiosas dominicanas que vieram para o Brasil encarregadas da educação e catequização dos indígenas. A educação desempenhada pelas dominicanas ocorria inicialmente no aldeamento Kayapó, localizado a aproximadamente 20 km do povoado, posteriormente a prática educativa foi transferida para o Colégio Santa Rosa localizado no povoado. Neste momento as crianças indígenas eram retiradas do aldeamento e levadas para a vila de Conceição do Araguaia.

Outro autor que merece ser destacado nesse contexto de autores que tratam sobre a cidade de Conceição do Araguaia, vai além da dualidade estabelecida entre religiosos e nativos, abordando os demais sujeitos que compuseram o processo de formação de Conceição do Araguaia, é o sociólogo Octavio Ianni. Possuidor de diversas publicações e uma ampla atuação profissional, cursou doutorado pela Universidade de São Paulo onde lecionou por 13 anos, também atuou na Columbia University em Nova York, na Universidade Nacional Autónoma no México, na Oxford University, e na Pontifícia Universidade Católica aqui no Brasil, tendo várias obras publicadas pela editora vozes, sendo uma delas “Imperialismo e Cultura”.

Sua obra aqui analisada é intitulada “A luta pela terra”, onde realiza uma análise das relações sociais oriundas da ocupação da terra na cidade de Conceição do Araguaia - Pará. Ianni examina do ano de 1897 até 1977, desde o processo de expropriação dos povos indígenas, que ocorre no período de formação do povoado até a exploração da mão de obra no extrativismo da borracha e nas fazendas de criação de gado, que se instalaram posteriormente na região. Nessa obra é possível observar o protagonismo de grupos sociais que foram invisibilizados nos escritos analisados anteriormente, mas também os conflitos oriundos das relações que ali se firmaram, caracterizando universo rural amazônico.

Na trama das relações sociais dos índios, caboclos, religiosos, dominicanos, seringueiros, seringalistas, comerciantes, sitiantes, posseiros, latifundiários, grileiros, jagunços, policiais, funcionários, técnicos, advogados, gatos, peões, vaqueiros, empresários e governantes, entre si e com a natureza, a terra se transfigura, estranha dos que nela trabalham (IANNI, 1978, p, 05).



Na citação acima fica evidenciado que para além de dominicanos e indígenas, também fizeram parte do processo que resultou na criação de Conceição do Araguaia, outros sujeitos, que participaram e contribuíram diretamente para a formação e desenvolvimento da vila e mais tarde da cidade.

Segundo Ianni (1978) a base principal da formação do núcleo de Conceição do Araguaia assentou-se sobre a catequização dos nativos pelos dominicanos. Mas, junto a essa missão estava o cuidado com as almas cristãs que ali chegavam em processo migratório, de regiões vizinhas, atraídos pela economia que girava em torno da extração e comércio da borracha. Essa assistência religiosa aos cristãos migrantes é mencionada pelo próprio líder da missão dominicana Frei Gil de Vila Nova em um documento conhecido como “Memorial”, onde o religioso realiza explicações e especificações das práticas desenvolvidas em Conceição do Araguaia para seus superiores na França.

Desta maneira, de forma paralela a catequese implantada pelos dominicanos, também se desenvolviam relações diversas, entre as pessoas que chegavam de outras regiões, com os religiosos, através do assistencialismo cristão, e com os indígenas, por meio do uso de sua força de trabalho nas mais diversas atividades econômicas.

Dois fatores contribuíram para o rápido crescimento da vila de Conceição do Araguaia, o sonho de possuir terras onde a presença missionária já era real e a descoberta nas florestas locais de abundantes seringueiras.

Atraídos pela presença dos missionários e pela miragem de terras novas, muitas famílias afluíram sem cessar dos sertões de Goiás, Maranhão e Piauí. Uma outra causa de transformação rápida e inaudita era a descoberta, em 1904, de uma riquíssima zona de borracha nas matas vizinhas. Chegaram logo às centenas os extratores da preciosa goma castilho (IANNI, 1978, p. 29).

Todo o processo de formação da vila que se transformou no município de Conceição do Araguaia foi marcado pela forte presença de pessoas comuns que colaboraram de diversas maneiras no processo de desenvolvimento local.

[...] desde a fundação do arraial em 1987, até cerca de 1960 – a população do Município de Conceição do Araguaia, contava com a seguinte composição racial: brancos, índios, negros, mulatos e caboclos, isto é, mestiços de índios e brancos. Durante o ciclo da primeira borracha foi grande o afluxo de trabalhadores provenientes dos estados do Nordeste (IANNI, 1978, p. 67).

Portanto, os escritos de Ianni (1978) mostram que a história de Conceição do Araguaia não foi protagonizada somente por religiosos e nativos, mas também por uma gama de sujeitos

importantes durante todo o processo histórico, merecendo assim, sair da invisibilidade e constituir seu lugar nos diálogos do local. Mostra também os muitos conflitos que ocorreram na região do Araguaia, conflitos que tiveram como consequência o genocídio de boa parte dos nativos que ali habitavam, como do grupo Kaiapó de Pau D'arco, que eram em torno de 2.500 em 1902 e somente três dezenas em 1940. Exemplo dessa questão Ianni (1978) aponta que: “Às vezes os conflitos envolviam apenas diferentes grupos indígenas, como quando se enfrentavam os Kaiapó e os Karajá. Mas os conflitos entre índios sempre mostravam a presença, a provocação ou o interesse dos cristãos e dominicanos, ou civilizados” (IANNI, 1978, p. 71).

Além dos Kaiapó e Karajá, outras etnias habitavam a região de Conceição do Araguaia, às margens do rio ou no interior das florestas, como os Xikrin, Purucarut, Gorotire, Nhangagakri, Xavante e Xerente. Os Kaiapós estavam organizados em três aldeias e contavam com aproximadamente 2.500 integrantes. Esses grupos foram sendo exterminados de várias maneiras, na medida em que o processo civilizatório avançava sobre a área, conforme aponta Ianni (1978):

[...] seringalistas e comerciantes, sitiantes e fazendeiros ampliavam os seus contatos com os índios, sob várias formas. Procuravam absorvê-los em atividades extrativas, de transporte e outras [...] Mesmo os índios que se encontravam afastados mata adentro, eram alcançados [...] Tropeiros e seringueiros contratavam jovens silvícolas iludindo-os com promessas irrisórias e, ao fim de longas viagens e duras pelepas no interior das florestas, pagavam-nos com miseráveis salários. Muitos exploravam os índios simplórios ou viciados. Por uma simples garrafa de péssima aguardente, por um punhado de sal, uma rapadura ou alguns litros de farinha de mandioca, subtraíam aos pobres selvagens roupas novas e ferramentas [...] a superexploração do trabalho e a doença encarregavam-se de acelerar a mortalidade indígena (IANNI, 1978, p. 24-25).

Desta maneira, de um modo ou de outro, pelos religiosos, extrativistas ou fazendeiros, os povos indígenas eram submetidos e explorados, até chegar na brusca redução de sua população. Situação aguçada, com a política de incentivos fiscais do governo federal, que abriu as portas da Amazônia para a instalação de latifúndios, por meio da implantação de grandes fazendas, fato que causou a expulsão de grupos indígenas de suas terras, conforme salienta Ianni: “Ao longo da história social de Conceição do Araguaia, o que se nota é que os índios vão sendo expulsos, dizimados, submetidos ou absorvidos. Em 1897 eles eram numerosos; em 1950 eles são 20” (IANNI, 1978, p. 73).

### **2.3 Lembrando do que já não existe: memória e resistência nas relações com o Araguaia**

O Rio Araguaia é parte da identidade do povo concepcionense, um importante elemento que marca de forma profunda a cultura e a identidade local. Partindo dessa peculiaridade, pudemos observar que a memória dos ribeirinhos entrevistados é permeada por lembranças que contém informações valiosas sobre o rio, peculiaridades de quem vivenciou e ainda vive em suas proximidades. Essas memórias foram aqui unidas às informações contidas na pesquisa de mestrado de Francisquinha Carvalho “Nas águas do Araguaia: a navegação e a hibridez cultural”, onde é feita uma análise sobre a mistura presente no processo de formação das cidades ribeirinhas ao rio Araguaia, considerando os fatores que produziram a formação cultural e identitária a partir “(...) das políticas fundiárias, defesa e comercialização agrícola” (CARVALHO, 2008, p. 11).

Nascendo na Chapada das Emas, serra do Caiapó, entre os estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, o Rio Araguaia possui 2.115 km de extensão, sendo destes 1.818 km navegáveis. Possuidor da maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, detém uma biodiversidade rica e exuberante, fato que atrai visitantes e pescadores de vários lugares do país e do mundo. Além disso, divide-se de forma natural quatro estados brasileiros, Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins.

O Rio Araguaia constitui-se como caminho, porta de entrada para os colonizadores, tanto bandeirantes como missionários, que o percorriam em busca de índios para aprisionar e catequisar respectivamente. Além disso, muitos viajantes empreenderam rotas através do Araguaia para praticar o comércio com regiões longínquas como evidência, Carvalho (2008).

O rio Araguaia carrega muitas histórias. Ele foi o principal caminho. História dos bandeirantes que saíram de São Paulo e Belém e servindo-se do seu fluxo efetivaram a captura de índios. Histórias de missionários que rompiam fronteiras para catequizar os povos indígenas do Araguaia. História dos viajantes, navegantes e comerciantes que enfrentavam diversas intempéries, para comercializar seus produtos com outras regiões (CARVALHO, 2008, p. 22).

Foi através do Rio Araguaia que bandeirantes, religiosos e comerciantes chegaram em Conceição do Araguaia-PA, mas também foi por meio dele que sujeitos “comuns”, como o ribeirinho Toninho Ribeiro de Araújo, junto com sua família, procedentes do estado do Goiás, vieram residir na região. Quando perguntado sobre o motivo pelo qual vieram para a região e onde se estabeleceram, o entrevistado responde o seguinte: “porque disseram que aqui era melhor né, a sobrevivência, as condições da pessoa sobreviver né. E realmente foi bom mesmo, foi bom, foi sofrido, mas valeu a pena. Minha infância todinha foi passada aqui nessa beira de

rio (...) aqui em Conceição. Nós morávamos próximo aqui né, só que lá já fica município de Araguacema, que era do lado do Tocantins” (Toninho Ribeiro de Araújo, 2023).

Era muito numerosa a população que habitava as margens do Rio Araguaia antes da chegada dos primeiros colonizadores, eram Xavantes, Caiapós, Karajás, Javaés, Chambioás entre outros. Esses povos viviam em um ambiente composto de “riquezas naturais e culturais”, cenário composto por uma diversidade de plantas medicinais e animais silvestres, fontes de alimentação. Os missionários que empreenderam a catequização por meio da criação de aldeamentos, num processo de expansão das fronteiras culturais europeias, deram origem, a partir do século XVIII, aos primeiros povoados, “mas é no século XIX que o sertão do Araguaia é marcado pela formação de povoados, vilas e posteriormente cidades” (CARVALHO, 2008, p. 35). É nesse contexto que tem início o processo de formação do povoado de Conceição do Araguaia.

Desta maneira, a riqueza natural é também abundante de muitas histórias, como do surgimento de várias cidades que margeiam este rio (conforme mapa abaixo), resultantes da implantação de presídios, projetos desenvolvidos desde séculos anteriores pelo governo que objetivava proteger as fronteiras brasileiras. Assim:

Conquistar espaços ocupados pelos índios favorecendo o estabelecimento de pequenos núcleos de povoamento; defender os colonos, os comerciantes e os moradores dos conflitos existentes entre brancos e índios, bem como, da entrada de invasores para o interior do Brasil, foram os principais objetivos dos dirigentes portugueses, na colonização do Vale Araguaiano, exatamente numa época em que vários países da Europa disputavam essa colossal gema (CARVALHO, 2008, 41).

Para além dos fortes e presídios, algumas das cidades que margeiam o Rio Araguaia nasceram a partir do projeto de catequização praticado por religiosos católicos no século XIX. Esse projeto, que se baseou na separação de grupos indígenas de etnias diferentes, possuiu além do interesse religioso, o interesse econômico de transformar os grupos mencionados em mão de obra. A junção de colonos e indígenas nesse processo, mesmo que em menor proporção que os presídios, deram origem a pequenas vilas que mais tarde se transformariam em cidades, como é o caso da cidade abordada nesta pesquisa Conceição do Araguaia-PA, que se formou a partir do projeto de missionários dominicanos de catequização dos povos indígenas e também da migração de homens e mulheres que chegavam em busca de melhores condições de vida, como aponta Ianni: “Foi no interior dessa teia de relações, materiais e espirituais, de cristãos, índios e religiosos, entre si e com a natureza, que surgiu o arraial de Conceição do Araguaia em 1987” (1978, p.14).

As cidades que nasceram a partir dos meios apontados acima foram: “Alto Araguaia, Santa Rita do Araguaia, Baliza, Torixoréu, Barra do Garças, Aragarças, Britânia, Aruanã (antigo Presídio de Santa Leopoldina), Itacaiú, Cocalinho, Bandeirantes, Luiz Alves, São Félix do Araguaia, Posto Santa Isabel, Missão Fontoura, Mato Verde, Santa Terezinha, Furo da Pedra, Lago Grande, Barreira de Santana, Barreira do Campo, Araguacema, Couto de Magalhães, Xambioá, Conceição do Araguaia, Luciara, Caseara, Pau D’Arco, São Geraldo do Araguaia e Araguatins” (CARVALHO, 2008, p. 22).

Figura 7 - Mapa do Rio Araguaia com as cidades que surgiram às suas margens



Fonte: Carvalho, 2008. Trabalho de adaptação do traçado do rio Araguaia, apresentando cidades ribeirinhas surgidas ao longo do rio Araguaia: Aruanã (GO), Araguacema (TO), Couto de Magalhães (TO) e Conceição do Araguaia (PA). Adaptado pela arquiteta Ana Flávia Lucena, 2008, a partir do traçado original publicado pelo Ministério dos Transportes e atualizado em 2008.

O Rio Araguaia caracteriza-se como um “espaço social” onde são estabelecidas relações entre rio e pessoas e estas entre si, possuindo representações diversas, sobretudo para aqueles que vivem às suas margens, como destaca Carvalho (2008):

O rio Araguaia é um capital natural, rico de representações culturais. Com diferentes significados, suas águas podem representar para visitantes e poetas, símbolo de

beleza, prazer, encantamento, mistério, mensagens, paisagem. Mas ele representa muito mais às populações ribeirinhas. Ele brota da terra, alimenta, gera vida (CARVALHO, 2008, p. 20).

Sobre a questão da representação do rio para as comunidades ribeirinhas, Cardoso (2018) aponta sua imensa importância, uma vez que está inserido diretamente nas vivências deste grupo.

A região banhada pelo Araguaia foi e continua sendo um lugar que atrai muitas pessoas. Em sua proximidade as terras são mais férteis, a água é de fácil acesso, a locomoção é facilitada e ele é fonte de alimento, renda e lazer. A minha família cresceu na beira desse rio, nele lavávamos roupa, nos banhávamos, brincávamos e dele nosso pai trazia uma infinidade de peixes após longas pescarias. Senhoras e senhoras pescavam à noite e, de casa em casa vendiam pela manhã. Ele representava vida (...) (CARDOSO, 2018, p. 55).

As representações construídas em relação ao rio partem da vivência que diferentes grupos mantêm com ele, como moradores de suas proximidades que usam o período de praias como uma fonte de renda através do comércio estabelecido nas barracas montadas para atender visitantes locais e turistas, pescadores, que tiram do rio o peixe, elemento responsável pelo seu sustento. Assim, o rio Araguaia possibilita a socialização entre culturas distintas, sobretudo no período do veraneio, quando as águas baixam e formam-se os bancos de areia usados como praia.

Como num passe de mágica, suas águas baixam entre os meses de junho a outubro. Nas barrancas, as plantas desafogadas, rejuvenescidas e agradecidas, brotam seus vigorosos frutos. Frutos estes que alimentam tanto os animais aquáticos, quanto os terrestres. Neste período, revelam-se em suas margens, exuberantes praias largas, extensas e de areias finas e brancas. Sobre elas abrigam e passeiam dóceis animais, como a tartaruga, os tracajás e outros. A população nativa e os turistas aproveitam para fazer deste lugar um espaço de passatempo. Suas praias simbolizam o lazer. Suas águas servem de entretenimento (CARVALHO, 2008, p. 26).

Sobre a questão do lazer e entretenimento proporcionado pelo rio Araguaia também é consenso entre os ribeirinhos entrevistados. O senhor Toninho (2023) quando perguntando, de que forma usavam o rio no período da sua juventude, afirma que: “Aqui nós usava o rio pra banhar né, pra brincar, sempre ia brincar lá”. Já a dona Marlene (2023) enfatiza o seguinte: “Pra diversão (...). Rapaz era animado, era animado. Eu banhava tanto ali tanto. Mais era bom, animado, o pessoal banhava bastante”. A entrevistada Maria das Neves (2023) diz que: “As crianças se divertia muito, brincava muito na beira do rio, banhava muito”.

Porém, é preciso sublinhar que o veraneio, época em que as águas do rio Araguaia baixam, forma-se as praias e o fluxo de pessoas aumentam, deixam suas marcas negativas, fato

que é apontado pelos ribeirinhos. Quando indagados sobre, como era o rio durante a sua juventude, responderam que: “(...) as praia era boa. Hoje é bom porque vem muito turista de fora né, mas não tinha a sujeira que tem hoje (...) vem a época de praia, o pessoal vem e deixa as sujeira né, não zela, pensa que no próximo ano eles não vão precisar. Então tá acabando cada dia mais (...) não tinha esse horror de casa na beira do rio, que esse pessoal tão desmatando né, tão acabando com nosso rio” (Maria das Neves, 2023). O pescador Deuzimar dos Santos (2023) responde que: “A beira do rio tá toda cheia de gente, todo canto que você encostar nessa beira de rio tem morador, todo canto (...) aonde tem ilha tem gente, tomou acabou tudo”. Dona Marlene (2023) dá a seguinte informação:

A margem não era povoada, hoje em dia ela tá toda povoada, pode você ver, até na ilha tem casa construída. Antigamente não tinha nada disso. Hoje em dia só falta a gente não ter só um lugar pra descer no rio, porque a gente não vai mais achar um lugar pra gente descer que não seja um lote de alguém.

As informações dadas pelos ribeirinhos sobre a ocupação das margens e das ilhas referentes ao rio Araguaia, fatores entendidos como a disputa pela água, podem ser verificadas por qualquer visitante que realiza um passeio. Este é um quadro que afeta diretamente a qualidade da água e conseqüentemente o equilíbrio ambiental. É possível observar casas construídas em uma ilha conhecida pelos populares como Ilha do Murici, conforme demonstrado na imagem abaixo.

Figura 8 - Casa construída na Ilha do Murici



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

A figura 8, confirma a fala dos ribeirinhos quando declaram a ocupação das margens e também das ilhas existentes no Rio Araguaia. Na imagem, casa construída que se localizam na Ilha do Murici, localizada nas proximidades de Conceição do Araguaia.

Todo esse processo de ocupação é resultado de um longo período de apropriação irregular e exploração, que teve início nos primórdios da formação do território que viria a ser Conceição do Araguaia, causando a transformação da paisagem natural, conforme aponta Carvalho (2019), ao explicar sobre a ocupação das margens do rio Araguaia:

As transformações da paisagem natural e urbana durante a ocupação territorial da região Araguaia ocorreram a partir da atuação dos agentes que se relacionaram entre si, nesse caso, a igreja e sua relação social com os nativos, de modo não significativo em relação à degradação ambiental. Após a atuação dos religiosos na região, surgiram conflitos decorrentes do desenvolvimento e modernização dos modelos civilizatórios, o rompimento dos valores tradicionais, abertura de estradas por entre as florestas, impulsionados pelo sistema de produção capitalista, que permeia no país atualmente (CARVALHO, 2019, p. 77).

Desta maneira, a ocupação que atinge hoje as margens e o interior do rio foi moldada no decorrer dos anos, tendo como um de seus resultados “(...) a perda da vegetação de suas margens e como consequência o assoreamento do rio ocasionando diminuição na sua profundidade” (CARVALHO, 2019, p. 78). Esta é uma realidade presente na fala de ribeirinha Dona Marlene (2023), quando fala sobre um poço muito utilizado por ela, que ficava nas proximidades de sua casa: “Tinha um poço aqui perto de casa onde eu lavava as roupas e nesse mesmo poço a gente pescava, lá era muito bom de peixe. Hoje esse poço não tem mais, porque a água da chuva leva a terra das ruas pra lá e foi aterrando o poço”.

Portanto, a memória dos ribeirinhos em relação ao rio Araguaia, é marcada pelas transformações que ocorreram no decorrer do tempo. Mudanças que afetam diretamente suas vivências e os levam a resistir diante das dificuldades impostas, que se referem primordialmente aos desgastes que o rio é submetido em função da presença em excesso de seres humanos.



### III CAPÍTULO – EXPERIÊNCIA DIDÁTICA PARA ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Escutar as outras vozes que soam de dentro desta complexa sociedade é também importante.

José D' Assunção Barros (2022, p. 43).

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite, conhecida popularmente como Wilson Leite, foi fundada no dia 09 de setembro de 1990, possuindo as seguintes resoluções de reconhecimento: nº 166 de 29/04/2005-CEE-PA/ Resolução 191/2011/ e Resolução 148/2021 (Novo Ensino Médio). O nome é uma homenagem a José Wilson Pereira Leite, considerado referência da cultura local pela sua vasta lista de composições musicais, poemas, chegando a exercer a legislatura, como vereador, em âmbito local. Pertencente a Rede Estadual de Ensino, a escola está localizada no Bairro Tancredo Neves, S/N, sentido sul da cidade de Conceição do Araguaia-Pará, possuindo o Rio Araguaia nas suas imediações.

O bairro Tancredo Neves foi criado a partir da doação de terrenos à população local no ano de 1988, fica a cerca de três km do centro da cidade e conta com duas ruas asfaltadas, sendo as demais no cascalho, além disso, possui posto de saúde e núcleo de assistência social.

A maioria dos estudantes da Escola Wilson Leite é oriunda de famílias de baixa renda que, em geral, possuem como principais formas de subsistências alguns trabalhos informais, aposentadoria ou benefício social do programa federal Bolsa Família. Em alguns casos, esse benefício constitui a única fonte de renda para toda uma família. Neste contexto, muitos deles precisam conciliar o estudo com o trabalho para ajudar na parte financeira de sua família. A turma do 2º ano do ensino médio, que integrou esta pesquisa, é composta por 25 estudantes, sendo 17 meninas e 7 meninos, que possuem entre 16 e 18 anos.

O corpo docente, que atua na unidade de ensino em questão, leciona em suas áreas de conhecimento específicas e possui, na sua quase totalidade, vínculo efetivo com a Secretaria de Estado de Educação, incluindo diretor, vice-diretores e orientadores. Partindo dessas informações, aprofundar-se-á neste capítulo a caracterização do nosso lócus e dos sujeitos da pesquisa, bem como o traçado da experiência didática até o produto final.

#### 3.1 Campo da Pesquisa: Escola Wilson Leite

A implantação da Escola Wilson Leite na área que compreende o bairro Tancredo Neves teve como objetivo, suprir a necessidade da região de uma instituição de ensino que

compreendesse ensino fundamental maior e médio, uma vez que as escolas existentes só ofertavam as séries iniciais do ensino fundamental. Desta maneira, fornece atendimento para o bairro que está inserida e os bairros vizinhos, como Morada do Sol, Vila Real I e II, Jardim Flamboyan, Vila Nova, Vila Cruzeiro, Alto Verde, Emerêncio, Jardim Araguaia. A escola atende ainda algumas localidades da zona rural, sendo que os estudantes se deslocam diariamente no transporte escolar das seguintes localidades: Setor Aeroporto, Menina Moça e Bradesco (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023).

Segundo o Projeto Político Pedagógico de 2023 a Escola possui como missão principal:

[...] oferecer uma educação de qualidade, com competência, criatividade e compromisso, para contribuir com a comunidade em que a escola está inserida, visando a formação de uma sociedade questionadora, ativa e participativa, com uma visão de mundo transformador (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023 p. 20).

Fica evidenciado que além do comprometimento com uma educação de qualidade a escola se responsabiliza com a comunidade local a fim de contribuir para a construção de uma sociedade em que haja participação e a consequente transformação dela. Mas o documento é claro em afirmar que ainda é pouca a participação dos pais na escola (conforme demonstrado nos gráficos adiante), sobretudo no que se refere a construção do Projeto Político Pedagógico, documento que versa sobre a proposta educacional da instituição, havendo a necessidade do desenvolvimento práticas que venham atrair maior participação da família no meio escolar.

[...] os pais e/ou responsáveis precisam ser mais participativos e ativos nesse processo de implementação do Projeto Político Pedagógico, há necessidade da escola se tornar mais atrativa, levando até eles ações que visam sua participação efetiva e fazê-los reconhecer que eles são partes fundamentais nesse processo que envolve ensino e aprendizagem (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023, p. 07).

A estrutura física da escola é organizada em térreo e primeiro andar. No térreo ficam organizadas 4 salas de aula, a secretaria, sala dos professores, sala de atendimento educacional especializado, biblioteca, cozinha, quadra esportiva coberta e sala de orientação/coordenação, que atendem aos padrões de acessibilidade. No primeiro andar do prédio localizam mais quatro salas de aulas, todos os departamentos contam com climatização, e a área externa (frente da escola) e interna (pátio da escola) possui sistema de monitoramento com câmeras.

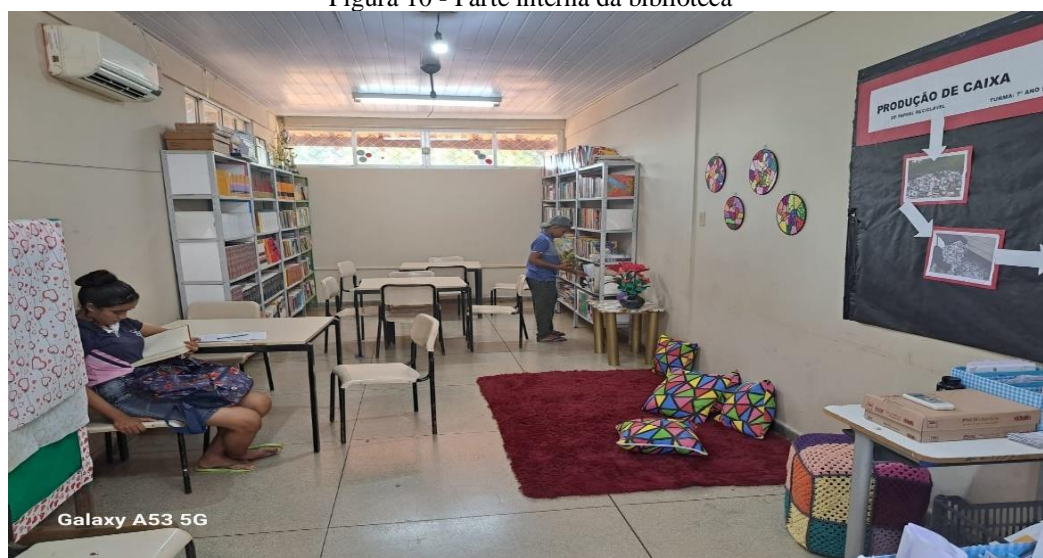
Figura 9 - Imagem da área interna da escola que mostra as salas do térreo e do primeiro andar



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

A biblioteca da unidade de ensino dispõe de um acervo de aproximadamente 1000 títulos de livros de diversas áreas do conhecimento, todos catalogados e usados pelos estudantes no local e através de empréstimos. Os livros foram adquiridos por meio de programas do Ministério da Educação – MEC. Apesar de possuir um espaço físico pequeno, conta com climatização, e mesas com cadeiras que acomodam até 12 alunos. É um espaço que possui profissionais com carga horária de dedicação exclusiva, formação na área de Letras – Língua Portuguesa e cursos de aperfeiçoamento na área. Além de serem responsáveis pela organização, catalogação e registros de empréstimos, desenvolvem junto à comunidade escolar projetos de incentivo à leitura.

Figura 10 - Parte interna da biblioteca



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

A sala de atendimento educacional especializado/ AEE é um espaço dedicado ao atendimento, acompanhamento e auxílio dos alunos com múltiplas deficiências cognitivas e transtornos globais. Os estudantes são atendidos em horário da aula, momento em que são identificadas suas dificuldades, para que possa ser traçada uma assistência específica segundo a necessidade. Conta com profissional de carga horária exclusiva e formação específica em Pedagogia com especialização em Educação Especial.

Figura 11 - Parte interna da sala de Atendimento Educacional Especializado.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023.

A quadra coberta é um espaço muito aproveitado, sendo utilizada para as aulas práticas de Educação Física, atividades esportivas livres dos estudantes e eventos desenvolvidos pela unidade escolar.

Figura 12 - Imagem da quadra poliesportiva



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2023.

A estrutura administrativa da Escola Professor José Wilson Pereira Leite é composta por um diretor, professor do quadro efetivo, e dois vice-diretores, sendo um orientador e outro professor, ambos efetivados na rede estadual de ensino. A parte pedagógica é formada por duas orientadoras no turno matutino, uma no turno vespertino e dois no turno noturno. Já o quadro de professores conta com 21 profissionais divididos entre os três turnos, que atuam em suas áreas específicas de formação. A escola conta com os servidores de apoio, sendo eles, 6 vigias, e 4 assistentes de serviços gerais, organizadas entre a limpeza e o preparo dos alimentos que são servidos como merenda para os estudantes.

Embora tenha recebido uma pintura na parte interna no início do ano letivo de 2023, a escola necessita passar por uma reforma geral para correção e adequação de sua estrutura. O pedido de reforma foi solicitado pela direção através de ofício destinado a Unidade Regional de Ensino, órgão que representa em nível regional a SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Pará, de onde aguardam retorno.

Figura 13 - Imagem com rachaduras expostas no muro da escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2023.

Sabe-se que a comunidade local é formada, em grande parte, pelos familiares dos estudantes, portanto, entende-se que a interação entre escola e comunidade não alcança níveis desejáveis, sendo a instituição ciente desse fato e da necessidade de buscar alternativas para melhorar a situação.

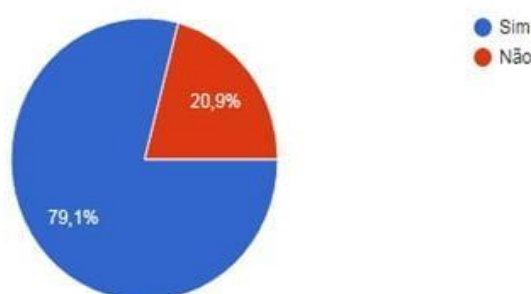
A participação da comunidade nas atividades da escola é indispensável, para melhoria do ensino oferecido às crianças e aos jovens e adultos. Para esse período a escola conta com a parceria dos seguintes órgãos: PSF- Nívea Padin, CRAS SUL. Vale ressaltar que estaremos sempre buscando novas parcerias para garantir a participação coletiva da comunidade, na resolução dos problemas Administrativo-Pedagógicos (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023, p. 09).

Para estabelecer uma melhor comunicação com a comunidade, principalmente os pais dos alunos, na reconstrução do PPP deste ano, a escola realizou um trabalho de escuta, uma pesquisa através da qual foi aplicado um questionário virtual com o uso do aplicativo google drive. O objetivo da escuta foi “(...) definir a atuação da comunidade escolar na construção e aplicação (efetivação) do Projeto Político Pedagógico da UE (...)” (PPP, 2023, p. 07). Foram consultados 43 pais ou responsáveis que responderam essencialmente sobre: a importância da construção e implementação do PPP; a iniciativa própria para procurar a escola; a participação nas reuniões quando solicitados; e a participação nas decisões sejam elas administrativas ou pedagógicas. O resultado da consulta foi o exposto nos gráficos e citação abaixo:

Gráfico 1 - Gráfico que evidencia o entendimento dos pais sobre a importância do PPP

4. Você entende a importância da construção e implementação do Projeto Político Pedagógico?

43 respostas



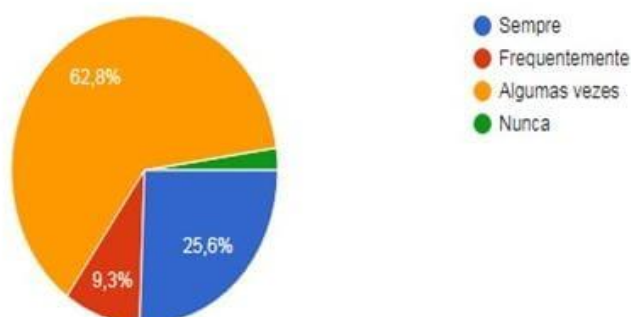
Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2023.

O gráfico 1 mostra que a grande maioria dos pais e/ou responsáveis, cerca de 79,1 %, entendem a importância da construção, assim como da implementação do Projeto Político Pedagógico para o andamento da unidade de ensino. Mesmo demonstrando esse entendimento, o quantitativo de pais e/ou responsáveis que procuram a escola por iniciativa própria, possui um percentual muito baixo, somente 25,6%.

Gráfico 2 - Gráfico que mostra a iniciativa dos pais no quesito procurar a escola

7. Você procura a escola por iniciativa própria?

43 respostas

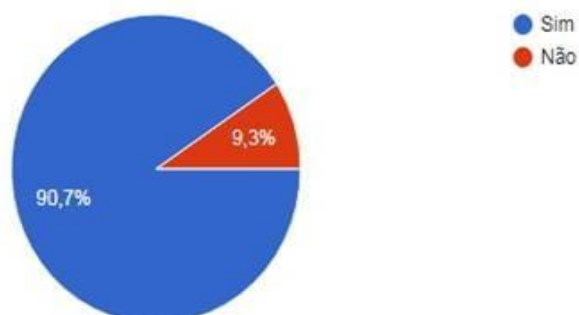


Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2023.

Gráfico 3 - Gráfico que demonstra a participação dos pais nas reuniões da escola

6. Você participa das reuniões quando convocados?

43 respostas



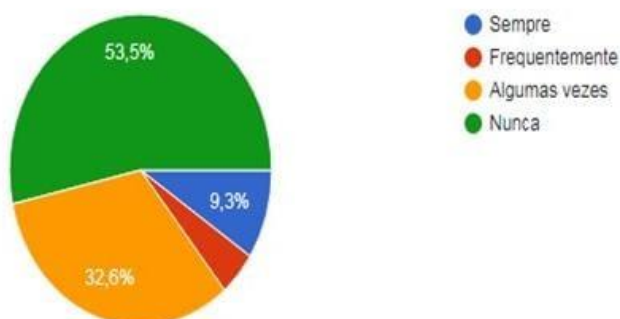
Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2023.

No que se refere a participação dos pais e/ou responsáveis em reuniões, quando convocados pela instituição de ensino, aproximadamente 90% responderam que participam. No entanto, esse número volta a cair quando a participação dos responsáveis se refere a decisões tomadas pela parte administrativa e pedagógica da escola, somente 32,6% comunicaram que algumas vezes se fazem presentes.

Gráfico 4 - Gráfico que demonstra a participação dos pais nas decisões da escola

8. Participa nas decisões administrativas e pedagógicas?

43 respostas



Fonte: Projeto Político Pedagógico, 2023.

O objetivo na demonstração das imagens gráficas foi precisar sobre a falta de iniciativa dos familiares (vistos aqui como a comunidade em que a escola está inserida), em procurar e participar das decisões da unidade de ensino, sendo a integração entre ambas primordial para uma aprendizagem significativa. Portanto, o PPP tem procurado viabilizar a comunicação com os pais, mas precisa aperfeiçoar métodos que contribuam para o aumento da presença, atuação e cooperação destes na escola.

79,1% entende a importância da construção e implementação do PPP...90,7% participam das reuniões quando convocados, 62% algumas vezes procuram a escola por iniciativa própria, 53,5% nunca participam das decisões administrativas e pedagógicas (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023, p. 07).

Segundo o documento em análise: “O Projeto Político Pedagógico surge como uma necessidade de a escola entender a comunidade em que está inserida, incluindo a diversidade cultural no âmbito escolar e traçando metas que desejam alcançar” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2023, p. 22). Assim, esta pesquisa se insere exatamente no quesito relação escola e comunidade, pois teve como propósito corroborar para o ensino da história local, trazendo para a sala de aula a memória de ribeirinhos da comunidade onde a instituição está inserida, ou seja, o contexto social dos estudantes, contribuindo para a construção da identidade local.

### 3.2 O caminho da pesquisa: conhecendo para produzir



Desenvolver estratégias metodológicas para o ensino de História, sobretudo o ensino de história local, que subsidiem o aprendizado do estudante através de práticas de produção, é algo considerado positivo. Neste item será abordada a experiência da prática da pesquisa histórica, através de uma sequência didática, organizada em torno de oficinas, que caracterizou-se como uma estratégia didático-metodológica de ensino de História local. O objetivo foi desenvolver uma metodologia a partir da memória de ribeirinhos de Conceição do Araguaia-PA, com os estudantes da turma do 2º ano do ensino médio, turno matutino da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite, que foram protagonistas no processo de valorização da sua própria história, por meio do acesso a histórias de vida de pessoas de seu grupo social.

Uma das características do processo de aprendizagem é a construção de conhecimentos em um contexto que leve em consideração a realidade em que o estudante esteja inserido. Isso significa que a comunidade e suas vivências precisam fazer parte do ensino, onde a mediação e coordenação do professor reflete a busca por uma aprendizagem com significado (AUSUBEL, 2003). Com o objetivo de colocar em prática esse ensino, que tenha mais sentido e significado para os alunos, desenvolvemos uma sequência didática com a utilização de oficinas.

A sequência didática é uma ferramenta constituída por um determinado número de aulas, previamente planejadas, com o objetivo de conduzir a construção do conhecimento e observar situações de aprendizagem. A sequência didática caracteriza-se como um conjunto de atividades organizadas, estruturadas e interligadas, que possui os objetivos definidos, possuindo um início e um fim estabelecidos. Já as oficinas, podem ser compreendidas como um conjunto de atividades coordenadas, que são programadas com o propósito de alcançar um objetivo pedagógico específico (ZABALA, 1998).

Segundo Zabala (1998), a construção da sequência didática deve levar em consideração três elementos, sendo eles “planejamento, aplicação e avaliação”. Desta maneira, realizou-se o planejamento da sequência através da construção de planos de aula (que pode ser visualizado no apêndice 2), onde foram definidos os objetivos específicos, o conteúdo que seria trabalhado, as ações, os recursos metodológicos, e o processo avaliativo. Feito o planejamento, seguimos com a aplicação da sequência didática, aqui chamamos cada aula de oficina, onde os estudantes desenvolviam estudos e produções. A avaliação de cada oficina se deu através da observação da participação e envolvimento no processo, sendo que ao final da sequência foi solicitada uma produção textual, onde os alunos puderam relatar a experiência e o aprendizado adquirido. Sob essa perspectiva, o processo de aplicação da sequência didática foi aberto ao diálogo entre os sujeitos envolvidos (alunos e professor), para observar a relevância ou não dos temas, bem com

o papel desempenhado por todos no desenvolvimento das atividades e na organização das produções propostas.

Partindo desses pressupostos, desenvolvemos um total de 15 oficinas, realizadas no segundo semestre de 2022, entre os meses de outubro e novembro, e no primeiro semestre de 2023, de março a junho, com a participação dos 25 alunos da turma supracitada, sendo que em muitos momentos houve a ausência de alguns dos estudantes, por motivos pessoais. No decorrer das oficinas buscamos efetuar a prática da pesquisa e produção histórica como estratégia didático-metodológica, visando o desenvolvimento de uma aprendizagem com sentido e significado para os discentes.

O primeiro ciclo contou com três oficinas, onde organizamos uma sequência introdutória. Inicialmente foi realizada a apresentação da pesquisa para os estudantes, informando o título, objetivos, a importância da pesquisa e a sequência metodológica, baseada em encontros semanais para a realização de oficinas de pesquisa e produção, que teriam como objetivo a construção de uma história local baseada na memória de ribeirinhos do bairro, sendo que todo esse percurso seria traçado em conjunto e eles seriam parte fundamental no processo. Em seguida solicitei que se manifestassem oralmente sobre a concordância ou não na participação da pesquisa, de forma unânime todos ali presentes concordaram em participar de forma efetiva.

A proposta da segunda oficina baseou-se inicialmente em uma roda de conversa denominada de “Conhecendo meu aluno”, onde cada um foi convidado a se apresentar, informando seu nome, idade, onde e com quem morava, começando por mim. Finalizada as apresentações o passo seguinte foi falar sobre a importância de conhecermos melhor nossa história através dos nossos familiares, essa etapa foi caracterizada como “Pesquisando minhas origens”.

Foi entregue um questionário para os alunos, que deveriam responder com informações dos nomes de seus familiares, que seriam usadas posteriormente na construção de suas árvores genealógicas. O objetivo aqui foi demonstrar que nós e nossos familiares construímos história, e identificar ribeirinhos como pescadores e barraqueiros, que pudessem participar da pesquisa.

A última oficina desse ciclo foi destinada a construção da árvore genealógica, cada estudante construiu a sua com base nas informações coletadas no questionário anterior. Nesta fase um fato específico chamou atenção, analisando as árvores dos alunos percebemos que alguns espaços estavam em branco, sobretudo aqueles destinados aos nomes de avós e bisavós, ao indagar por que os espaços não haviam sido preenchidos, os alunos informaram não saber o

nome dos avós, mesmo que em alguns casos, convivendo com eles. Segundo os estudantes, o costume de chamar de “vó” ou “vô”, descartaria a necessidade de saber o nome.

Com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios dos estudantes relacionados a história de Conceição do Araguaia, iniciamos a quarta oficina. Para alcançar o objetivo proposto, foi efetuado a aplicação de um questionário e na sequência uma roda de conversa para socializarmos o questionário. Verbalmente, a maioria dos estudantes afirmaram não conhecer muito sobre a história da cidade, e poucos, em torno de 03 estudantes, destacaram o nome de Frei Gil de Vila Nova, considerado oficialmente, o fundador de Conceição.

Analisando as respostas dos questionários aplicados, constatamos aquilo que os estudantes haviam verbalizado na roda de conversa. Quando realizada a pergunta, “Conte o que você sabe sobre a história de Conceição do Araguaia”, vinte e um, dos vinte e quatro questionários respondidos, constavam não saber, não ter informações ou nunca ter estudado sobre o assunto, em um questionário constava a data da fundação da cidade, em outro o nome do fundador, e em apenas um questionário constava o nome do fundador e também o objetivo de Frei Gil de Vila Nova ao se instalar na região, que seria catequizar os indígenas, conforme demonstrado no quadro abaixo. Desta maneira, o anseio pessoal da prática docente, que se referia em não trabalhar história local no percurso da trajetória, se refletiu nas colocações dos estudantes.

Tabela: Conhecimentos prévios dos estudantes sobre história de Conceição do Araguaia

<b>O que você sabe sobre a história de Conceição do Araguaia?</b>	
<b>Quantidade de alunos</b>	<b>Respostas</b>
21	Não sabem ou nunca estudaram
01	Respondeu a data da fundação
01	Respondeu o nome do fundador
01	Respondeu o nome e objetivo do fundador

As duas oficinas que seguiram foram destinadas ao estudo e debate sobre o texto “História Local” do autor Carlos Henrique Farias de Barros, retirado da Revista Brasil Escola. A escolha desse texto justifica-se pelo fato de abordar conceitos e características importantes ligadas a história local em uma linguagem acessível para os alunos. O objetivo é estruturar junto aos estudantes o entendimento sobre o que é história local e as possibilidades positivas que pode haver com o seu uso, no sentido de construir uma história que dialogue com realidades diferentes, inclusive com a realidade que estão inseridos. Na primeira oficina, o texto acima

mencionado foi entregue para os estudantes que individualmente realizaram sua leitura e destacaram os pontos considerados relevantes. Na segunda oficina, organizamos a sala em círculo, escrevi alguns pontos do texto no quadro e começamos a debater. Os estudantes demonstraram interesse e entendimento em relação ao texto, sendo que o principal ponto apontado foi a proximidade com sua realidade, fator que pode ser possibilitado pelo estudo da história local.

As oficinas de número sete e oito, ocorreram no mesmo dia, em aulas casadas (uma seguida da outra), foram direcionadas para a análise do conceito, características e passos, para a realização de uma entrevista oral. Nesta etapa, a meta foi levar aos estudantes conhecimentos referentes a metodologia da história oral para que, além de entenderem o processo, pudessem também efetuar a prática da entrevista entre eles, e posterior transcrição. Iniciou-se esta etapa com uma explicação, através do uso de slides, sobre pontos como: o que é uma entrevista de história oral, como realizar uma entrevista, a postura ética que o entrevistador precisa adotar, os cuidados na elaboração do roteiro de entrevista, e direcionamentos para a realização das transcrições das entrevistas. Para aprofundar os conhecimentos em torno da temática, foi realizada a análise do texto “A realização de entrevistas”, que apresentou recomendações procedimentais que precisam ser adotadas antes e durante a realização de uma entrevista. Nesta oficina, foi possível observar a empolgação positiva dos estudantes, sobretudo com o fato de poderem realizar uma entrevista com seu colega e serem entrevistados também. Houve participação efetiva tanto, durante a explicação com o uso dos slides, como durante a leitura e análise do texto, não ocorrendo relatos de dúvidas sobre a temática.

A oficina de número nove e dez teve início com um resumo explicativo dos conteúdos que já haviam sido estudados, tendo em vista que as oficinas começaram em novembro de 2022, e tiveram que ser pausadas, em função do término do ano letivo, retornando no dia 08 de março de 2023. Desta maneira foram retomados, de forma explicativa pontos como: o tema, os objetivos e a metodologia da pesquisa, baseada na história oral, onde as entrevistas feitas com os ribeirinhos dariam suporte para conhecer uma versão “outra” da história local, a partir da elaboração de suas biografias. Foi explicado ainda as características da realização de uma entrevista, considerando a postura do entrevistador, o local da entrevista e como realizar as transcrições. Em seguida foi proposto que cada estudante escolhesse um colega para proceder com a realização da entrevista. Neste momento foi entregue o roteiro de entrevista construído por mim, com base em entrevista de história de vida, a cada dupla, para que pudessem ler e se apropriar das questões ali colocadas.

Na sequência espalharam-se pela escola portando seus aparelhos celulares usados para a gravação, em busca de um lugar adequado e silencioso para que pudessem vivenciar a prática da proposição dada. Algumas duplas encontraram dificuldade inicialmente, pois queriam retornar ao início da entrevista sempre que consideravam que haviam errado em algum momento, então expliquei a importância em conhecer as questões do questionário e adequar as posturas nesses momentos. Desta maneira seguiram na realização da tarefa. Como o tempo do fim das aulas estava próximo, reuni a turma novamente em sala, todos já haviam feito a entrevista, ficando a transcrição para ser realizada em casa e apresentada na oficina seguinte.

Paralelamente ao desenvolvimento das oficinas, estavam ocorrendo às entrevistas com os moradores ribeirinhos. O primeiro ribeirinho entrevistado, o senhor Deuzimar dos Santos Leite é avô da aluna Joiscyane Dias (da turma do 2º ano que fez parte da pesquisa). Através da aplicação de questionário com a turma, conseguimos identificá-lo como pescador que poderia fazer parte da pesquisa.

Em conversa com a aluna Joiscyane solicitei que viabilizasse uma conversa minha com seu avô, então ela averiguou o dia que ele estaria na cidade (já que reside na zona rural) e se poderia me receber. O senhor Deuzimar concordou de imediato em me receber na sua casa no bairro Tancredo Neves, em horário determinado por ele, por volta das 15 horas. No dia e horário marcado me encontrei com a aluna que me conduziu até a casa de seu avô.

Ao chegar avistei o senhor Deuzimar sentado em uma cadeira de macarrão na porta de sua casa, onde possui um pequeno cômodo na frente usado para vender o peixe que pesca no Rio Araguaia, numa rua sem calçamento, onde a maioria das casas não possuem reboco, ficando a poucos metros da margem do rio. Fui recebida com muita gentileza pelo senhor Deuzimar, que imediatamente aceitou fazer parte da pesquisa e já se propôs a fazer a entrevista naquele momento, tendo em vista que voltaria para a zona rural no dia seguinte, sem data marcada para retornar à cidade. Neste momento liguei o gravador do aparelho celular e iniciamos a entrevista, que contou com a presença de sua neta.

Maria das Neves Gomes dos Santos foi a segunda ribeirinha a ser entrevistada. Em conversa informal com Das Neves, que é funcionária da escola lócus de pesquisa, tive a informação que sua chegada para residir no bairro remonta ao período da formação do bairro, além disso, havia concluído seus estudos na escola, assim como suas filhas e alguns dos netos. Com base nestas informações percebi que ela estava dentro dos critérios para integrar o grupo de ribeirinhos da pesquisa. Após finalizar uma das oficinas na escola, chamei das Neves para conversar, expliquei sobre a pesquisa e perguntei a ela se tinha interesse em participar, através da concessão de uma entrevista oral. De forma imediata, a ribeirinha se disponibilizou,

afirmando que já poderia ser no dia seguinte pela manhã em sua residência. Ao chegar no dia e local marcado, fui recebida com alegria e muita receptividade por Das Neves, que convidou a nos acomodarmos na área externa da casa, em cadeiras de macarrão, onde conversamos por um bom tempo antes e após o término da entrevista.

A terceira entrevista foi feita com a senhora Marlene Pereira das Neves. Através de conversa informal com o diretor da escola Aleandro, comentei que estava à procura de ribeirinhos para fazer parte da pesquisa. Ele então me informou sobre sua sogra, dona Marlene, que era pescadora e residia no bairro há muitos anos. Então me dirigi até a casa de dona Marlene, onde fui muito bem recebida, com o cafezinho do final da tarde. Expliquei a dona Marlene que estava produzindo uma pesquisa de mestrado junto com os estudantes da escola Wilson Leite, e que estávamos precisando conversar com alguns ribeirinhos do bairro, seria uma entrevista com gravação de voz sobre sua história de vida.

No primeiro momento dona Marlene se mostrou um pouco receosa, argumentou que após o covid-19 a memória já não era mais a mesma, e muitas coisas ela poderia não se lembrar. Mas, logo após esse comentário, ela, por conta própria, concordou em participar, afirmando que poderia falar sobre aquilo que se lembrava. Então pedi que marcasse o dia e horário que fosse melhor para ela. Ao chegar à casa de dona Marlene para a entrevista, fui recebida com lanche da tarde e muita alegria. Nos acomodamos no pátio externo da casa, em cadeiras de macarrão, próximo a mesa, onde estava servido o lanche. Durante a entrevista foi possível perceber as falhas em alguns pontos das memórias de dona Marlene, mas a maior parte da entrevista foi marcada por detalhes minuciosos de sua vida.

O último ribeirinho entrevistado foi o senhor Toninho Ribeiro de Araújo, conhecido popularmente como Librina. Quando comentei com dona Marlene que estava realizando entrevistas com ribeirinhos do bairro, rapidamente ela me informou que eu precisava falar com o Librina, o pescador mais antigo do bairro. Então após finalizarmos a entrevista, dona Marlene me levou até a casa do senhor Toninho, que se encontrava no quintal consertando sua rede de pescaria. Me apresentei, e como das outras vezes forneci as informações sobre a pesquisa. O senhor Toninho de forma muito agradável se disponibilizou a nos dar a entrevista, que segundo ele poderia ser no dia seguinte, logo pela manhã, pois em breve estaria saindo para a pescaria. Ao chegar para a entrevista o senhor Toninho estava no quintal de sua casa, onde continuava a restaurar sua rede de pesca, então nos sentamos em dois tamboretas, embaixo de um pé de manga, onde procedemos a entrevista.

Após a realização das quatro entrevistas, realizei as transcrições para então disponibilizá-las aos estudantes, para que realizassem a análise e a construção das biografias.

### 3.3 Pesquisadores em Ação: produzindo biografias e estudando história local

Visando atingir o objetivo da produção de biografias, desenvolvemos um conjunto de oficinas onde os estudantes puderam vivenciar algumas das etapas procedimentais da pesquisa e produção histórica, sob minha orientação como professora-pesquisadora. O resultado do trabalho realizado nas oficinas foi a produção, pelos alunos, das biografias dos moradores ribeirinhos do bairro Tancredo Neves, entrevistados durante a pesquisa. Essas biografias foram reunidas em uma cartilha que ficará disponível para uso da comunidade escolar.

Como a biografia foi utilizada enquanto recurso metodológico para alcançarmos a proposição de conhecer a história local através da história de vida dos ribeirinhos, torna-se necessário efetuarmos uma reflexão em torno desse gênero textual. O termo biografia expressa a escrita da história de vida de uma pessoa, ou de forma mais específica, se refere a seu relato de vida. Usada desde a antiguidade clássica, onde fazia referência a figuras de prestígio renomado, como Alexandre o Grande, que teve sua biografia escrita por Plutarco, esse gênero caracteriza-se por se fazer presente em diversas áreas de conhecimento, estabelecendo comunicação com realidades do cotidiano e da vida privada (SILVA, 2013).

No campo historiográfico a biografia foi muito utilizada pelos historiadores positivistas, desprezada pelos teóricos do século XX, voltando a ganhar espaço novamente a partir dos anos de 1980, com a última geração do Annales, mas com a permanência do foco em personalidades políticas, como sublinha Silva (2013):

Na historiografia, particularmente, a biografia teve seus altos e baixos. Foi coqueluche dos historiadores positivistas entre os séculos XIX e XX por permitir que a história fosse retratada como a história dos grandes homens. Porém com o surgimento da história analítica e estrutural no início do século XX, foi relegada a condição de gênero de segunda classe. Na década de 1980, a última geração da escola dos Annales retomou o interesse na biografia como método de investigação e escrita da história [...] mesmo nessa escola historiográfica, a biografia continuou a seguir a tendência de se restringir aos grandes homens (SILVA, 2013, p. 14).

Alguns campos de pesquisa histórica têm feito uso da biografia, enquanto “gênero de narrativa e fonte”, para pesquisas que tem priorizado “pessoas comuns”. Segundo Avelar (2010), o gênero biográfico ganha espaço no campo historiográfico num contexto marcado pela falta de credibilidade dos modelos que tinham como base explicações históricas totalizantes, sobretudo relacionada a história política dos “grandes homens”, momento em que ocorre o retorno de análises baseadas em ações individuais. Assim, “(...) o estudo de trajetórias individuais passou a ser incorporado ao modelo macroestrutural dos Annales” (AVELAR, 2010, p.159). Da mesma maneira Roiz (2012) aponta que:

A história biográfica tem voltado ao palco da pesquisa histórica. Não como uma abordagem apenas preocupada com o sentido da ação dos grandes homens, nem tão pouco simplesmente os inserindo em seus contextos, por meio da análise dos principais acontecimentos em que estes estariam vinculados. Pelo contrário, as abordagens têm procurado levar em conta uma dialética entre acontecimentos, conjunturas e estruturas, elites e massas, indivíduos e grupos, palavra e ação, de modo a não simplificar a trajetória numa visão linear e teleológica (ROIZ, 2012, p. 139).

De forma sucinta, a tarefa de um historiador-biógrafo é narrar a história de uma pessoa, respeitando preceitos historiográficos, atentando-se para a história real, residindo aí suas tensões, que giram em torno do seu caráter científico e ficcional.

Esta sensação de poder controlar o curso da vida de seu personagem é, ao mesmo tempo, a força que dá sentido ao trabalho de construção do texto biográfico e seu maior risco, uma vez que, convencido de sua capacidade de penetrar nos acontecimentos e fatos relevantes de uma existência individual, o biógrafo se vê numa encruzilhada narrativa ao se deparar com lacunas documentais e perguntas sem respostas. Talvez, então, ele se dê conta da dimensão ficcional de toda biografia. O campo da escrita biográfica é certamente um palco privilegiado de experimentação para o historiador, que pode avaliar o caráter ambivalente da epistemologia do seu ofício, inevitavelmente tenso entre seu polo científico e seu polo ficcional. Desta forma, a biografia provoca um polêmico questionamento à absoluta distinção entre um gênero verdadeiramente literário e uma dimensão puramente científica, suscitando a mescla, o hibridismo, e expressa, assim, tanto as tensões como as convivências existentes entre literatura e Ciências Humanas (AVELAR, 2010, p. 161).

Há consenso entre os historiadores sobre os cuidados que se dever ter ao fazer uso de biografias, cuidado que se deve ter na construção de narrativas que não venham levar o público leitor a entender que a vida ali retratada caracteriza-se somente pela constância, recorrência e continuidade de fatos, mas uma narrativa passível de diversas outras possibilidades e construções, havendo partes enigmáticas, não sendo, desta forma, um relato pronto e acabado. Esta é uma crítica levantada por Bourdieu (1996) no texto “A ilusão biográfica”, onde aponta a seguinte questão, as biografias baseiam-se na ideia “de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Expondo as diferenças existentes entre narrativas literárias e de história oral, Alberti (2004) é categórica ao afirmar que, apesar de ambas se constituírem como narrativas, cada uma tem suas regras, que muitas das vezes podem coincidir, fato que não anula suas diferenças e especificidades. O papel do escritor, é relevante para a identificação do tipo de narrativa, sendo assim, o:

[...] trabalho do escritor, bastante diverso do trabalho envolvido em uma entrevista de história oral. Ambos resultam em narrativas, sim, mas cujas regras de uso são imediatamente conhecidas como diferente pelos leitores e ouvintes. Mesmo quando



se está diante de exemplos da literatura oral, percebe-se bem que tais narrativas são constituídas com a finalidade de serem literatura, o que não é o caso das entrevistas de história oral (ALBERTI, 2004, p. 65).

Um elemento a ser considerado está ligado ao entendimento de que, a trama da vida não constitui um trajeto retilíneo em direção a um desfecho definido, mas uma trajetória embutida de diversas possibilidades difíceis de serem alcançadas em sua totalidade e marcada por subjetividades. Contudo, devemos entender que uma produção biográfica deve ser entendida no sentido de “revalorização dos atores sociais, alargando nossa compreensão do passado, sem tomá-lo como uma unidade dada e coerente, mas como um campo de conflitos e de construção de projetos de vida” (AVELAR, 2010, 170). Sobre essa questão Alberti (2004) baseada em Schröder (1992) aponta como ponto favorável da entrevista de história oral o fato de enfatizarem a “história vista de baixo”, um meio pelo qual “histórias de vida e visões de mundo de camadas menos favorecidas”, podem ser alcançadas.

É necessário grifar que nesta pesquisa, as produções biográficas desenvolvidas pelos estudantes não se caracterizam como narrativas biográficas construídas por historiadores, que devem considerar todos seus pressupostos, pois os alunos não conseguiriam alcançar tão logo, essa postura teórico-metodológica de pesquisadores. Devem sim, serem entendidas como uma maneira usada para entender a história local por uma perspectiva “outra”, mais próxima de sua realidade e do contexto em que estão inseridos.

Um dos principais objetivos das narrativas biográficas é relatar aspectos da vida de determinadas pessoas, em outras palavras, realizar a construção do relato de vida. No âmbito da historiografia, Levi (2002) quando aborda a questão da relação existente entre história e narrativa destaca-se que, a biografia caracteriza-se como um caminho pelo qual os métodos da literatura são transmitidos a historiografia, contribuindo assim, para a produção do conhecimento histórico, conforme indica abaixo.

Obviamente as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, embora estejam aos poucos se tornando mais parecidas. Nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis de corroborar por falta de documentos alimenta não só a renovação da história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano (LEVI, 2002, p. 169).

Mesmo possuindo suas peculiaridades que a diferenciam da forma literária do romance, a historiografia pode se beneficiar ao utilizar narrativas biográficas para a produção do conhecimento, pois existe a possibilidade de ter acesso a vestígios do cotidiano dos biografados que possam estar dispersos ou que ainda não foram evidenciados.

Levi (2002), caracteriza os historiadores que fazem uso de biografias como, “Fascinados com a riqueza das trajetórias individuais e ao mesmo tempo incapazes de dominar a singularidade irreduzível da vida de um indivíduo (...) (LEVI, 2002, p. 174). Nesse sentido aponta os tipos de abordagens no âmbito da perspectiva biográfica, de uso mais frequente, sendo elas: prosopografia e biografia modal, biografia e contexto, biografia e casos extremos e biografia e hermenêutica. A perspectiva da “biografia e contexto”, que forneceu suporte para os textos construídos nesta pesquisa, leva em consideração a existência de alguns fatores que contribuem para elucidar o peculiar caminho traçado pelo biografado, sendo eles, “a época, o meio e a ambiência”. Aqui, a trajetória de vida dos ribeirinhos foi analisada na sua relação com a cidade de Conceição do Araguaia, bem como com o Rio Araguaia.

De acordo com Silva (2013), a utilização da biografia no ensino de história é plenamente viável e se justifica pelo seu caráter popular junto ao público, e por efetuar uma representação do contexto ao qual o biografado pertence:

Esse caráter popular é o primeiro dos atrativos da biografia como instrumento de ensino de História: ela se apresenta como um meio que facilita a discussão histórica ao despertar a curiosidade dos alunos porque fornece nomes e faces aos processos históricos. Ou seja, a biografia personaliza a História que enfoca estruturas e processos amplos. E, em uma sociedade em que a individualização está por toda parte, associar contextos históricos a personagens que os alunos possam nomear, dos quais possam se recordar, é fornecer as ferramentas mais básicas para que esses estudantes possam conhecer e, mais importante, se interessar por esses momentos históricos (SILVA, 2013, p. 17).

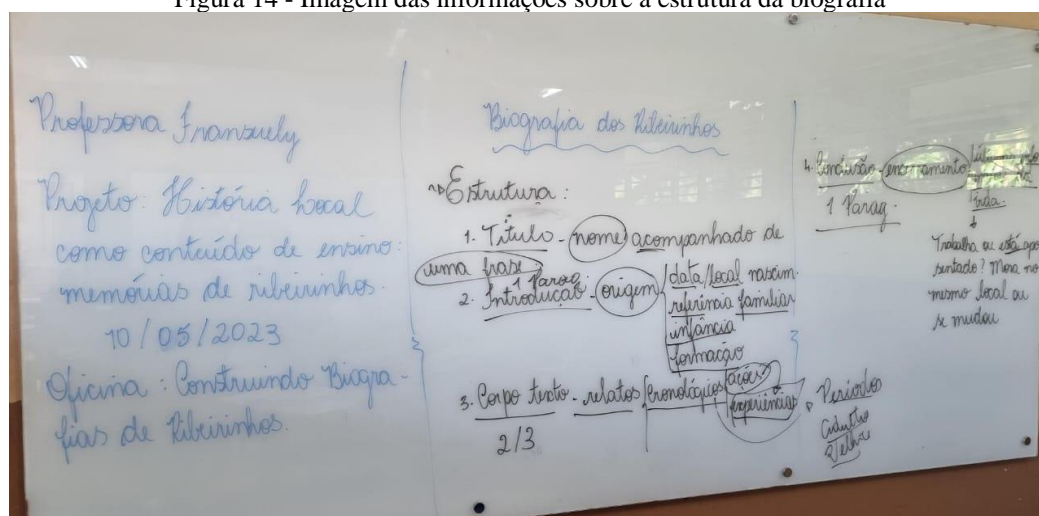
Empregados os conceitos, dificuldades e contribuições do uso da biografia na história, e em particular no ensino, passaremos para a descrição do processo que culminou com a escrita das biografias dos ribeirinhos de Conceição do Araguaia. A construção dos textos biográficos aconteceu em oficinas, que possuíram o formato teórico e prático, tendo em vista a necessidade inicial de preparação dos estudantes. Com o tema “Biografias”, começamos a décima primeira e a décima segunda oficina (aulas casadas), que teve como objetivo a realização de um estudo sobre conceito, finalidade, características e passo a passo para a construção de um texto biográfico.

Iniciamos com a leitura individual e silenciosa do texto intitulado “Biografias”, em seguida fiz um mapa mental no quadro, referente aos principais pontos abordados no texto. Finalizada a leitura, realizei a explicação do mapa mental, organizamos a sala em círculo para roda de conversa e socialização dos entendimentos. Este foi um momento de participação dos estudantes, que com o texto em mãos recorriam para consultá-lo sempre que eram indagados sobre os seguintes pontos: o que é uma biografia? Como deve ser um texto biográfico? Qual a

estrutura de uma biografia? Pela participação dos alunos neste momento, e pelas respostas que forneceram, foi possível identificar o entendimento da turma sobre a temática. Finalizada a socialização foi proposto que os alunos comesçassem a produzir as biografias de seus colegas, com base na transcrição das entrevistas que haviam sido feitas nas oficinas nove e dez. Com o término do tempo da aula, ficou acertada a entrega das biografias dos colegas para a próxima oficina.

As oficinas de número treze e quatorze que tiveram como tema “Construindo a biografia dos ribeirinhos”, foram destinadas a construção das biografias dos moradores pelos estudantes. Inicialmente, destaquei no quadro os principais pontos da estrutura de uma biografia (conforme imagem abaixo), para que os alunos pudessem lembrar e ter um ponto de apoio durante a produção. Em seguida realizei uma breve explicação dos pontos destacados no quadro e solicitei que a turma se organizasse em quatro grupos, sendo o critério de escolha a afinidade entre os colegas.

Figura 14 - Imagem das informações sobre a estrutura da biografia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Cada grupo ficou responsável pela construção de uma biografia, então foi feita a distribuição das transcrições das entrevistas com os ribeirinhos, e os estudantes deram início ao trabalho. O primeiro passo foi realizar a leitura do material, na sequência a construção do texto. Neste momento muitas dúvidas surgiram, sobretudo em relação a como iniciar o texto, então de forma individual levava cada aluno (que se manifestava com dúvida) até o quadro e explicava novamente o passo a passo para a montagem do texto, para não atrapalhar aqueles que estavam produzindo, desta maneira foram conseguindo efetivar a construção de parágrafo por parágrafo. Outra dificuldade se relacionou a determinadas partes da transcrição da

entrevista, em que os ribeirinhos repetiam informações e no momento em que havia necessidade de unir perguntas e respostas. Passado o primeiro momento de dúvidas, os estudantes conseguiram dar prosseguimento a produção, sempre um ajudando o outro dentro do grupo.

Figura 15 - Imagem da oficina onde foram produzidas as biografias



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023.

Houve participação e interesse da grande maioria dos estudantes, que se mostraram engajados e interessados no feito da tarefa proposta, no decorrer do trabalho comentavam entre si e comigo, o quão interessante eram as informações contidas nas entrevistas, como as características do bairro no período de sua formação e o fato de conhecerem, algumas vezes serem próximos, dos ribeirinhos biografados. Outro fator que chamou a atenção foi o desenho dos parágrafos, sabemos que uma das grandes dificuldades dos estudantes de ensino médio hoje, é a produção textual, mas analisando as biografias, os parágrafos estavam bem construídos, com coesão e coerência, necessitou, é claro, passar por uma correção ortográfica e de concordância verbal, mas no geral, os textos ficaram muito bons. Durante toda a oficina os estudantes preocupavam-se em mostrar a produção, para saber se estavam no caminho certo.

A décima quinta oficina foi voltada para a análise das biografias já construídas e uma pequena produção textual (demonstrado na imagem adiante), proposta para que os estudantes pudessem opinar sobre os trabalhos desenvolvidos nas oficinas e apontar informações contidas nas biografias, como: as características da cidade e do bairro na infância dos ribeirinhos, bem como a relação estabelecida com o Rio Araguaia naquela época e atualmente. O objetivo inicial nesta fase foi socializar com a turma as biografias já construídas e visualizar, para além da forma verbal que os alunos sempre expressavam, o entendimento adquirido durante todo o

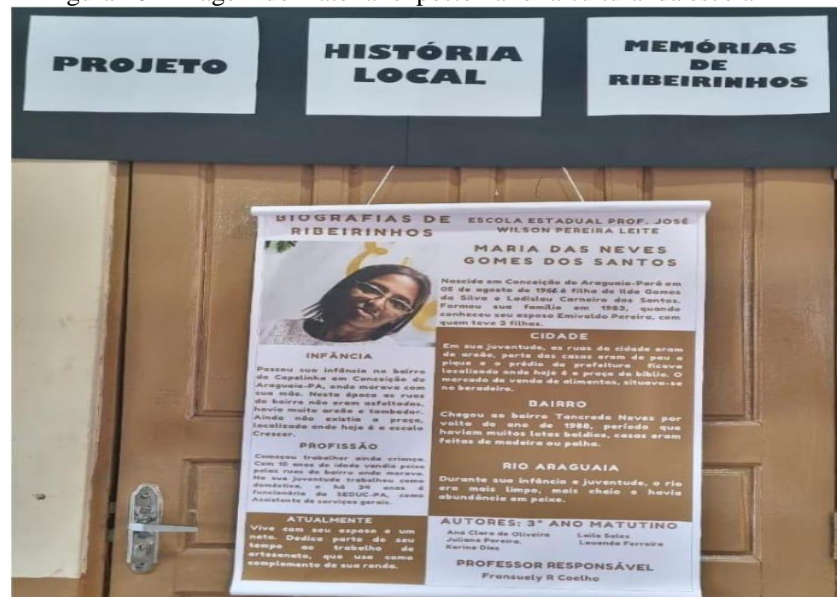
processo. Desta maneira, foi entregue os textos referentes às biografias dos ribeirinhos, realizamos a leitura dos quatro textos e em seguida os estudantes realizaram a produção textual proposta. Em todas as dezessete produções analisadas, todos os pontos propostos foram respondidos, os alunos conseguiram visualizar as características da cidade, do bairro e do Rio Araguaia na fala dos moradores ribeirinhos. Em relação a questão de opinar sobre a pesquisa, foram unânimes as respostas dadas pelos estudantes, que consideraram as atividades desenvolvidas bastante positivas para o conhecimento sobre a história da cidade, conforme apontam os estudantes Joiscyane Dias e Kauany Vieira Campos.

Durante a pesquisa, todos os trabalhos foram de grande proveito e muito importante para cada um de nós. Além dele ter colaborado para aprender um pouco (muito) mais sobre nossa cidade, aprendemos também mais sobre nossas origens, nossa cultura, através da visão, experiência e perspectiva de pessoas que possuem uma carga de experiência nessa cidade (Dados da pesquisa, 2023, resposta da aluna Joiscyane Dias).

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa nos foi permitido conhecer um pouco mais sobre Conceição do Araguaia. Ao desenvolver as biografias das pessoas entrevistadas, obtivemos mais informações sobre o rio, a população e a história da cidade em geral, assim conhecemos um pouco mais sobre nossas identidades, costumes e cultura (Dados da pesquisa, 2023, resposta da aluna Kauany Vieira Campos).

No final dessa última oficina, reservamos alguns minutos para organização das apresentações do material produzido, na feira cultural da escola. Ficou acertado que cada grupo apresentaria a biografia que havia construído, com o uso de um banner que eu produzi e mandei para impressão. A feira cultural ocorreu no dia 22 de junho de 2023, das 17h às 19 horas. Antes do horário de início do evento, os alunos começaram a chegar para a organização do local onde seriam expostas as biografias. Além das biografias, foram expostas também algumas informações da pesquisa, necessárias para o entendimento da comunidade escolar, como: tema da pesquisa, objetivo e metodologia, conforme demonstrado na imagem abaixo.

Figura 16 - Imagem do material exposto na feira cultural da escola



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2023.

As apresentações, durante a feira cultural, aconteceram na medida em que as pessoas se aproximavam para visualizar os banners, neste momento os estudantes falavam sobre a pesquisa, conforme as informações expostas, e faziam a explicação das biografias, destacando pontos históricos da cidade de Conceição do Araguaia, do bairro Tancredo Neves e do Rio Araguaia.

Figura 17 - Estudantes apresentando as biografias durante a feira cultural



Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2023.

No tocante as respostas dadas pelos estudantes na produção textual mencionada anteriormente (conforme demonstrado na figura 17), foi possível compreender que o objetivo desta pesquisa, em usar a memória dos moradores ribeirinhos para desenvolver metodologias que nos levassem a conhecer outras versões da história local, foi alcançado. Foi muito significativa a contribuição para o ensino de história, e de forma mais específica o ensino de história local, no sentido de empreender metodologias que possam como proposta desempenhar, em conjunto com os estudantes, a construção de novos saberes, até então invisibilizados, saberes esses com sentido e significado para suas vidas.

Frente ao exposto, a pesquisa histórica apresenta-se como uma metodologia possível de ser aplicada, de maneira didática, permitindo ao discente participar ativamente da construção do conhecimento histórico em âmbito escolar.

Desta maneira, visando corroborar com a prática docente voltada ao ensino de história local, produzimos um material com uma proposta “outra”, como produto didático, uma cartilha de 42 páginas (no anexo 04), contendo: capa; contracapa; sumário; apresentação, com o objetivo e metodologia da pesquisa e proposta da cartilha; informações do município, com localização, dados demográficos, economia e informações sobre a formação do município; curiosidades, que trazem informações sobre o nome da cidade, a construção do monumento do

obelisco e dados passados pelos ribeirinhos; passo a passo da sequência didática desenvolvida durante a pesquisa, com a proposição de todo o material utilizado nas oficinas; as biografias dos ribeirinhos, construídas pelos estudantes; os banners produzidos a partir das biografias, para apresentação na noite cultural da escola; depoimentos dos estudantes, que destacaram pontos e conhecimentos que consideraram importantes, além de opinar sobre a participação na pesquisa; e por fim, as considerações finais, com um incentivo para que outros professores possam usar a sequência didática, de forma que contribua para a construção de outras versões relacionadas a história local e também para um ensino de história com significado para os estudantes.

A cartilha impressa será disponibilizada para a Escola Wilson Leite, Unidade Regional de Ensino da Seduc e para Secretária Municipal de Educação, podendo ser usada e adaptada de acordo com a realidade e a necessidade de cada contexto escolar.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se desenvolver uma metodologia para o ensino de história local. Para tanto, foi analisado as contribuições que esse formato de ensino pode possibilitar para os estudantes, e as dificuldades encontradas para a sua efetivação. Procuramos construir junto com estudantes do 2º ano do ensino médio da Escola Professor José Wilson Pereira Leite, em Conceição do Araguaia-Pará, uma versão “outra” da história local, através da memória de ribeirinhos que compõe a comunidade, considerando que o processo de aprendizagem se torna significativo quando considera o contexto em que os alunos estão inseridos. Buscamos contribuir para que os estudantes entendessem a História como algo presente cotidianamente em seu meio social, seja no seio de sua família, na realidade do seu bairro, cidade, estado ou país, fator que pode auxiliar na percepção do mundo à sua volta.

Este trabalho lançou luz sobre a importância do ensino de história local na educação básica, evidenciando sua capacidade única de estabelecer conexões significativas entre os estudantes e sua comunidade. Ao longo das investigações, observamos que a inclusão de elementos históricos locais no currículo escolar contribui não apenas para uma compreensão mais profunda da própria identidade, mas também, para o desenvolvimento de um senso crítico e reflexivo em relação à sociedade.

No processo da aplicação da pesquisa, é possível entender que apesar da pouca abertura no Documento Curricular do Estado – DCE, para o ensino fundamental maior (que envolve as séries do 6º ao 9º ano), e especificações nas habilidades da Base Nacional Curricular Comum – BNCC, para o ensino médio, é absolutamente possível desenvolver um trabalho que envolva o ensino de história local, não somente de forma relacional com os conteúdos do livro didático, nem tão pouco usando de forma exclusiva material produzido por memorialistas locais, mas usando metodologias que levem os estudantes a protagonizar o processo da pesquisa e conhecer versões ainda não abordadas pela historiografia.

Procuramos visibilizar, através do arcabouço teórico, as maneiras pelas quais podemos efetuar a construção do conhecimento histórico relacionado a esfera local, para então possibilitar a prática de ações necessárias para a feitura de um ensino de história significativo. Este ensino pôde ser observado durante a escrita das biografias, momento em que notamos o interesse e empolgação dos estudantes ao ter contato com a história da vida de uma pessoa que conheciam, que faz parte do seu convívio social, pessoas que passaram a ser vistas como

sujeitos históricos, sendo que antes o mais comum era considerar como sujeito histórico, somente os personagens do livro didático.

Desta maneira, esta pesquisa nos fez abrir os olhos para as inúmeras possibilidades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, visando um ensino de História de qualidade. Compreendemos que os debates e práticas expostos estão longe de serem encerrados e que ainda há muito o que se refletir, e sobretudo, desenvolver na prática docente.

Reconhecemos que os desafios são inúmeros, para citar somente dois entre tantos, carga horária exaustiva e cobrança do cumprimento de um currículo baseado somente nos conteúdos dos livros didáticos, onde inexistente a história local e regional. Mas, quando entendemos o dever, enquanto profissionais, de lutar com as armas que temos, me refiro a usar as brechas dos documentos oficiais e do currículo, podemos sim reconfigurar práticas, e passar a valorizar um ensino baseado na equidade epistêmica e na realidade dos nossos estudantes.

Diante do exposto, é possível concluir que o ensino de história local na educação básica, tenha como foco pessoas e grupos invisibilizados, e que considere a relação desses com os estudantes, que podem desempenhar um papel crucial no desenvolvimento educacional e social dos nossos alunos. Ao promover uma conexão mais estreita entre o ensino de história e a vida dos alunos, existe a possibilidade da contribuição para a formação de cidadãos críticos, conscientes de sua identidade e responsáveis por seu entorno. Assim, é imperativo que, professores e demais agentes envolvidos no processo educativo, se comprometam com a implementação efetiva dessa prática, assegurando um ambiente escolar enriquecedor e significativo.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196 p.

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís: História dentro da História. In: PINSK, Carla (Org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ANTONI, Edson; PAIM, Elison Antônio; ARAUJO, Helena Maria Marques. Insurgências no Ensino de História: narrativas e saberes decoloniais. In: CESCO, Susana; MAGALHÃES, Aline Montenegro; AGUIAR, Leila Bianchi; ALVES JR, Alexandre G. da Cruz. **Ensino de História**: reflexões e práticas decoloniais. Porto Alegre: Letra 1, 2021, p. 23-38.

ASSIS, Elisabete Xabarbvier de; BELLÉ, Kássia; BOSCO, Vania Dilma. **O Ensino da História Local e sua importância**. Revista de Divulgação Interdisciplinar, Vale do Itajaí, v. 1, n. 1, 2013.

AVELAR, A. S. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, v. 24, p. 157-172, 2010.

AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: Uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano, 2003.

BARROS, José D'Assunção. História local e história regional – A historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**, v. 18, n. 2, jul-dez. São Gonçalo (RJ), 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

BONA, Aldo Nelson. **Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito**. Orientador: Paulo Knauss de Mendonça. 2010. 209 f.. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Rio de Janeiro, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 de set. 2021.

BRITO, Eliseu Pereira de; SHIMASAKI, Matheus Miranda. Territórios e identidades dos ribeirinhos pescadores vazanteiros do rio Araguaia em Araguaatins, Tocantins. **Revista Franco-Brasileira de Geografia**, nº 48, 2020.

CARDOSO, Áurea Alves. **Um rio de memórias, experiências e vivências: Guerrilha do Araguaia**. Orientador: Cecília Maria Bolsas Coimbra. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. **Nas águas do Araguaia: A navegação e a hibridez cultural**. Orientador: Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Universidade Católica de Goiás, UCG, Goiânia, 2008.

CARVALHO, Valdiléia Menezes de. **Patrimônio Natural: Transformação da paisagem do rio Araguaia no perímetro urbano do município de Conceição do Araguaia**. Orientador: Maria Raimunda Conceição Sodré. 2019, 84 f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, IFPA, Conceição do Araguaia, 2019.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limite e possibilidades. **Revista História Hoje**, v. 7, nº 13, p. 272-292. Jun/2018. Disponível em <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393/271>.

CHAGAS, M. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia no 19**, v.19, jun. 2002.

FERREIRA, Andressa; MORENO Jean Carlos. Antiprincesas no ensino de história: potencialidades da coleção para a decolonização das práticas educativas na América Latina. Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História. **Anais do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História - Perspectivas Web 2020**. Ponta Grossa: ABEH, 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Os professores franceses e o ensino da história no Rio de Janeiro nos anos 30**. In: IDEAIS de modernidade e sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto/ Organizadores Marco Chor Maio e Gláucia Villas Bôas. Porto Alegre (RS) : Ed. Universidade/UFRGS, 1999. p. 277-299.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **A história do ensino de História: objeto, fontes e historiografia**. In: História e Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.15-28.

FONSECA, Selva Guimarães. Abordagens Historiográficas recorrentes no Ensino Fundamental e Médio. In: **Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Memória. In: **Dicionário de Ensino de História**. 1ª edição, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

HALSBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.

IANNI, Otávio. **A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1978.

J DRONES. Bairro Tancredo Neves campo de futebol ruas do bairro e escola Wilson Leite. Gravação realizada no dia 01 de fevereiro de 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5zwLylJZ\\_O8](https://www.youtube.com/watch?v=5zwLylJZ_O8). Acesso em: 08 dez. 2023.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. P. 167-182.

LIMA, Milton Pereira. **O discurso dos missionários dominicanos sobre os indígenas do Araguaia, na revista Kayapós e Karajás**. Marabá, 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia.

LIMA, Milton Pereira. O Colégio Santa Rosa na dinâmica da “educação pacificação” dos “selvagens” do Araguaia paraense, a partir da revista Cayapós e Carajás/memória dominicana (1902-1952). In: **Revista Escritas do Tempo**. V. 3, n. 7, jan-abr/2021, p. 47-63.

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações, Campo Grande*, v. 17, n.1, p. 66-76, 2016.

LUZ, Isaú Coelho. **Rastros e Pegadas**. 3ª edição. Goiânia: Kelps, 2011.

LUZ, Isaú Coelho. **Memórias Araguaianas – entre becos, barrocas, areões e banheiros**. Goiânia: Kelps, 2018.

MARTINS, Lobato Marcos. História Regional. In: **Novos temas nas aulas de história**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. **Revista do Núcleo de Estudos de Currículo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, 2012**. Disponível em <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>. Acesso em: 30 de dez. 2023.

MOTA NETO. Paulo Freire e Orlando Fals Borba na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. In: **Pedagogias decoloniais, decolonialidade e práticas formativas na Amazônia**. Curitiba: CRV, 2021. p. 39-50.

NADAI, Elza. **O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectivas**. Rev. Bras. De História, São Paulo: v. 13, n 25/26, pp. 143-162, set. 92/ago. 93.

NADAI, Elza. O ensino de história e a pedagogia do cidadão. In: **O ensino de história e a criação do fato**. Tradução . São Paulo: Contexto, 1990.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. MUSAS – **Revista Brasileira de Museus e Museologia**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, n. 4, 2009.

Nora, P. & Aun Houry, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*. V. 10, dez/1993, p. 7-28.

PARÁ. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Documento Curricular do Estado**. 2ª edição. Belém, 2019.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, nº 14, São Paulo, fevereiro/1997.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite**. Conceição do Araguaia – PA, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Colección Sur, 2005, p.118-142.

ROIZ, Diogo da Silva. A biografia na história, a história na biografia. **História da educação**. v. 16, n. 36, p. 139-146, janeiro/abril 2012. Resenha da obra de: DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **História do Ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização**. Revista História da Educação, vol.16, n.37, mai/ago, p.73-91, 2012.

SCHMINK, Mariane. WOOD, Charles H. **Conflitos sociais e a formação da Amazônia**. Belém: UFPA, 2012.

SILVA, Joelma Tito da. Memória, história e historiografia. **Trajeto Revista de História** UFC, Fortaleza, v. 5, n. 9/10, p. 295-298, 2007. Resenha da obra de: CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quareto, 2001.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do ensino de história local e regional na educação básica. In: **XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH**, Natal-RN, 2013.

SILVA, Moisés Pereira. Aproximações entre Paulo Freire e Jörn Rüsen numa experiência de educação do campo. In: **Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação**. v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/view/10055> Acesso em: 2/03/2022.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: **Novos temas nas aulas de história**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África: I. Metodologia e pré-história da África**. Tradução Beatriz Turquetti et al. São Paulo: Ática, 1982. p. 157-179.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Educação intercultural na América latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: letras, 2009. p. 12 – 42.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## FONTES

Entrevista: Deuzimar dos Santos Leite.

Local: Conceição do Araguaia-PA.

Entrevistadora: Fransuely Rocha Coelho.

Data: 30/03/2023 às 15:00 horas.

LEITE, Deuzimar dos Santos. Roteiro de Entrevista, [Entrevista cedida] Fransuely Rocha Coelho. **História local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia-PA**. Conceição do Araguaia – PA, 30 de março de 2023.

Entrevista: Marlene Pereira das Neves.

Local: Conceição do Araguaia-PA.

Data: 12/05/2023 às 16:00 horas.

NEVES, Marlene Pereira das. Roteiro de Entrevista, [Entrevista cedida] Fransuely Rocha Coelho. **História local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia-PA**. Conceição do Araguaia – PA, 12 de maio de 2023.

Entrevista: Maria das Neves Gomes dos Santos.

Local: Conceição do Araguaia-PA.

Data: 31/03/2023 às 09:00 horas.

SANTOS, Maria das Neves Gomes dos. Roteiro de Entrevista [Entrevista cedida] Fransuely Rocha Coelho. **História local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia-PA**. Conceição do Araguaia – PA, 31 de março de 2023.

Entrevista: Toninho Ribeiro de Araújo.

Local: Conceição do Araguaia-PA.

Data: 13/05/2023.

ARAÚJO, Toninho Ribeiro de. Roteiro de Entrevista [Entrevista cedida] Fransuely Rocha Coelho. **História local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia-PA**. Conceição do Araguaia – PA, 13 de maio de 2023.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE 01: ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL COM OS RIBEIRINHOS.**

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, (DIA MÊS E ANO), EU SOU FRANSUELY R COELHO E IREI REALIZAR AGORA UMA ENTREVISTA PARA A PESQUISA “HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA DOS RIBEIRINHOS DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA – PARÁ”.

#### **IDENTIFICAÇÃO**

1. Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
2. Qual o nome de seu pai e de sua mãe?
3. E de seus avós?
4. Tem irmãos?
5. Qual o nome deles?

#### **FAMÍLIA**

6. Qual a origem de sua família? São de Conceição do Araguaia ou vieram de outra região?
7. O senhor sabe como seus pais se conheceram e se casaram?
8. Qual a atividade profissional deles, em que trabalhavam?

#### **INFÂNCIA**

9. Poderia falar um pouco como era o lugar em morava na sua infância?
10. E da casa, o que o senhor se lembra como era?
11. Quais eram suas brincadeiras favoritas quando criança?

#### **ESCOLA**

12. O senhor se lembra da sua primeira escola?
13. Poderia dizer como era a escola?
14. E os professores, algum foi mais marcante para o senhor? Por quê?
15. O senhor estudou até qual série?

#### **JUVENTUDE**

16. O senhor passou sua juventude na mesma cidade?
17. Qual era a principal diversão da época?
18. E sua esposa, como a conheceu?
19. O senhor se lembra como foi o noivado e o dia do casamento?
20. Quantos filhos o senhor teve? Qual o nome deles?
21. Como está a família do senhor atualmente?
22. Com quem o senhor mora?
23. E, além do trabalho, o que o senhor gosta de fazer?
24. Qual é hoje seu maior sonho?



**TRABALHO**

1. Qual foi seu primeiro trabalho?
2. E hoje qual a sua ocupação (trabalho)?
3. Como é sua a rotina de trabalho?
4. Quais são as maiores dificuldades enfrentadas no seu trabalho?
5. Houve alguma grande crise de falta de peixe que o senhor se lembre no Rio Araguaia?
6. O que aconteceu?
7. Mudou alguma coisa depois disso?

**CIDADE E RIO**

8. E a cidade, Conceição do Araguaia, o senhor pode me dizer como era na sua juventude ou quando chegou aqui?
9. E hoje como você vê a cidade de Conceição do Araguaia?
10. E o bairro Tancredo Neves, como era na sua juventude ou quando chegou aqui?
11. E como está hoje?
12. Sobre o rio Araguaia, o senhor pode me falar como era o rio?
13. E hoje, na sua visão, como está o rio? Ocorreram mudanças?
14. O que o senhor achou de contar um pouco da sua história?

**APÊNDICE 02: PLANOS DE AULA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS  
COM A TURMA DO 2º ANO DA ESCOLA PROFESSOR JOSÉ WILSON PEREIRA  
LEITE.**

**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.				
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História				
<b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO				
<b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho			<b>Nº DE AULAS:</b> 03	
<b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
<b>HABILIDADES/OBJETIVOS ESPECIFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO/CONTÉÚDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>PROCESSO AVALIATIVO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação do Projeto de Pesquisa;</li> <li>➤ Quem é meu Aluno? (Conhecendo os estudantes);</li> <li>➤ Organizar árvore genealógica dos alunos.</li> </ul>	História de vida.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentação objetiva do projeto de pesquisa em slides;</li> <li>➤ Roda de conversa para conhecer melhor os estudantes ;</li> <li>➤ Montagem de árvore genealógica.</li> </ul>	Data-show;  Atividade escrita para construção da árvore genealógica.	Os alunos serão avaliados através da participação nas aulas e nas produções propostas.

**ATIVIDADES PROPOSTAS NA OFICINA**

- **Questões levantadas na Roda de conversa:**

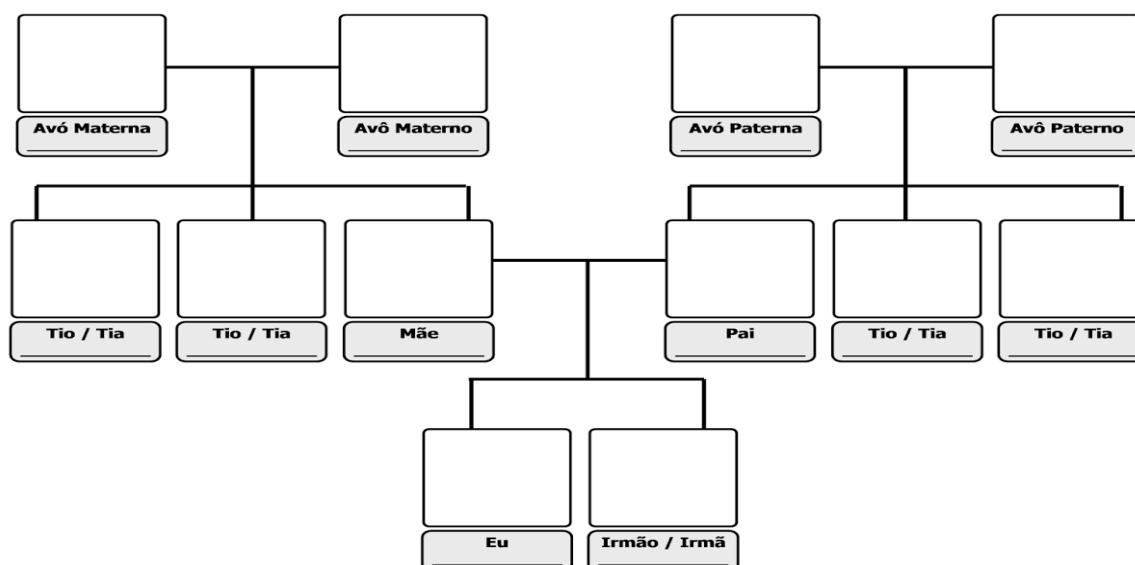
1. **Quem é você? (Nome)**
2. **Onde nasceu?**
3. **Onde e com quem vive?**

- **Pesquisando as origens**

A vida é cheia de acontecimentos, fatos e histórias. É necessário conhecer melhor a própria história: saber o nome dos pais, irmãos, avós, tios, primos, sobrinhos, enfim, conhecer tudo sobre a nossa família. Esses conhecimentos nos tornam pessoas mais completas.

- **Preencha a ficha abaixo com dados familiares. Esses dados serão utilizados para a construção da árvore genealógica:**
  1. Nome completo:
  2. Onde Nasceu (cidade e estado)?
  3. Onde e com quem vive?
  4. Nome dos pais?
  5. Nome dos avós por parte de mãe:
  6. Nome dos avós por parte de pai:
  7. Você tem irmãos? Quantos? Como se chamam? (tanto os por parte de pai como de mãe, se os pais forem separados).
  8. Você conhece todos os irmãos de sua mãe? Como se chamam?
  9. E do seu pai? Como se chamam?
  10. Quantos primos você tem do lado de sua mãe?
  11. E de seu pai?
  12. Você tem madrasta ou padrasto? Como se chamam?

## A Minha Árvore Genealógica



**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.				
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História				
<b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO				
<b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho			<b>Nº DE AULAS:</b> 03	
<b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
<b>HABILIDADES/OBJETIVOS ESPECIFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO/CONTÉUDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>PROCESSO AVALIATIVO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Identificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a história de Conceição do Araguaia.</li> <li>➤ Analisar a importância da História local;</li> </ul>	História local.	<p>Aplicação de questionário;</p> <p>Leitura e análise de texto sobre história local.</p>	<p>Fichas de questionário.</p> <p>Texto impresso;</p>	Os alunos serão avaliados através da participação nas aulas e nas produções propostas.

**ATIVIDADE/MATERIAL USADO NA OFICINA**

**QUESTIONÁRIO**

- 1) Qual seu nome completo?
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Em que cidade e estado você nasceu?
- 4) Qual o nome dos seus pais?
- 5) Em que cidade e estado seus pais nasceram?
- 6) Que bairro você mora?
- 7) Em que trabalham os membros da sua família?
- 8) Conte o que você sabe sobre a história de Conceição do Araguaia.
- 9) Qual local de Conceição do Araguaia você mais gosta?
- 10) Por que esse local é significativo para você?

**TEXTO SOBRE HISTÓRIA LOCAL**

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de estar relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional.

Ela tem sido compreendida como “história do lugar”. Nesse aspecto, a localidade tem-se tornado objeto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado. É a partir do local que o aluno começa a construir sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil, no sentido de que faz prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais, sendo eles materiais ou não materiais.

A História Local geralmente se liga à História do Cotidiano ao fazer as pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente quanto no passado.

O local é o espaço primeiro da atuação do homem, por isso, o ensino de história local precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações do que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos. Assim sendo, ensino de História Local pode configurar-se como um espaço que o local e o presente são referentes para o processo de construção de identidade.

Um cuidado que se deve ter com o estudo da história local é a identificação do conceito de espaço. É comum falar em História Local como a história do entorno, do mais próximo, do bairro ou da cidade. Cada lugar tem suas especificidades e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõem e de suas funções.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, para o 1º e 2º Ciclos, destacam a importância de conhecer as características dos grupos sociais de seu convívio diário, para que ampliem estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes.

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1998), em suas séries iniciais valoriza o estudo da localidade:

*A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia. (pág.40)*

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, na área de história, recentemente divulgados (1997 e 1998), foram construídos a partir de uma ótica que devem ser tomados como referência para trabalhar a experiência e os contextos mais amplos:

*O ensino e aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações do modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (Brasil/MEC/SEF, pág.49)*

De acordo com o PCN:

*Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais. Classificando-os como mais evoluídos ou atrasados. (Brasil/MEC/SEF, pág.52)*

A História Local permite ao educando perceber-se como sendo parte integrante da história, não simples espectador do ensino desta, mas objeto e sujeito, construtor de fatos e acontecimentos que não lineares, mas permeados de descontinuidades próprias do processo histórico. Enquanto estratégia de aprendizagem, a História Local, pode garantir o domínio do conhecimento histórico. Seu trabalho no ensino possibilita a construção de uma História mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades.

Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno, é necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e lembranças dos

sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz á histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados.

O trabalho com a História Local no ensino da História facilita, também, a construção de problematização, a apresentação de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica.

O novo interesse da História Local volta-se para uma abordagem social que procura reconstruir as condições de vida dos diversos grupos sociais de uma determinada localidade. Como afirma Goubert (1998, pág.73.): “*A volta à História Local origina-se de um novo interesse pela História Social – ou seja, a história da sociedade como um todo*”.

É preciso destacar que a utilização da história local como estratégia pedagógica é uma maneira interessante e importante para articular os temas trabalhados em sala de aula. O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história local.

Para efetivar o estudo do local, a proposta fundamenta-se na *história do cotidiano* e apropria-se de seus métodos, como objetivo de inserir as ações de pessoas comuns na constituição histórica e não exclusivamente as ações de políticos e das elites sociais.

Seu estudo constitui o ponto de partida da aprendizagem histórica, uma vez que permite a abordagem dos contextos mais próximos em que se inserem as relações sociais entre os professores, os estudantes e o meio. Nessa perspectiva, o ensino-aprendizagem da história local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença.

CARLOS HENRIQUE FARIAS DE BARROS

Fonte: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/historia/ensino-historia-memoria-historia-local.htm>

**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite. <b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História <b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO <b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho <b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
				<b>Nº DE AULAS:</b> 02
<b>HABILIDADES/OBJETIVOS ESPECIFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO/CONTÉUDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>PROCESSO AVALIATIVO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Analisar conceito e características, e realização de entrevistas.</li> </ul>	História oral.	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Explicação com slides sobre como realizar as entrevistas da história oral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Data-show;</li> <li>➤ Notebook.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Os alunos serão avaliados através da participação nas aulas e nas produções propostas.</li> </ul>

**MATERIAL USADO NA OFICINA**

**TEXTO: A realização de entrevistas**

A entrevista de História oral é, antes de qualquer coisa, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes. Em geral, o entrevistado é colocado diante de uma situação na qual é solicitado a falar sobre sua vida a uma pessoa quase estranha e ainda por cima diante de um gravador ou câmera. Por isso, convém reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista. Um depoimento de menos de uma hora de duração dificilmente rende tudo o que poderia. Em geral considera-se que a duração de uma sessão deve ser de aproximadamente duas horas, mas há sessões que se estendem por mais tempo. Muitas vezes ocorre de entrevistado e entrevistador encontrarem-se várias vezes, como no caso das entrevistas de história de vida.

Essa é uma das diferenças entre a entrevista de História oral e a entrevista jornalística, cuja duração em geral é limitada pelo espaço disponível nos meios de comunicação. Outra diferença consiste no fato de o pesquisador se adequar ao ritmo do entrevistado, que estabelece qual será o percurso da lembrança e da construção do pensamento. É sempre bom esperar que o entrevistado conclua seu raciocínio antes de formular nova pergunta. E se a resposta se afastar do que foi perguntado, isso pode ter um significado particular. Por que determinado assunto é aprofundado em uma ocasião e não em outra? Como interpretar períodos de silêncio?

O entrevistador deve treinar sua sensibilidade para reconhecer os fatores que influenciam o andamento da entrevista e levá-los em conta quando de sua análise.

Conduzir uma entrevista não é tarefa fácil. É preciso estar permanentemente atento ao que diz o entrevistado, às indicações do roteiro, às oportunidades de formular perguntas e ao funcionamento do gravador ou da câmera.

De preferência, devem ser usadas perguntas abertas, que levem o entrevistado a discorrer a respeito do tema e não possam ser respondidas simplesmente com "sim" ou "não". Por exemplo: "A que o senhor atribui...?", "Onde a senhora estava quando...?". Ao formular as perguntas, o pesquisador deve procurar ser simples e direto.

O entrevistador deve aprender a lidar com recuos e avanços no tempo, pois os temas são abordados conforme vão sendo suscitados pela conversa e não necessariamente em ordem cronológica. São frequentes também as repetições, que podem trazer informações importantes para a análise da entrevista. Por exemplo, quando certos acontecimentos são narrados sempre da mesma forma, isso pode indicar que estão cristalizados na memória do entrevistado e cumprem um papel específico no trabalho de significação do passado. Durante a gravação da entrevista, é preciso não esquecer que se está produzindo uma fonte, que poderá ser consultada por outros pesquisadores.

Alguns procedimentos são recomendados, por isso. Ao iniciar a gravação, convém gravar uma espécie de "cabeçalho" da entrevista, informando o nome do entrevistado, do(s) entrevistador (es), a data, o local e o projeto no qual a entrevista se insere. Isso evitará que, mais tarde, ninguém mais saiba de que entrevista se trata, quando e por que foi gravada.

Falas superpostas devem ser evitadas, pois prejudicam a compreensão posterior. Cabe ao pesquisador se calar sempre que o entrevistado estiver falando e assim que ele toma a palavra. Finalmente, se a entrevista for aberta à consulta de outros pesquisadores, é necessário providenciar o documento de cessão de direitos sobre a entrevista, a ser assinado pelo entrevistado ao final do depoimento e sobre o qual ele deve ser informado com antecedência.

Fonte: <https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/Livro-Tecnologia-Social-da-Memoria>.



**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite. <b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História <b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO <b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho <b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
				<b>Nº DE AULAS:</b> 02
<b>HABILIDADES/ OBJETIVOS ESPECIFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO /CONTEÚDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓ GICOS</b>	<b>PROCES SO AVALIA TIVO</b>
➤ Realização de entrevistas.	História oral.	➤ Os estudantes irão praticar o que aprenderam, entrevistando seu colega e realizando a transcrição da entrevista.	➤ Aparelho celular.	➤ Os alunos serão avaliados através da participação nas aulas e nas produções propostas.

**MATERIAL USADO NA OFICINA**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, \_\_\_\_\_, EU  
 SOU \_\_\_\_\_ E IREI  
 ENTREVISTAR AGORA, \_\_\_\_\_ PARA A  
 PESQUISA “HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO A PARTIR DA MEMÓRIA DOS  
 RIBEIRINHOS DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA – PARÁ”.

**IDENTIFICAÇÃO**

1. Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
2. Qual o nome de seu pai e de sua mãe?
3. E de seus avós?
4. Tem irmãos?
5. Qual o nome deles?

**FAMÍLIA**

6. O que você sabe sobre a origem de sua família?
7. Fale um pouco de seus avós maternos e paternos. Como eles são?
8. Você sabe como seus pais se conheceram e se casaram?
9. Qual a atividade (trabalho) deles?

**INFÂNCIA**

10. Poderia descrever um pouco a rua e o bairro onde morava quando era criança?
11. E a casa, como era?
12. Quais eram suas brincadeiras favoritas?

**ESCOLA**

13. E da sua primeira escola, você se lembra?
14. Poderia descrever o prédio, o pátio, a sala?
15. E os professores? Algum foi mais marcante? Por quê?

**JUVENTUDE**

16. O que você mais gosta de fazer atualmente?
17. O que você acha da cidade em mora? E do bairro?
18. Quais os pontos positivos e negativos da escola que estuda?
19. O que você gostaria que melhorasse na cidade?
20. O que gostaria que melhorasse no seu bairro? E na sua escola?

**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.				
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História				
<b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO				
<b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho			<b>Nº DE AULAS:</b> 02	
<b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
<b>HABILIDADES/OBJETIVOS ESPECIFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>PROCESSO AVALIATIVO</b>
➤ Oficina: Biografias.	➤ O que são biografias; ➤ Qual a finalidade das biografias; ➤ Como construir uma biografia. Construção da biografia a partir da entrevista transcrita do colega.	➤ Os estudantes irão participar de uma oficina explicativa sobre biografias”.	➤ Quadro branco; ➤ Pincel; ➤ Data-show.	➤ Os alunos serão avaliados através da participação nas oficinas e nas produções propostas.

**MATERIAL USADO NA OFICINA**

**O que é uma biografia?**

- É um gênero textual que relata a vida de determinada pessoa conhecida socialmente. A sua intenção é destacar e compartilhar as experiências e ações desse indivíduo.
- A biografia tem a função social de compartilhar, ao amplo público, o relato de vida de uma pessoa, de modo a popularizar ou acessibilizar esse conhecimento.
- Historicamente, a biografia é conhecida na forma de livro, geralmente relatando todo o percurso de vida do biografado, muitas vezes já falecido. De modo gradual, as biografias de pessoas vivas começaram a se popularizar, alcançando postos de best-sellers. Na atualidade, entretanto, a biografia tem evoluído para novas formas.
- A biografia apresenta predominância do tipo textual narrativo, pois é um discurso que relata acontecimentos vividos pelo biografado. Entretanto, é possível que outros tipos também se façam presentes, como o descritivo, explicativo e até o argumentativo. Essa mescla deve servir ao propósito de melhor organizar o texto e apresentar a vida do sujeito.

- O texto é narrado em terceira pessoa do singular, ou seja, um autor relata a vida de outra pessoa; ou pode ser narrado em primeira pessoa, quando é uma autobiografia, o sujeito narra sua própria vida.

### **Estruturalmente, a biografia se divide no esquema apresentado a seguir.**

- Título da biografia: comumente é o nome do biografado, acompanhado de uma frase ou expressão que representa simbolicamente sua trajetória.
- Introdução: texto inicial que apresenta as informações de origem do biografado, como data e local de nascimento, referência familiar, informações importantes sobre a infância e o contexto de formação.
- Corpo do texto: a grande parte do corpo do texto apresenta a sequência de relatos, cronologicamente organizados, apresentando as ações e experiências do biografado ao longo da vida.
- Conclusão: apresenta um encerramento do relato e pode contar os últimos momentos de vida do biografado, ou as últimas informações do recorte temporal escolhido. Por escolha do autor, a conclusão também pode apresentar considerações finais a respeito da importância dessa biografia e desse sujeito.

### **Como fazer uma biografia**

Fazer uma boa biografia requer antes um amplo estudo, criterioso e crítico, a respeito do indivíduo que será biografado. Há que se cuidar também com as interpretações e julgamentos pessoais que possam interferir negativamente no texto, ao construir uma imagem pessoal e não objetiva do biografado. Além disso, é necessário atentar à organização estrutural e linguística do texto. Sendo assim, seguem abaixo algumas dicas de como fazer uma biografia.

Inicie com informações da origem do autor, como data e local de nascimento, nome dos familiares, características econômicas, sociais e pessoais da família, e curiosidades. Pode-se inserir, também: a idade atual; cargo e/ou títulos principais do biografado.

Relate os principais acontecimentos da vida do biografado em ordem cronológica. A quantidade de fatos varia a depender do tamanho do texto. Busque apresentar o máximo de informações relevantes. Delimite os diferentes tempos e espaços com marcadores como “Na infância, a biografada começou a estudar piano”; “Ao entrar na universidade, a biografada muda-se de cidade...”.

Conclua o texto com as últimas informações da vida do biografado. Se for uma pessoa ainda viva, pode-se informar a situação atual do sujeito: se trabalha ou está aposentado; se mora no mesmo país ou vive em outro lugar, etc.

Fonte: <https://www.portugues.com.br/redacao/biografia.html>

**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.				
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História				
<b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO				
<b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho			<b>Nº DE AULAS:</b> 02	
<b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
<b>HABILIDADES/OBJETIVOS ESPECIFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO/CONTÉUDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>PROCESSO AVALIATIVO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Oficina: Biografias.</li> <li>➤ Análise das transcrições das entrevistas dos ribeirinhos e construção das biografias.</li> </ul>	Construção da biografia dos ribeirinhos com base na análise das entrevistas transcritas	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Divisão da turma em 4 grupos;</li> <li>➤ Cada grupo responsável pela produção de uma biografia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quadro branco;</li> <li>➤ Pincel;</li> <li>➤ Chamex;</li> <li>➤ Caneta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Os alunos serão avaliados através da participação nas oficinas e nas produções propostas.</li> </ul>

**PLANO DE AULA PARA DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA**

<b>ESCOLA:</b> Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.				
<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História				
<b>ETAPA DE ENSINO:</b> 2º ANO ENSINO MÉDIO				
<b>PROFESSOR (A):</b> Fransuely Coelho			<b>Nº DE AULAS:</b> 01	
<b>ORIENTADOR:</b> Professor Doutor Moisés Silva				
<b>HABILIDADES/OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b>	<b>OBJETO DE CONHECIMENTO/CONTEÚDO</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>PROCESSO AVALIATIVO</b>
<p>➤ Oficina: Análise das biografias e produção textual.</p>	<p>➤ Características de Conceição do Araguaia durante a juventude dos biografados;</p> <p>➤ Características do bairro Tancredo Neves quando os biografados passaram a residir nele.</p> <p>➤ Usos do rio Araguaia neste período; Usos do Rio Araguaia atualmente.</p>	<p>➤ Produção de texto sobre os conhecimentos da história local contidos nas biografias dos ribeirinhos e produção de texto relacionado.</p>	<p>➤ Quadro branco;</p> <p>➤ Pincel;</p> <p>➤ Chamex;</p> <p>➤ Caneta.</p>	<p>➤ Os alunos serão avaliados através da participação nas oficinas e nas produções propostas.</p>

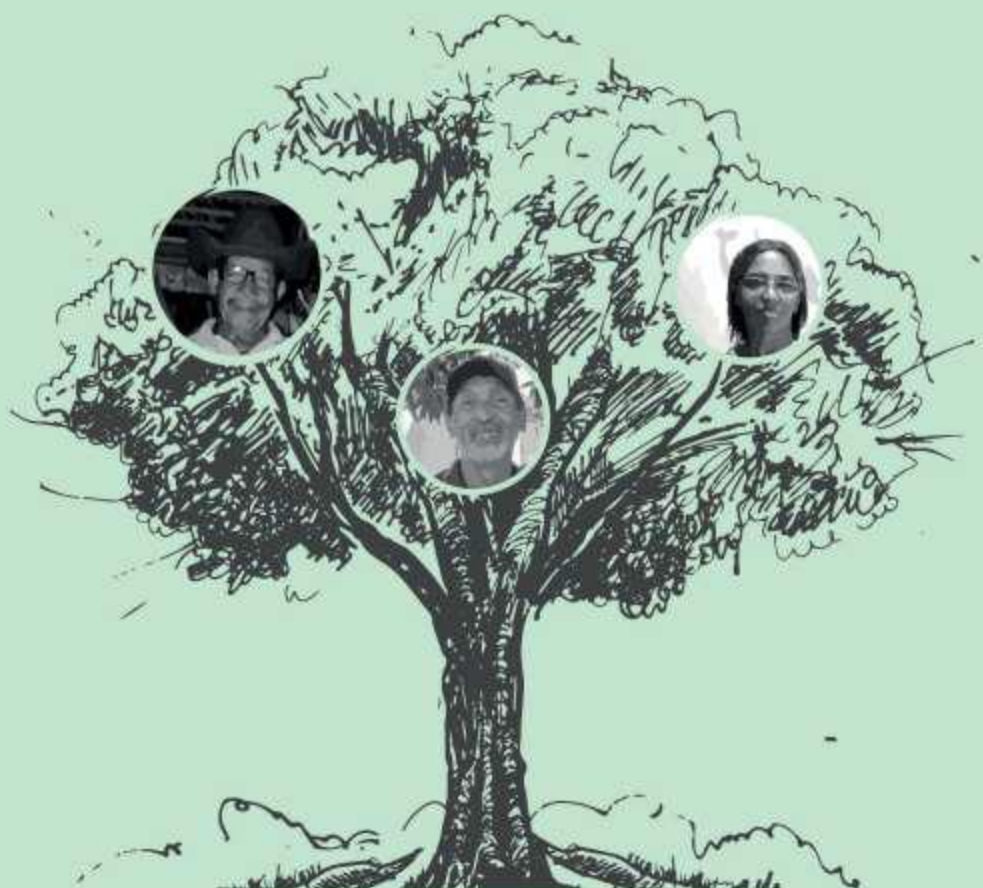
**APÊNDICE 03: ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL FINAL REALIZADA JUNTO AOS ESTUDANTES DO 2º DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA PROFESSOR JOSÉ WILSON PEREIRA LEITE.**

**ROTEIRO DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

1. Com base na análise da biografia dos ribeirinhos de Conceição do Araguaia – Pará elabore um texto em que constem os seguintes itens:
  - a) Como era a cidade no período de sua infância ou quando chegaram para morar?
  - b) Como era o bairro Tancredo Neves quando passaram a residir nele?
  - c) De que maneira a população se relacionava com o rio Araguaia por meio de seu uso, no período de sua juventude ou quando vieram residir em Conceição do Araguaia?
  - d) Esses usos são os mesmos atualmente? Explique.
  - e) Dê sua opinião sobre os trabalhos desenvolvidos durante esta pesquisa.

**APÊNDICE 04 – PRODUTO DIDÁTICO**  
**A Cartilha**

**HISTÓRIA LOCAL**  
**MEMÓRIAS DE RIBEIRINHOS**



Conceição do Araguaia-PA

HISTÓRIA LOCAL  
MEMÓRIAS DE RIBEIRINHOS



Conceição do Araguaia-PA



## Sumário

Apresentação .....	7
Conhecendo Conceição do Araguaia - PA.....	8
Curiosidades .....	12
Sequência Didática para o Ensino da História Local. ....	14
Texto sobre a História Local. ....	16
Biografia dos Ribeirinhos do Bairro .....	27
Tancredo neves.....	27
DEUSIMAR DOS SANTOS LEITE – “CHICO OLEIRO” <sup>27</sup>	
MARIA DAS NEVES GOMES DOS SANTOS.....	29
MARLENE PEREIRA DAS NEVES .....	31
TONINHO RIBEIRO DE ARAÚJO – “LIBRINA” .....	33
Banners Apresentados a.....	35
Comunidade Escolar.....	35
Depoimentos dos Estudantes sobre .....	39
a Pesquisa. ....	39
Considerações Finais.....	41
Referências .....	42

## Apresentação

Esta cartilha é resultado da pesquisa desenvolvida na dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História-ProfHistória, da Universidade Federal do Norte do Tocantins-UFNT. Tem como título “História local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos de Conceição do Araguaia-PA”, e foi realizada em conjunto com os estudantes da turma do 2º ano do ensino médio, do turno matutino, da Escola Estadual Professor José Wilson Pereira Leite.

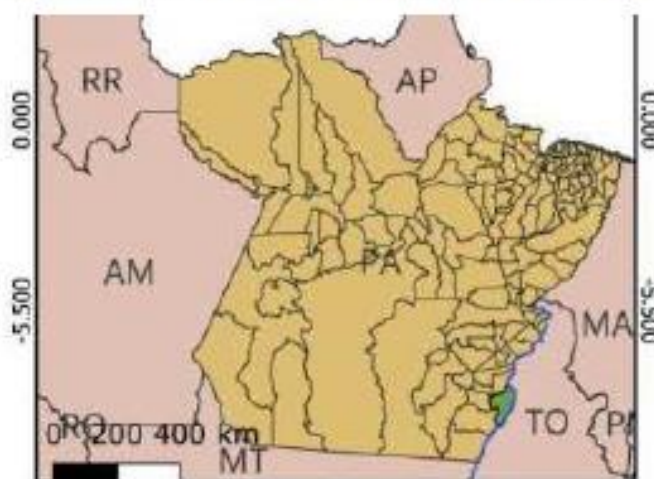
O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma estratégia metodológica para o ensino de história local, através do uso das memórias de moradores ribeirinhos do bairro Tancredo Neves. Este material visa atender o seguinte público alvo: docentes, que podem fazer uso do procedimento metodológico em suas realidades locais; discentes do ensino fundamental II e ensino médio, para a pesquisa de informações sobre a história da cidade.

A Metodologia da história oral forneceu subsídios para a realização de entrevistas que nos levaram a conhecer a vivência das pessoas “comuns”, ignoradas pela historiografia local, mas que fazem parte da história de Conceição do Araguaia e estão diretamente ligadas à vida dos estudantes que compuseram esta pesquisa. Assim, esse material constitui uma versão “outra” para o ensino e estudo da história de Conceição do Araguaia-PA.

## Conhecendo Conceição do Araguaia - PA

O município de Conceição do Araguaia fica localizado no sudeste do estado do Pará, a aproximadamente 1.000 km da capital Belém, às margens do Rio Araguaia, na divisa com o Estado do Tocantins. Tem uma população estimada em 47.864 mil habitantes, constituindo o 47º município mais populoso do Estado (IBGE, 2020). Sua extensão territorial é de 5.829,482 km<sup>2</sup>, sendo cortado pela PA-287. A economia concepcionense ou araguaiana baseia-se em atividades como, pecuária, pesca, piscicultura, agricultura e turismo.

Imagem: Mapa da localização do município de Conceição do Araguaia no estado do Pará.



Fonte: IBGE, 2021; GOOGLE EARTH, 2022. Trabalho de elaboração gráfica: SILVA, 2023

As narrativas da história de Conceição do Araguaia são, quase exclusivamente, da cidade que nasce a partir da ação missionária dos dominicanos, que vieram para a região no século XIX, com o objetivo de aculturar os povos originários, através da catequese, como afirma o memorialista Isau Coelho Luz (2011):

O lugar escolhido para fundar a Catequese tinha elevação suave, em forma de rampa. Era um lugar de landisal bonito e capim grosso. Olhando de lado, o padre vê o tucum rasteiro e muito maracujá. O padre saiu, deu uma voltinha e retornou dizendo aos que estavam no barco: - Isso aqui é o lugar. Vai ser a cidade da Virgem Imaculada Conceição! É aqui, está escolhido esse lugar. Vamos plantar a cidade de Nossa Senhora aqui (LUZ, 2011, p. 91).

Após escolher o local à margem esquerda do Rio Araguaia, o frade dominicano Frei Gil de Vila Nova, fundou a cidade, em 1897. A partir de então deram início ao processo de “pacificação” dos nativos da região, usando como principal ferramenta a catequese. Essa narrativa ignora e subalterniza o povo comum, que na maioria dos escritos não aparece nem como coadjuvante. Desta maneira, com o interesse de contribuir com o fortalecimento e a identidade dos estudantes, pelo reconhecimento de outros sujeitos históricos, enfatizando que sua comunidade e eles próprios são protagonistas da história, destacamos aqui os relatos de moradores ribeirinhos do bairro Tancredo Neves, sobre as características da cidade no período de sua infância ou quando chegaram para residir. O senhor Deuzimar dos Santos Leite que veio da cidade de Imperatriz no Maranhão com toda sua família, nos conta que quando chegou em Conceição do Araguaia, por volta do ano de 1978, a cidade finalizava no bairro Vila Nova, não existindo ainda o bairro Tancredo Neves. Segundo ele, que está entre os primeiros moradores, o bairro só começou a ser formado um bom tempo depois, resultado de um processo de invasão. Sobre o Rio Araguaia nesse período, afirma o seguinte: “Nessa época o rio Araguaia era bom, tinha muito peixe. Eu naquela época não era pescador, mas se você descesse bem aqui nessa beira de rio com um anzolzim e um caniço, você pegava peixe pra comer (Deuzimar Santos Leite, 2023).

Maria das Neves Gomes dos Santos, em seu relato, forneceu informações preciosas sobre a cidade, afirmando que: “não tinha a estrutura que tem hoje, não tinha o asfalto, era só aquele areão, as casas eram

poucas, mais era casa de pau a pique, eu lembro direitinho, que a nossa casa era feita de pau a pique ali no bairro da Capelinha”. Quando ainda era criança, Maria das Neves conta que não havia a ponte sobre o rio Araguaia, que liga o estado do Pará ao Tocantins, a travessia era feita em balsas. Maria das Neves morava no bairro do porto da balsa e conta que: “[...] naquela época tinha aquelas balsas que atravessava os carros pro Couto Magalhães pra ir pro Tocantins [...] tinha muito movimento, tinha muitos pescadores, os pescadores chegavam na base das quatro horas com o peixe, e tinha o movimento dos carros que também atravessa nas balsas”. Sobre as características do bairro da Capelinha, onde morou quando criança, informa que:

O bairro da Capelinha era só aquele tombador, quando dava essas chuvas era buraco pra todo canto, era só areão, não tinha asfalto não tinha aquela praça, só tinha a capelinha que era igreja. Então ali só tinha a capelinha mesmo, que até hoje ainda existe o prédio. Por causa da escola, eles modificaram muito, construíram a capela ali na praça [...] Era no mesmo lugar que hoje é a escola (Maria das Neves Gomes dos Santos, 2023).

A senhora Marlene Pereira das Neves, que veio da região de Pequi-zeiro quando tinha 16 anos de idade, para estudar e trabalhar em Conceição do Araguaia, nos relata como era o bairro Tancredo Neves quando chegou para residir, depois que já havia formado sua família.

A gente chegou aqui não tinha nada, sabe como é nada. Nós conseguimos esse lote aqui, os matos estavam da altura dessa casa quase, de tão grande. Na época começaram dizer que iam dar uns lotes, eu corri atrás. Já tinha grilado ali em cima, e aí acabou. Mas iam cortar mais lotes pra dar pra mais gente [...] nós conseguimos ganhar esse lote. A minha casa era uma casinha de casqueiro, não tinha parede, os buracos e falha na madeira eram grandes, porque madeira de casqueiro é toda desregulada, e coberta de plástico ainda. Tinha poucas casas, era contada as casas, eram poucas. Energia não tinha (Marlene Pereira das Neves, 2023).

O senhor Toninho Ribeiro de Araújo fala sobre sua percepção do movimento da cidade, que se concentrava na Rua Couto, em função do comércio. Quando chegou aqui, com aproximadamente 10 anos de idade,

vindo da zona rural da região de Araguacema: “As ruas não tinham esse asfalto, era só areão, tombadorzão. Quando eu me encontrei aqui já tinha carro, já tinha movimento. Aquela rua Couto era a mais movimentada”. Sobre as casas que já existiam no bairro Tancredo Neves, afirma que: “Ah era as casinhas muito pouquinhas, só casinha de taba, tudo era de taba, inclusive a minha, as casinhas bem pequenininha”.

## Curiosidades

### Você sabe o significado do nome da nossa cidade?

Quando chegou ao local que seria fundada Conceição do Araguaia, Frei Gil de Vila Nova e seus companheiros se instalaram embaixo de um pequizeiro, onde foi feita a primeira missa. Nes-te momento Frei Gil levantou os olhos para o céu e viu a imagem da virgem da Conceição sobre a copa do pequizeiro, fato que definiu o nome da cidade como uma homenagem à Santa. Já o segundo nome, “Araguaia”, é uma homenagem ao Rio que banha a região, palavra que tem origem no idioma Tupi e significa “Rio das araras”.

Em 1930, Sinesio Paulo de Carvalho, assumiu o cargo de interventor em Conceição do Araguaia. Devido o seu mau relacionamento com os padres dominicanos, mandou cortar o pequizeiro que era o símbolo da fundação da cidade, onde foi rezada a primeira missa.

Depois de um tempo, João Lucas, um morador local, mandou construir o obelisco, como uma forma de homenagear a igreja, a qual era devoto.



Outra curiosidade informada por uma das moradoras entrevistadas, Maria das Neves, se refere ao prédio da prefeitura municipal, que ficava localizado onde hoje é a Praça da Bíblia. Nesta época não havia a praça, somente a prefeitura no centro, como afirma Maria das Neves: “A prefeitura era ali na Praça da Bíblia, era bem no centrão a prefeitura. Era tipo um caixote, mas era bem feito. Era grande, tinha todos os compartimentos, as secretarias tudo dividido”. Além disso, o comércio local na década de 1960 se concentrava na Rua Couto onde hoje é o beradeiro, como informa Maria das Neves: “[...] o mercadão, aquele mercado ali da feira era lá na beira do rio, lá onde tem aquele posto, tinha um mercadão.

O mercado do peixe, da carne, era tudo feito lá, aquela rua Couto ali, com aquelas casas e muito movimento. O posto ainda existe no mesmo local da minha época, aquele posto é dessa época”.



## **Sequência Didática para o Ensino da História Local.**

Desenvolver estratégias metodológicas para o ensino de História, sobretudo o ensino de história local, que subsidiem o aprendizado do estudante através de práticas de produção, é algo considerado muito positivo. Neste item discorreremos sobre a experiência da prática da pesquisa histórica, que se deu através de oficinas, e caracteriza-se como uma estratégia didático-metodológica de ensino de História local. O objetivo foi desenvolver uma metodologia a partir da memória de ribeirinhos de Conceição do Araguaia-PA, com os estudantes da turma do 2º ano do ensino médio, turno matutino da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Wilson Pereira Leite.

A sequência didática a seguir possui como objetivo a construção de versões “outras” da história local, versões que estabeleçam diálogos com sujeitos até então invisibilizados pela historiografia. Para tanto foi necessário o preparo dos estudantes, para que pudessem desenvolver entrevistas de história oral, com base em histórias de vida, para entenderem o processo que culminou com a produção de biografias. As atividades aqui propostas são direcionadas para estudantes do ensino fundamental e médio, pois condizem com o nível de aprendizagem já adquirido. Aqui foram destacadas cinco oficinas, cada oficina com duas aulas de quarenta minutos, onde buscamos efetuar a prática da pesquisa e produção histórica como estratégia didático-metodológica, visando o desenvolvimento de uma aprendizagem com sentido e significado para os discentes.

## Oficina 1

História Local – (2 aulas de 40 minutos).

### Objetivos:

- Identificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a história de Conceição do Araguaia;
- Analisar as características do estudo de história local;
- Identificar familiares que possam ser entrevistados.

### Metodologia a ser aplicada:

- Aplicação de questionário;
- Leitura e análise de texto sobre história local.

### Recurso Metodológico:

- Fichas de questionário;
- Texto impresso.

### Material usado nas oficinas:

- Questionário.

- 1) Qual seu nome completo?
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Em que cidade e estado você nasceu?
- 4) Qual o nome dos seus pais?
- 5) Em que cidade e estado seus pais nasceram?
- 6) Que bairro você mora?
- 7) Em que trabalham os membros da sua família?
- 8) Você já ouviu de seus familiares ou pessoas conhecidas relatos sobre a história de Conceição do Araguaia? Descreva o que você ouviu.
- 9) Você já teve oportunidade de estudar sobre a história de Conceição do Araguaia? Conte o que você sabe.

## Texto sobre a História Local.

A História Local é a história que trata de assuntos referentes a uma determinada região, município, cidade, distrito. Apesar de está relacionada a uma história global, a história local se caracteriza pela valorização dos particulares, das diversidades; ela é um ponto de partida para a formação de uma identidade regional.

Ela tem sido compreendida como “história do lugar”. Nesse aspecto, a localidade tem-se tornado objeto de investigação e ponto de partida para a produção de conhecimentos sobre o passado. É a partir do local que o aluno começa a construir sua identidade e a se tornar membro ativo da sociedade civil, no sentido de que faz prevalecer seu direito de acesso aos bens culturais, sendo eles materiais ou não materiais.

A História Local geralmente se liga à História do Cotidiano ao fazer as pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre os grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente quanto no passado.

O local é o espaço primeiro da atuação do homem, por isso, o ensino de história local precisa configurar também essa proposição de oportunizar a reflexão permanente acerca das ações do que ali vivem como sujeitos históricos e cidadãos. Assim sendo, ensino de História Local pode configurar-se como um espaço que o local e o presente são referentes para o processo de construção de identidade.

Um cuidado que se deve ter com o estudo da história local é a identificação do conceito de espaço. É comum falar em História Local como a história do entorno, do mais próximo, do bairro ou da cidade. Cada lugar tem suas especificidades e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõem e de suas funções. A História Local permite ao educando perceber-se como sendo parte integrante da história, não simples espectador do ensino desta, mas objeto e sujeito, construtor de fatos e acontecimentos que não lineares, mas permeados de discontinuidades próprias do processo his-

tórico. Seu trabalho no ensino possibilita a construção de uma História mais plural, que não silencie a multiplicidade das realidades. Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno, é necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, das memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz às histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados. O trabalho com a História Local no ensino da História facilita, também, a construção de problematização, a apresentação de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da história, bem como de histórias que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica.

Autor: CARLOS HENRIQUE FARIAS DE BARROS

Fonte: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia/ensino-historia-memoria-historia-local.htm>

## Oficina 2

Estudo e organização para realização de entrevista de história de vida – (2 aulas de 40 minutos).

### Objetivos:

- Analisar as características relacionadas a realização de entrevista e suas transcrições;

### Metodologia a ser aplicada:

- Estudo de texto;
- Explicação e roda de conversa;
- Organização da turma em duplas para realizar as entrevistas.

### Recurso Metodológico:

- Texto impresso.

### Material usado nas oficinas:

- TEXTO: A realização de entrevistas.

A entrevista de História oral é, antes de qualquer coisa, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes. Em geral, o entrevistado é colocado diante de uma situação na qual é solicitado a falar sobre sua vida a uma pessoa quase estranha e ainda por cima diante de um gravador ou câmera. Por isso, convém reservar um tempo relativamente longo para a realização da entrevista. Um depoimento de menos de uma hora de duração dificilmente rende tudo o que poderia. Em geral, considera-se que a duração de uma sessão deve ser de aproximadamente duas horas, mas há sessões que se estendem por mais tempo. Muitas vezes ocorre de entrevistado e entrevistador encontrarem-se várias vezes, como no caso das entrevistas de história de vida.

Essa é uma das diferenças entre a entrevista de História oral e a entrevista jornalística, cuja duração em geral é limitada pelo espaço disponível nos meios de comunicação. Outra diferença consiste no fato de o pesquisador se adequar ao ritmo do entrevistado, que estabelece qual será o percurso da lembrança e da construção do pensamento. É sempre bom esperar que o entrevistado conclua seu raciocínio antes de formular nova pergunta. E se a resposta se afastar do que foi perguntado, isso pode ter um significado particular. Por que determinado assunto é aprofundado em uma ocasião e não em outra? Como interpretar períodos de silêncio? O entrevistador deve treinar sua sensibilidade para reconhecer os fatores que influenciam o andamento da entrevista e levá-los em conta quando de sua análise.

Conduzir uma entrevista não é tarefa fácil. É preciso estar permanentemente atento ao que diz o entrevistado, às indicações do roteiro, às oportunidades de formular perguntas e ao funcionamento do gravador ou da câmera. De preferência, devem ser usadas perguntas abertas, que levem o entrevistado a discorrer a respeito do tema e não possam ser respondidas simplesmente com “sim” ou “não”. Por exemplo: “A que o senhor atribui...?”, “Onde a senhora estava quando...?” Ao formular as perguntas, o pesquisador deve procurar ser simples e direto. O entrevistador deve aprender a lidar com recuos e avanços no tempo, pois os temas são abordados conforme vão sendo suscitados pela conversa e não necessariamente em ordem cronológica. São frequentes também as repetições, que podem trazer informações importantes para a análise da entrevista. Por exemplo, quando certos acontecimentos são narrados sempre da mesma forma, isso pode indicar que estão cristalizados na memória do entrevistado e cumprem um papel específico no trabalho de significação do passado.

Durante a gravação da entrevista, é preciso não esquecer que se está produzindo uma fonte, que poderá ser consultada por outros pesquisadores. Alguns procedimentos são recomendados, por isso. Ao iniciar a gravação, convém gravar uma espécie de “cabeçalho” da entrevista, informando o nome do entrevistado, do entrevistador, a data, o local e o projeto no qual a entrevista se insere. Isso evitará que, mais tarde, ninguém mais saiba de que entrevista se trata, quando e por que foi gravada. Falas superpostas devem ser evitadas, pois prejudicam a compreensão

posterior.

Cabe ao pesquisador se calar sempre que o entrevistado estiver falando e assim que ele toma a palavra. Finalmente, se a entrevista for aberta à consulta de outros pesquisadores, é necessário providenciar o documento de cessão de direitos sobre a entrevista, a ser assinado pelo entrevistado ao final do depoimento e sobre o qual ele deve ser informado com antecedência.

Fonte: <https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/Livro-Tecnologia-Social-da-Memoria>.

## Oficina 3

Praticando a entrevista – (2 aulas de 40 minutos).

### Objetivos:

- Realizar uma entrevista de história de vida com a pessoa escolhida na oficina anterior;
- Transcrever a entrevista.

### Metodologia a ser aplicada:

- Os estudantes irão praticar o que aprenderam, entrevistando uma pessoa que escolheram dentro da sua comunidade a transcrição da entrevista;
- Definir a pessoa que será entrevistada e agendar data, local e horário para entrevista;
- Organização da turma em duplas para realizar as entrevistas.
- Os estudantes deverão se apropriar do roteiro de entrevista.

### Recurso Metodológico:

- Questionário impresso;
- Aparelho celular para gravação.

## Material usado nas oficinas:

- Roteiro de entrevista

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, (LOCAL – NOME DA CIDADE, E DATA), EU SOU (NOME DO ENTREVISTADOR) E IREI ENTREVISTAR AGORA, (NOME DO ENTREVISTADO) PARA A PESQUISA “HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO A PARTIR DA MEMÓRIA DOS RIBEIRINHOS DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA – PARÁ”.

### Identificação

1. Para começar, gostaria que dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
2. Qual o nome de seu pai e de sua mãe?
3. E de seus avós?
4. Tem irmãos?
5. Qual o nome deles?

### Família

6. O que você sabe sobre a origem de sua família?
7. Fale um pouco de seus avós maternos e paternos. Como eles são?
8. Você sabe como seus pais se conheceram e se casaram?
9. Qual a atividade (trabalho) deles?

### Infância

10. Poderia descrever um pouco a rua e o bairro onde morava quando era criança?
11. E a casa, como era?
12. Quais eram suas brincadeiras favoritas?



## Escola

13. E da sua primeira escola, você se lembra?
14. Poderia descrever o prédio, o pátio, a sala?
15. E os professores? Algum foi mais marcante? Por quê?

## Juventude

16. O que você mais gosta de fazer atualmente?
17. O que você acha da cidade em mora? E do bairro?
18. Quais os pontos positivos e negativos da escola que estuda?
19. O que você gostaria que melhorasse na cidade?
20. O que gostaria que melhorasse no seu bairro? E na sua escola?

## Oficina 4

Estudando sobre Biografias – (2 aulas e 40 minutos).

### Objetivos:

- Realizar um estudo sobre o conceito, características e passo a passo para a construção de uma biografia.

### Metodologia a ser aplicada:

Os estudantes irão praticar de uma oficina explicativa sobre a temática “biografias”

### Recurso Metodológico:

- Texto impresso;
- Quadro branco.

### Material usado nas oficinas:

- **TEXTO:** O que é uma biografia?
  - É um gênero textual que relata a vida de determinada pessoa conhecida socialmente. A sua intenção é destacar e compartilhar as experiências e ações desse indivíduo.
  - A biografia tem a função social de compartilhar, ao amplo públi-

co, o relato de vida de uma pessoa, de modo a popularizar ou acessibilizar esse conhecimento.

- Historicamente, a biografia é conhecida na forma de livro, geralmente relatando todo o percurso de vida do biografado, muitas vezes já falecido. De modo gradual, as biografias de pessoas vivas começaram a se popularizar, alcançando postos de best-sellers. Na atualidade, entretanto, a biografia tem evoluído para novas formas.

- A biografia apresenta predominância do tipo textual narrativo, pois é um discurso que relata acontecimentos vividos pelo biografado. Entretanto, é possível que outros tipos também se façam presentes, como o descritivo, explicativo e até o argumentativo. Essa mescla deve servir ao propósito de melhor organizar o texto e apresentar a vida do sujeito.

- O texto é narrado em terceira pessoa do singular, ou seja, um autor relata a vida de outra pessoa; ou pode ser narrado em primeira pessoa, quando é uma autobiografia, o sujeito narra sua própria vida.

## **Estruturalmente, a biografia se divide no esquema apresentado a seguir.**

- **Título da biografia:** comumente é o nome do biografado, acompanhado de uma frase ou expressão que representa simbolicamente sua trajetória.

- **Introdução:** texto inicial que apresenta as informações de origem do biografado, como data e local de nascimento, referência familiar, informações importantes sobre a infância e o contexto de formação.

- **Corpo do texto:** a grande parte do corpo do texto apresenta a sequência de relatos, cronologicamente organizados, apresentando as ações e experiências do biografado ao longo da vida.

- **Conclusão:** apresenta um encerramento do relato e pode contar os últimos momentos de vida do biografado, ou as últimas informações do recorte temporal escolhido. Por escolha do autor, a conclusão também pode apresentar considerações finais a respeito da importância dessa biografia e desse sujeito.

### Como fazer uma biografia

Fazer uma boa biografia requer antes um amplo estudo, criterioso e crítico, a respeito do indivíduo que será biografado. Há que se cuidar também com as interpretações e julgamentos pessoais que possam interferir negativamente no texto, ao construir uma imagem pessoal e não objetiva do biografado. Além disso, é necessário atentar à organização estrutural e linguística do texto. Sendo assim, seguem abaixo algumas dicas de como fazer uma biografia.

Inicie com informações da origem do autor, como data e local de nascimento, nome dos familiares, características econômicas, sociais e pessoais da família, e curiosidades. Pode-se inserir, também: a idade atual; cargo e/ou títulos principais do biografado.

Relate os principais acontecimentos da vida do biografado em ordem cronológica. A quantidade de fatos varia a depender do tamanho do texto. Busque apresentar o máximo de informações relevantes. Delimite os diferentes tempos e espaços com marcadores como “Na infância, a biografada começou a estudar piano”; “Ao entrar na universidade, a biografada muda-se de cidade...”.

Conclua o texto com as últimas informações da vida do biografado. Se for uma pessoa ainda viva, pode-se informar a situação atual do sujeito: se trabalha ou está aposentado; se mora no mesmo país ou vive em outro lugar, etc.

Fonte: <https://www.portugues.com.br/redacao/biografia.html>

## Oficina 5

Construindo a biografia da pessoa escolhida – (2 aulas e 40 minutos).

### Objetivos:

- Produzir a biografia da pessoa escolhida pelos estudantes.

### Metodologia a ser aplicada:

As duplas organizadas anteriormente irão se reunir para construir a biografia da pessoa que eles entrevistaram, usando as transcrições das entrevistas.

### Recurso Metodológico:

- Entrevistas transcritas;
- Papel e caneta.

## Oficina 6

Exposição das biografias – (2 aulas e 40 minutos).

### Objetivos:

- Apresentar as biografias produzidas e socializar os conhecimentos adquiridos.

### Metodologia a ser aplicada:

- Cada dupla irá apresentar a biografia que construiu;
- Produção de texto, identificando os seguintes pontos nas biografias dos entrevistados: características da cidade e do bairro na infância dos biografados; comparação com os dias atuais; relação estabelecida pela população com o rio Araguaia na infância e nos dias atuais.

### Recurso Metodológico:

- Entrevistas transcritas;
- Papel e caneta;
- Roteiro de produção textual.

### **Material utilizado nas oficinas:**

#### **Produção Textual.**

Com base na análise da biografia que você produziu, elabore um texto em que constem os seguintes itens:

- a) Como era a cidade no período de sua infância ou quando chegaram para morar?
- b) Como era o bairro quando passaram a residir nele?
- c) De que maneira a população se relacionava com o rio Araguaia por meio de seu uso, no período de sua juventude ou quando vieram residir em Conceição do Araguaia?
- d) Esses usos são os mesmos atualmente? Explique.
- e) Dê sua opinião sobre os trabalhos desenvolvidos durante esta pesquisa.

## **Biografia dos Ribeirinhos do Bairro Tancredo Neves.**

### **DEUSIMAR DOS SANTOS LEITE – “CHICO OLEIRO”**

Deusimar dos Santos Leite nasceu no dia 11 de fevereiro de 1955 na cidade de Imperatriz no Maranhão, de onde veio ainda bebê para morar na zona rural de Araguacema no estado do Tocantins. Filho de Raimundo dos Santos Leite e Luiza Leite possui dois irmãos, João Luis Leite e um segundo já falecido.

A primeira e única escola frequentada por Deusimar, aos 13 anos de idade, ficava na localidade em que residia na zona rural Araguacema. Funcionava em uma casinha de palha, era particular, paga por seus pais e tinha como único professor Pedro Nazaré Costa.

Ao chegar à sua juventude, Deusimar deixa a zona rural de Araguacema, onde passou toda sua infância e desloca-se para Mato Grosso. Após uma temporada em Mato Grosso veio morar em Rio Maria, onde conheceu sua esposa, Luzimar Dias da Silva. Em um curto espaço de tempo foram morar juntos, firmando o compromisso de casamento em 1981. Da união com sua esposa nasceram 7 filhos, Maria, Cleudimar, Cleudiane, Rosicleia, Tainara e Cleube.

Durante sua trajetória de vida, Deusimar trabalhou primeiramente como garimpeiro, em seguida, comprou uma olaria onde confeccionava tijolos, e por fim migrou para a pesca, atividade que exerce até os dias atuais. Em sua rotina de trabalho, passa de 4 a 5 dias da semana pescando no Rio Araguaia, após pegar o peixe, vem para a cidade vender seu produto em um ponto comercial que possui na Vila Cruzeiro.

Dentre as dificuldades enfrentadas em sua profissão, está a falta de peixe e os perigos oferecidos pelo imenso rio Araguaia, tendo em vista

que passa muito tempo pescando sozinho.

Deusimar chegou em Conceição do Araguaia-Pará no ano de 1978, vindo com sua família de Rio Maria, no mesmo estado. Nessa época, o bairro Tancredo Neves ainda não existia. Muitos anos depois, o bairro em questão começou a ser delineado, resultado de um processo de invasão. O terreno onde construiu sua morada ganhou de um rapaz, ao relatar que morava com sua família de aluguel.

Para sair do aluguel Deusimar fincou duas vigotas que havia encontrado no terreno que ganhou, prendeu uma lona plástica, doada pelo seu patrão irmão Nelson, e passou a viver ali com sua família. Com a ajuda dos amigos Chicola e Agenor, que doaram uma carrada de casqueiro, construiu a primeira casa, de tábuas, sendo um dos primeiros moradores da Vila Tancredo Neves.

No período em questão, o Rio Araguaia possuía bastante peixe, e mesmo não sendo ainda pescador, Deusimar descreve a facilidade da pesca para consumo, na beira do rio, nas proximidades de sua casa. Situação que não é mais comum atualmente, sendo que uma das principais causas levantadas se refere ao aumento da população às margens e mesmo no interior do rio.

Atualmente, Deusimar mora com sua esposa em uma localidade chamada Pedreira, na zona rural de Conceição do Araguaia, de onde se desloca para a pescaria. Ao retornar dirige-se para a cidade, onde comercializa seu produto.

### **Autores:**

Ana Ruth dos Santos Silva

Daniele Aguiar de Sousa

Joiscyane Dias Alves

Wesllane Silva de Abreu

Sleyder Costa Brito

## MARIA DAS NEVES GOMES DOS SANTOS

Maria das Neves Gomes dos Santos nasceu no dia 05 de agosto de 1966 em Conceição do Araguaia – Pará. Oriunda de Miracema – Tocantins, sua mãe é Ilda Gomes da Silva e seu pai Ladislau Carneiro dos Santos. Possui quatro irmãos, sendo eles Marivan Gomes da Silva, Gecina Carneiro dos Santos, Neci Pereira da Silva e Antônio Neto Gomes dos Santos. Filha de lavadeira de roupas, Maria das Neves passou sua infância no bairro da Capelinha, onde morava com sua mãe, em uma casa bem pequena, sem piso e doada para que morassem por tempo determinado. No bairro da Capelinha não havia asfalto, era muito areão e tombador. Não existia a praça, somente a capela, onde frequentava a missa aos domingos, junto com sua irmã. Tempos depois, quando sua irmã contraiu matrimônio, passaram a morar com ela, próximo à beira do rio e ao porto das balsas, local de muito movimento, pois era onde os carros eram transportados em balsas sobre o Rio Araguaia para Couto Magalhães – Tocantins, do outro lado do rio. Neste período, Maria das Neves, com aproximadamente 10 anos de idade, trabalhava com a venda de peixes. Por volta das 16 horas descia para a beira do rio para esperar os pescadores que chegaram com o peixe. Os peixes eram colocados dentro de um cambão, sustentado por um cabo de vassoura sobre os ombros. Desta maneira saía pelas ruas próximas realizando suas vendas. Ainda na sua infância, Maria das Neves iniciou sua vida escolar, estudando junto com seus irmãos na escola particular da professora Laura. A escola funcionava na casa da própria professora, no bairro da Capelinha, contava com dez alunos de aproximadamente, de idades diferentes. A cidade de Conceição do Araguaia, no período da juventude de Maria das Neves, não tinha asfalto, as ruas eram no areão, parte das poucas casas que existia era de pau-a-pique. A prefeitura localizava onde hoje é a praça da bíblia, uma grande construção que comportava todos os departamentos. O mercadão da venda de peixe, carnes e outros produtos, ficava na beira do rio, onde atualmente é o Beiradeiro.

No ano de 1983, Maria das Neves conheceu seu esposo, em uma



festa que ocorria frequentemente num clube próximo de onde trabalhava. Pouco tempo depois foi morar com ele na cidade de Rio Maria – Pará, onde passou pouco mais de um ano, retornando já grávida de sua primeira filha. Foram três, suas filhas, Sheila Mariana, Keila Mariane e Kellen Ariane.

Ao chegar a Conceição do Araguaia – PA, Maria das Neves residiu na avenida Sete de Setembro, mudando depois para a Vila Tancredo Neves. Com a ajuda de parentes, conseguiram um lote e a construção de sua primeira casa, de tábuas, no novo bairro, por volta do ano de 1988. Essa casa pegou fogo, quando Maria das Neves estava em Rio Maria de resguardo da sua segunda filha, não lhe restando nada. Neste momento construíram a segunda casa, também de madeira, que foi derrubada pelo vento. Então Maria das Neves e seu esposo decidiram morar de aluguel enquanto conseguiam recursos para a construção de uma casa de tijolos.

Nesta altura, o bairro mencionado possuía as ruas de areão, as casas muito pequenas construídas de madeira ou palha e muitos lotes baldios. O rio Araguaia era mais limpo, mais cheio, não havia tantas casas nas margens, tampouco tanto desmatamento.

Maria das Neves começou a trabalhar ainda criança, sendo que em boa parte de sua juventude dedicou-se ao serviço doméstico. Há 34 anos foi contratada, através de uma portaria pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, onde trabalha até os dias atuais como ASG – Assistente de Serviços Gerais, nas escolas da rede.

Atualmente, Maria das Neves mora com seu esposo e um neto, trabalha na Escola Estadual Professor José Wilson Pereira Leite, e ocupa parte do seu tempo com o trabalho de artesanato, reciclagem, crochê e ponto cruz, que usa para complementar sua renda.

### **Autores:**

Ana Clara de Oliveira  
Juliane Pereira da Silva  
Karine Dias de Aguiar  
Laila Cristina Sales  
Lauanda Andrade Ferreira

## MARLENE PEREIRA DAS NEVES

Marlene Pereira das Neves nasceu no dia 19 de dezembro de 1968 na zona rural do município de Pequizeiro, antigo Goiás, hoje Tocantins. Filha de Alfredo Ribeiro da Silva e Sebastiana Sousa Santos tem 6 irmãos, Acilon, Adilon, Roseli, Maria Helena, Rosiane e Maria.

Os pais de Marlene são oriundos de dois estados diferentes, o pai veio do Ceará e a mãe da cidade de Carolina - Maranhão. Alfredo Ribeiro da Silva migrou para o antigo estado do Goiás, região de Pequizeiro, para trabalhar no garimpo de cristal. A proximidade do garimpo com a fazenda em que Sebastiana Sousa Santos vivia, propiciou que se conhecessem e se casassem.

Marlene passou sua infância na zona rural com seus pais, onde cultivavam sua própria terra e criavam animais, como gado e porco. Lembra que entre as brincadeiras mais comuns estavam, de passar o anel, esconde-esconde e roda. Neste período iniciou seus estudos, frequentando duas escolas, localizadas nas proximidades onde vivia.

Quando entrou na juventude, Marlene mudou-se da zona rural para a cidade de Pequizeiro, fato que aconteceu em função das condições de saúde de seu pai, que muito doente precisou vender sua terra e se instalar na zona urbana para tratamento. De Pequizeiro veio para Conceição do Araguaia - Pará, em busca de trabalho e oportunidade de estudo, quando tinha aproximadamente 18 anos.

Instalada em Conceição do Araguaia-Pará, Marlene foi trabalhar como doméstica, mas não conseguiu conciliar o trabalho com os estudos. Neste período, a cidade era bem movimentada, principalmente a Rua Couto, onde se localizava parte do comércio local, que chegava até as proximidades da praça da bíblia. As ruas ainda não eram asfaltadas, era de terra batida. O Rio Araguaia bastante frequentado, era usado para banhos, momentos de diversão, pesca e lavagem de roupas. Suas margens não eram povoadas como hoje.

Na casa onde trabalhava como doméstica conheceu seu esposo Raimundo Ferreira das Neves. Como não havia muro na casa, Marlene observava o futuro esposo subir e descer em direção ao rio, se conhece-

ram e firmaram compromisso posteriormente. Da união nasceram dois filhos Geane Pereira das Neves e Jair Pereira das Neves.

Além de doméstica, trabalhou também com diarista e pescadora. Este último trabalho, desenvolvia para ajudar seu esposo que sempre foi pescador. Nesse época a quantidade de peixe era bem maior, assim como as águas do Rio Araguaia. Seu esposo saía todos os dias na madrugada e voltava no final da manhã com a canoa cheia de peixes como pacu e piau, fato que não acontece nos dias atuais.

Há cerca de 36 anos Marlene mudou-se das proximidades da Praça dos Buritis onde morava, para a Vila Tancredo Neves. Quando chegou, no bairro ainda não havia praticamente nada de construção, poucas casas e muito mato. Construíram sua primeira casa, somente um cômodo, de casqueiro coberta com plástico. Seu esposo quando não estava pescando confeccionava os tijolos para que pudessem fazer uma construção melhor.

Poucos metros da casa de Marlene estava o Rio Araguaia, onde faziam uso de um poção para lavar roupas, tomar banho e pescar para seu próprio consumo. Hoje, a margem, assim como as ilhas do Rio Araguaia estão todas povoadas.

Marlene foi uma das fundadoras da Praia Verde. Junto com outros moradores mais antigos do bairro, começaram a colocar barracas na praia onde comercializavam produtos como lanches, para as pessoas que ali frequentavam. Desse movimento, fundaram uma associação de baraqueiros que organizava a fixação das barracas no período do verão. A associação ainda existe na atualidade, mas Marlene não coloca mais sua barraca, mesmo ainda integrando a organização.

Hoje em dia, Marlene mora só, gosta muito de curtir os netos e viajar para conhecer lugares novos.

### **Autores:**

Fernanda Gomes da Cruz  
Franciely Maria de Sousa Santana  
Kauany Vieira Campos  
Thalyson Soares da Silva  
Valquíria Cruz Lima

## TONINHO RIBEIRO DE ARAÚJO – “LIBRINA”

Toninho Ribeiro de Araújo nasceu no dia 10 de outubro de 1962 no Estado do Goiás, de onde veio com aproximadamente 11 anos de idade para morar na região de Araguacema no estado do Tocantins. Filho de Cícero Ribeiro de Araújo e Irací Pereira de Araújo tem cinco irmãos, Manoel, Rui, Bonfim, Rosa e uma já falecida.

A família de Toninho possui origens diferentes, a mãe do Piauí e o pai do Maranhão, se conheceram no estado do Goiás, onde formaram família e se deslocaram para o local conhecido como Lago da Bezerra, zona rural do município de Araguacema – Tocantins, às margens do Rio Araguaia, bem próxima a Conceição do Araguaia-Pará. Esse deslocamento ocorreu porque a família buscava melhores condições de sobrevivência.

Os pais de Toninho trabalhavam em roça e pescaria. Os produtos que eram cultivados não possuíam a finalidade comercial, somente o consumo da família. Já a pesca era usada para suprir as demais necessidades não oriundas do cultivo, como a compra de produtos, café, açúcar e óleo. A pesca praticada por Toninho e sua família era denominada de “pescaria do sal”, onde após adquirir o peixe, este era salgado para então ser comercializado em Conceição do Araguaia.

Toninho não chegou a frequentar a escola, pois para seu pai estudo não era prioridade já que enchia barriga. A única vez que teve oportunidade de estudar, as condições naturais de onde morava não favoreciam, tendo em vista que para ir a escola era necessário atravessar o rio em um horário do dia que, em função dos fortes ventos, formavam-se muitos banzeiros. Desta maneira, era um risco à vida entrar no rio com ondas tão fortes, por isso desistiu dos estudos.

A mudança de Toninho e sua família para Conceição do Araguaia se deu quando ainda era um “molecote”, momento em que seu pai passou a sofrer com problemas de saúde e precisou de maiores cuidados. A primeira morada nessa cidade foi em casa de aluguel localizada na Vila do Peixe, bairro que agregava muitos pescadores e onde se desenvolvia

o comércio do produto.

Na época em que chegou, as ruas não possuíam asfalto, eram de areão com muito tombador. Em algumas partes havia cascalho, mas em outras não. A Rua Couto era a mais movimentada.

Após o falecimento de seu pai, Toninho casou-se, teve uma filha chamada Joice, e foi residir no bairro Tancredo Neves, onde mora até os dias atuais, com sua atual esposa. Como ainda não possuíam casa, foram morar com seu sogro. A este tempo, no bairro não havia muitas casas, as poucas que existiam eram bem pequenas e feitas de madeira, mais especificamente casqueiro. O Rio Araguaia era usado pela população do bairro para tomar banho, brincar, lavar roupas e pescar.

Enquanto profissão, Toninho herdou a mesma de seu pai, dedicava-se a pesca, que começou ainda criança, por volta dos 12 anos de idade, quando pilotava o barco para seu pai e irmão durante as pescarias. Possui a carteira de registro de pescador desde o ano de 1988. No período em que chegou ao bairro, o Rio Araguaia contava com grande quantidade de peixes, em relação aos dias atuais.

Atualmente, Toninho é aposentado e por isso dedica menos tempo a pesca. Mesmo assim, no verão, quando o peixe está mais arreado, inicia a pescaria às dezoito horas e vai até o amanhecer do dia seguinte. O peixe que consegue pegar é vendido no atacado. Apesar das dificuldades encontradas por Toninho na sua profissão, reconhece sua importância, pois lhe deu a condição de sustentar sua família.

### **Autores:**

Edson Ribeiro de Sousa

Gabriel Macedo Silva

Miguel Silva Costa

Larissa Luz dos Reis

Larissa Silva

Lillyane Cantuário Santana

## Banners Apresentados a Comunidade Escolar

### BIOGRAFIAS DE RIBEIRINHOS

### ESCOLA ESTADUAL PROF. JOSÉ WILSON PEREIRA LEITE



### DEUSIMAR DOS SANTOS LEITE-CHICO OLEIRO

Nasceu no dia 11 de fevereiro de 1955 na cidade de Imperatriz, estado do Maranhão. Filho de Raimundo dos Santos Leite e Luiza Leite, possui dois irmãos.

#### PROFISSÃO

Trabalhou como garimpeiro, oleiro e hoje é pescador. Passa de 4 a 5 dias da semana pescando no Rio Araguaia.

#### CHEGADA

Chegou para morar em Conceição do Araguaia no ano de 1978. Nesta época o bairro Tancredo Neves ainda não existia. Começou a se formar como resultado de um processo de invasão, momento em que ganhou um lote na área, sendo um dos primeiros moradores do bairro.

#### RIO ARAGUAIA

Quando chegou, possuía bastante peixe. Com facilidade pescava peixe para o consumo, na beira do rio, nas proximidades de sua casa.

#### ATUALMENTE

Vive com sua esposa em uma localidade chamada Pedreira, do onde se destaca para a pescaria e para a cidade, onde comercializa seu produto.

#### AUTORES: 3º ANO MATUTINO

Ana Ruth  
Daniele Aguiar  
Jolcyane Dias

Wesliane Abreu  
Sleyder Costa

#### PROFESSOR RESPONSÁVEL

Fransuety R Coelho

## BIOGRAFIAS DE RIBEIRINHOS

ESCOLA ESTADUAL PROF. JOSÉ WILSON PEREIRA LEITE



### MARIA DAS NEVES GOMES DOS SANTOS

Nascida em Conceição da Araguaia-Pará em 05 de agosto de 1966, é filha de Ildo Gomes da Silva e Ladislau Carneiro dos Santos. Formou sua família em 1983, quando conheceu seu esposo Emivaldo Pereira, com quem teve 3 filhas.

#### INFÂNCIA

Passou sua infância no bairro da Capelinha em Conceição da Araguaia-PA, onde morava com sua mãe. Nesta época as ruas do bairro não eram asfaltadas, havia muito areião e tombador. Ainda não existia a praça, localizada onde hoje é a escola Crescer.

#### PROFISSÃO

Começou trabalhar ainda criança. Com 10 anos de idade vendia paixe pelas ruas do bairro onde morava. Na sua juventude trabalhou como dançarina, e há 34 anos é funcionária da SEDUC-PA, como Assistente de serviços gerais.

#### ATUALMENTE

Vive com seu esposo e um neto. Dedicar parte do seu tempo ao trabalho de artesanato, que usa como complemento de sua renda.

#### CIDADE

Em sua juventude, as ruas da cidade eram de areião, parte das casas eram de pau a pique e o prédio da prefeitura ficava localizada onde hoje é a praça da Bíblia. O mercado da venda de alimentos, situava-se no beradeiro.

#### BAIRRO

Chegou ao bairro Tancredo Neves por volta de ano de 1988, período que haviam muitos lotes baldios, casas eram feitas de madeira ou palha.

#### RIO ARAGUAIA

Durante sua infância e juventude, o rio era mais limpo, mais cheio e havia abundância em paixe.

#### AUTORES: 3º ANO MATUTINO

Ana Clara de Oliveira      Laila Sales  
Juliane Pereira          Luanda Ferreira  
Karine Dias

#### PROFESSOR RESPONSÁVEL

Francuely R Coelho

## BIOGRAFIAS DE RIBEIRINHOS

ESCOLA ESTADUAL PROF.  
JOSÉ WILSON PEREIRA  
LEITE



### TONINHO RIBEIRO DE ARAÚJO - LIBRINA

Filho de Cicero Ribeiro de Araújo, de origem Maranhense, e Iraci Pereira de Araújo, de origem Piauiense, nasceu no dia 10 de outubro de 1952 no Estado de Goiás.

#### CHEGADA

Chegou em Conceição de Araguaia com aproximadamente 11 anos de idade. Nesse período, as ruas eram de areia com muito tombador. O maior movimento da cidade concentrava-se na rua Costa, centro comercial.

Passou a residir no bairro Tancredo Neves há cerca de 30 anos, época em que haviam poucas casas. Estas eram bem pequenas e feitas com casqueiro (casca de árvores).

#### ATUALMENTE

É aposentado, vive com a esposa no bairro Tancredo Neves e continua pescando.

#### PROFISSÃO

Tem a pesca como profissão, que pratica desde os 12 anos, quando pilotava o barco para seu pai e irmão durante as pescarias. Possui carteira de registro de pescador desde 1988.

#### RIO ARAGUAIA

Quando chegou ao bairro já existia água encanada. Desta forma o rio era usado pela população para banhos e pescaria.

Contava com grande quantidade de peixes em relação aos dias atuais.

#### FAMÍLIA

Do seu casamento teve uma filha chamada Joice.

#### AUTORES: 3º ANO MAUTINO

Eden Ribeiro  
Gabriel Macedo  
Miguel Silva Costa

Larissa Luz  
Larissa Silva  
Lilyana Cantuário

#### PROFESSOR RESPONSÁVEL

Fransuelv R Coelho



ESCOLA ESTADUAL  
 PROF. JOSÉ WILSON  
 PEREIRA LEITE

BIOGRAFIAS DE  
 RIBEIRINHOS

## MARLENE PEREIRA DAS NEVES

Nasceu no dia 19 de dezembro de 1968, na zona rural do município de Pequizeiro, antigo Goiás, hoje Tocantins. Filha de Alfredo Ribeiro da Silva e Sebastiana Sousa Santos, tem 6 irmãos.

### INFÂNCIA

Passou sua infância com seus pais, na zona rural de Pequizeiro, onde possuíam uma terra. Lá iniciou seus estudos, chegando a frequentar duas escolas.

### CHEGADA

Chegou para morar em Conceição do Araguaia com 18 anos, em busca de trabalho e oportunidade de estudo. Logo conheceu seu esposo Raimundo Ferreira das Neves, com quem teve dois filhos.

### PROFISSÃO

Trabalhou como doméstica, diarista e pescadora. Este último trabalho desenvolvia para ajudar seu esposo que sempre foi pescador.

### PRAIA VERDE

Foi uma das fundadoras, junto a outros moradores do bairro, começou a colocar barraca na praia para vender lanches para as pessoas que frequentavam o local. Fato que deu origem a Associação de Barraqueiros.

### CIDADE

Quando se instalou em Conceição do Araguaia as ruas ainda não eram asfaltadas. Apesar disso havia muito movimento, que se concentrava principalmente na Rue Couto, onde ficava o comércio local.

### BAIRRO

Chegou ao bairro Tancredo Neves há cerca de 36 anos atrás, período em que no bairro não havia praticamente nada de construção, somente muito mato. Sua primeira casa foi feita de casqueiro, coberta com plástico.

### RIO ARAGUAIA

Localizado a alguns metros de sua casa, o rio era usado para momentos de diversão, banhos, lavagem de roupas, e pescaria.

### AUTORES: 3º ANO MATUTINO

Fernanda Gomes  
 Franciele Santana  
 Kaueny Vieirs

Thalysan Soares  
 Valquíria Lima

### PROFESSOR RESPONSÁVEL

Fransuely R Coelho

## **Depoimentos dos Estudantes sobre a Pesquisa.**

Neste trabalho, a pesquisa histórica apresentou-se como uma metodologia possível de ser aplicada, de maneira didática, permitindo ao discente participar ativamente da construção do conhecimento histórico em âmbito escolar. A turma do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor José Wilson Pereira Leite, composta por 25 alunos, que participaram da pesquisa, de acordo com a frequência nas oficinas, apresentaram sua opinião, através de produção textual, sobre a participação na pesquisa, expressas a seguir.

### **Depoimento do estudante Miguel Costa.**

“Um trabalho que revela a história de uma cidade que não é contada e mantém oculta de todo mundo, uma cidade de maior riqueza cultural”.

### **Depoimento da estudante Ana Ruth.**

### **Depoimento da estudante Kauany Campos.**

“Um trabalho que revela a história de uma cidade que não é contada e mantém oculta de todo mundo, uma cidade de maior riqueza cultural”.

### **Depoimento da estudante Valquíria Cruz.**

“É de suma importância essa pesquisa, pois sabendo um pouco da história de uma pessoa desconhecida, percebemos que todos nós temos uma experiência a qual nos mostrou uma outra realidade”.

“Achei bem interessante fazer essa pesquisa, porque a nossa história local não é muito conhecida, e fazer esses trabalhos me ajudou a entender um pouco da história”.

### **Depoimento da estudante Franciely Maria.**

“Essa pesquisa foi de grande importância para compreendermos sobre nosso local, onde vivemos. E das histórias das pessoas que aqui moravam e como a cidade foi se desenvolvendo”.

## Considerações Finais

A presente cartilha, que trouxe uma sequência didática para o ensino de história local, através do uso da memória de ribeirinhos do bairro Tancredo Neves de Conceição do Araguaia-PA, representa uma valiosa ferramenta educacional que visa oferecer uma alternativa metodológica para que professores e estudantes possam explorar e usar de acordo com sua realidade. Ao longo deste guia, exploramos as possibilidades de mergulhar na história local, revelando as profundas conexões entre o passado e o presente, bem como oferecer subsídio para um ensino com sentido e significado para os estudantes.

Ao longo da sequência didática, incentivamos a pesquisa e produção, usando a coleta e análise de histórias de vida de membros da comunidade em que os alunos estão inseridos, bem como a produção de textos, sobretudo biográficos. O objetivo foi trazer para os educandos a possibilidade da pesquisa histórica, valorizando a oralidade e a história viva que se desenrola diante de seus olhos.

Por meio da sequência didática “História Local-Memória de Ribeirinhos”, esperamos que educadores e alunos se inspirem a explorar as histórias que estão enraizadas em suas próprias comunidades. Ao fazê-lo, estaremos contribuindo para a valorização da cultura e identidade local, para o fortalecimento do senso de pertencimento às comunidades e construindo outras versões da história local. Esta jornada de descoberta histórica é uma homenagem aos ricos legados dessas comunidades e uma visão da diversidade que enriquece nossa nação.

## Referências

BARROS, C. H. F. . Ensino de história, memória e história local. Revista de História da UEG , v. 3, p. 301-321, 2013.

Biografia. Disponível em:

< <https://www.portugues.com.br/redacao/biografia.html>>. Acesso em 10 fev. 2022.

Tecnologia Social da Memória. Disponível em:

< <https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/Livro-Tecnologia-Social-da-Memoria>>. Acesso em 09 out. 2022.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/conceicao-do-araguaia/historico>>. Acesso em 18 jul. 2020.

LUZ, Isáú Coelho. Rastros e Pegadas. 3ª edição. Goiânia: Kelps, 2011.

## ANEXOS

### ANEXO 01: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS PARA A PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA PESQUISA.

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/(TCLE) PAIS E/OU RESPONSÁVEIS**

**Título da pesquisa:** “A história local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia – PA”.

**Pesquisadora responsável:** Fransuely Rocha Coelho

**Instituição proponente:** UFNT –Universidade Federal do Norte do Tocantins; Av. Paraguai, esquina com Rua Uxiramas – Setor Cimba, CEP: 77.824-838 – Araguaína – TO; Fone: (63) 2112 2286; Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PPGEHIS – PROFHISTÓRIA.

**Informação de contato do (a) pesquisador (a):** swelyy@hotmail.com

**Prezado senhor pai e/ou responsável legal (a),**

- Seu filho está sendo convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa que terá coleta de dados por meio de questionários, rodas de conversas, entrevistas, e produções biográficas;
- Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que o responsável legal compreenda as informações e instruções contidas neste documento;
- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar;
- Seu filho tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou ônus e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** Esta proposta de pesquisa tem como objetivo desenvolver uma pesquisa sobre a história de Conceição do Araguaia – Pará, a partir da memória dos moradores ribeirinhos e propor os resultados como alternativa para o ensino de história local.

- Através da metodologia de Oficinas serão desenvolvidas atividades onde os estudantes serão estimulados a desenvolver autonomia e senso crítico, compreendendo a realidade do seu entorno e realizando conexões com o global. Pretende-se desenvolver um trabalho que considere um processo de ensino que faça sentido para o estudante.

**Justificativa:** Os moradores ribeirinhos foram escolhidos, porque através de suas histórias de vida poderemos entender diversos fatores sobre a história da cidade, como as migrações que ocorreram na região, as transformações positivas e negativas que aconteceram no decorrer do tempo, e, sobretudo a relação estabelecida pelos ribeirinhos nas diversas fases de sua vida com

o rio Araguaia. Desta forma, os ribeirinhos, que até então não aparecem nos escritos existentes sobre história local, passaram a ter suas vivências visibilizadas.

**Procedimentos e/ou descrição detalhada dos métodos:**

**Primeiro encontro:** apresentação do projeto aos estudantes, uma roda de apresentações e aplicação de questionário para conhecer melhor os estudantes.

**Segundo encontro:** os alunos irão construir a árvore genealógica de suas famílias.

**Terceiro encontro:** será voltada para a identificação dos conhecimentos que os alunos possuem sobre a história de Conceição do Araguaia, através da aplicação de um questionário.

**Quarto encontro:** será realizada uma análise e debate sobre o texto “História Local”.

**Quinto encontro:** serão trabalhadas as características das entrevistas e como realizá-las, **Sexto encontro:** os estudantes irão entrevistar uns aos outros, com base em questionário semi-estruturado (elaborado por mim) sobre suas histórias de vida.

**Sétimo encontro:** Transcrição das entrevistas realizadas no encontro anterior.

**Oitavo encontro:** será realizado um estudo sobre o passo a passo de como construir uma biografia.

**Nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo encontro:** serão realizadas as construções das biografias dos ribeirinhos. Nessa etapa os alunos serão divididos em 4 grupos, cada grupo ficará responsável pela construção de uma biografia.

**Realização das entrevistas**

- Deuzimar dos Santos Leite, um homem moreno de 63 anos de idade, avô de uma estudante. Data prevista: 14 de agosto de 2023. Local: Rua 26, S/N – bairro Tancredo Neves, Conceição do Araguaia.

- Maria das Neves Gomes dos Santos, uma mulher negra de 57 anos, moradora do bairro Tancredo Neves. Data prevista: 21 de Agosto de 2023. Local: rua 24 S/N, Conceição do Araguaia.

- Marlene Pereira das Neves, uma mulher parda de 55 anos de idade, moradora do bairro Tancredo Neves. Data prevista: 28 de agosto de 2023. Local: sua residência, Conceição do Araguaia.

- Toninho Ribeiro de Araújo, um homem moreno de 61 anos de idade, morador do bairro Tancredo Neves. Data prevista: 14 de agosto de 2023. Local: sua residência – bairro Tancredo Neves, Conceição do Araguaia.

( ) Permito a divulgação da imagem/voz/opinião do meu filho(a) nos resultados publicados da pesquisa;

( ) Não permito a publicação da imagem/voz/opinião do meu filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.



**Benefícios:** Participar da pesquisa pode ser muito legal e útil. Você pode compartilhar suas histórias e conhecimentos sobre a nossa cidade e contribuir para a melhoria do conhecimento sobre a nossa comunidade. Além disso, podemos aprender mais sobre a nossa história e identidade local. Você pode se sentir importante e valorizado por ajudar na pesquisa. A pesquisa pode ajudar a identificar problemas e desafios na nossa cidade e promover discussões importantes. Mas é importante lembrar que os benefícios podem variar de acordo com a pesquisa e as expectativas de cada participante.

**Riscos:** Ao participar de uma pesquisa, é importante saber que há possíveis riscos envolvidos. Na pesquisa em questão, os participantes podem se sentir desconfortáveis ao compartilhar informações pessoais ou serem expostos a memórias dolorosas do passado. No entanto, é importante lembrar que os participantes têm o direito de recusar a responder qualquer pergunta ou participar de qualquer atividade que os faça sentir desconfortáveis. Além disso, a pesquisa é considerada de risco mínimo e aceitável no contexto educacional e não há pagamento envolvido. Se algo de errado acontecer durante a pesquisa, ela será imediatamente suspensa e os participantes receberão assistência e compensação, se necessário. Todos os envolvidos serão tratados com respeito e consideração, e nenhum participante será prejudicado de qualquer forma. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de tempo, transporte, alimentação, etc.

**Sigilo:** O(s) pesquisador (es) irá(ão) tratar a sua identidade do seu filho com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou material que identifique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

( ) Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

( ) Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

- Você receberá uma via deste documento assinada pelo (a) participante e/ou responsável legal e pelo (a) pesquisador (a), e rubricada em todas as páginas por ambos, participante e pesquisador (a).
- Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.
- Você tem a garantia de liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;
- Declaro aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;
- Os resultados desta pesquisa de mestrado serão divulgados seguindo as diretrizes do Programa de Pós-Graduação em História (ProfHistória) e da instituição de ensino. Serão

utilizadas diversas estratégias de divulgação, incluindo a defesa pública da dissertação, publicação em periódicos especializados, participação em congressos e simpósios, e disponibilização da dissertação no repositório institucional. Todas as formas de divulgação serão realizadas de acordo com as normas e diretrizes éticas estabelecidas pelo ProfHistória e pela instituição.

- Informo ao/à participante sobre o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;
- A pesquisa envolverá o armazenamento em banco de dados pessoal, informo aos participantes que toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) institucional e, quando for o caso, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Assim, visando a execução de investigações futuras, devem ser apresentados ao/à participante as seguintes informações: a) justificativa quanto à necessidade, relevância e oportunidade para usos futuros do material que fora coletado; b) declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; c) apresentação das estratégias de divulgação dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento, neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento; d) um box para que os/as participantes autorizem a guarda do material coletado para uso em pesquisas futuras:
- ( ) Declaro ciência de que os dados coletados do meu filho(a) podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;
- ( ) Declaro ciência de que os dados coletados do meu filho(a) podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

### **Consentimento da Participação na Pesquisa:**

Eu,....., responsável legal pelo menor de idade ..... , abaixo assinado, AUTORIZO através do presente termo, a pesquisadora Fransuely Rocha Coelho do projeto de pesquisa intitulado “HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA DE RIBEIRINHOS DA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA-PA”, a participar desta pesquisa sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, AUTORIZO a utilização dos depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, materiais didáticos, artigos, dissertação, eventos acadêmicos), em favor do pesquisador da pesquisa, acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990). Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação do meu responsável no projeto de pesquisa acima descrito.

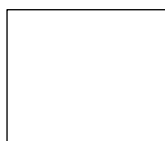
CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA, ..... de ..... de .....

---

Assinatura do Responsável Legal

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



---

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica

**Em caso de dúvidas, poderei chamar a professora responsável pela pesquisa Fransuely Rocha Coelho.**

**Contatos:**

- Telefones: (94) 99122-4687
- E-mail: [swelyy@hotmail.com](mailto:swelyy@hotmail.com)

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins – UFT, localizado no Câmpus da UFT em Palmas, Prédio da Reitora, 2º Andar, Sala 16. E-mail [cep\\_uft@uft.edu.br](mailto:cep_uft@uft.edu.br). Telefone/whatsapp: (63) 3229-4023.

Local-Estado, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL**  
**Fransuely Rocha Coelho**

**ANEXO 02: TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA OS ESTUDANTES DE SUA PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.**

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE - ESTUDANTE**

**Título da pesquisa:** “A história local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia – PA”.

**Pesquisadora responsável:** Fransuely Rocha Coelho

**Instituição proponente:** UFNT –Universidade Federal do Norte do Tocantins; Av. Paraguai, esquina com Rua Uxiramas – Setor Cimba, CEP: 77.824-838 – Araguaína – TO; Fone: (63) 2112 2286; Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PPGEHIS – PROFHISTÓRIA.

**Informação de contato do (a) pesquisador (a):** swelyy@hotmail.com

**Prezado estudante,**

- Você está sendo convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa que terá coleta de dados por meio de questionários, rodas de conversas, entrevistas, e produções biográficas;
- Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento;
- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar;
- Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou ônus e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** Esta proposta de pesquisa tem como objetivo desenvolver uma pesquisa sobre a história de Conceição do Araguaia – Pará, a partir da memória dos moradores ribeirinhos e propor os resultados como alternativa para o ensino de história local.

- Através da metodologia de Oficinas serão desenvolvidas atividades onde os estudantes serão estimulados a desenvolver autonomia e senso crítico, compreendendo a realidade do seu entorno e realizando conexões com o global. Pretende-se desenvolver um trabalho que considere um processo de ensino que faça sentido para o estudante.

**Justificativa:** Os moradores ribeirinhos foram escolhidos, porque através de suas histórias de vida poderemos entender diversos fatores sobre a história da cidade, como as migrações que ocorreram na região, as transformações positivas e negativas que aconteceram no decorrer do tempo, e, sobretudo a relação estabelecida pelos ribeirinhos nas diversas fases de sua vida com o rio Araguaia. Desta forma, os ribeirinhos, que até então não aparecem nos escritos existentes sobre história local, passaram a ter suas vivências visibilizadas.

**Procedimentos e/ou descrição detalhada dos métodos:**

**Primeiro encontro:** apresentação do projeto aos estudantes, uma roda de apresentações e aplicação de questionário para conhecer melhor os estudantes.

**Segundo encontro:** os alunos irão construir a árvore genealógica de suas famílias.

**Terceiro encontro:** será voltada para a identificação dos conhecimentos que os alunos possuem sobre a história de Conceição do Araguaia, através da aplicação de um questionário.

**Quarto encontro:** será realizada uma análise e debate sobre o texto “História Local”.

**Quinto encontro:** serão trabalhadas as características das entrevistas e como realizá-las, **Sexto encontro:** os estudantes irão entrevistar uns aos outros, com base em questionário semi-estruturado (elaborado por mim) sobre suas histórias de vida.

**Sétimo encontro:** Transcrição das entrevistas realizadas no encontro anterior.

**Oitavo encontro:** será realizado um estudo sobre o passo a passo de como construir uma biografia.

**Nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo encontro:** serão realizadas as construções das biografias dos ribeirinhos. Nessa etapa os alunos serão divididos em 4 grupos, cada grupo ficará responsável pela construção de uma biografia.

### **Realização das entrevistas**

- Deuzimar dos Santos Leite, um homem moreno de 63 anos de idade, avô de uma estudante. Data prevista: 14 de agosto de 2023. Local: Rua 26, S/N – bairro Tancredo Neves, Conceição do Araguaia.

- Maria das Neves Gomes dos Santos, uma mulher negra de 57 anos, moradora do bairro Tancredo Neves. Data prevista: 21 de Agosto de 2023. Local: rua 24 S/N, Conceição do Araguaia.

- Marlene Pereira das Neves, uma mulher parda de 55 anos de idade, moradora do bairro Tancredo Neves. Data prevista: 28 de agosto de 2023. Local: sua residência, Conceição do Araguaia.

- Toninho Ribeiro de Araújo, um homem moreno de 61 anos de idade, morador do bairro Tancredo Neves. Data prevista: 14 de agosto de 2023. Local: sua residência – bairro Tancredo Neves, Conceição do Araguaia.

( ) Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

( ) Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

**Benefícios:** Participar da pesquisa pode ser muito legal e útil. Você pode compartilhar suas histórias e conhecimentos sobre a nossa cidade e contribuir para a melhoria do conhecimento

sobre a nossa comunidade. Além disso, podemos aprender mais sobre a nossa história e identidade local. Você pode se sentir importante e valorizado por ajudar na pesquisa. A pesquisa pode ajudar a identificar problemas e desafios na nossa cidade e promover discussões importantes. Mas é importante lembrar que os benefícios podem variar de acordo com a pesquisa e as expectativas de cada participante.

**Riscos:** Ao participar de uma pesquisa, é importante saber que há possíveis riscos envolvidos. Na pesquisa em questão, os participantes podem se sentir desconfortáveis ao compartilhar informações pessoais ou serem expostos a memórias dolorosas do passado. No entanto, é importante lembrar que os participantes têm o direito de recusar a responder qualquer pergunta ou participar de qualquer atividade que os faça sentir desconfortáveis. Além disso, a pesquisa é considerada de risco mínimo e aceitável no contexto educacional e não há pagamento envolvido. Se algo de errado acontecer durante a pesquisa, ela será imediatamente suspensa e os participantes receberão assistência e compensação, se necessário. Todos os envolvidos serão tratados com respeito e consideração, e nenhum participante será prejudicado de qualquer forma. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de tempo, transporte, alimentação, etc.

**Sigilo:** O(s) pesquisador (es) irá(ão) tratar a sua identidade do seu filho com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou material que identifique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

( ) Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

( ) Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

- Você receberá uma via deste documento assinada pelo (a) participante e/ou responsável legal e pelo (a) pesquisador (a), e rubricada em todas as páginas por ambos, participante e pesquisador (a).
- Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.
- Você tem a garantia de liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;
- Declaro aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;
- Os resultados desta pesquisa de mestrado serão divulgados seguindo as diretrizes do Programa de Pós-Graduação em História (ProfHistória) e da instituição de ensino. Serão utilizadas diversas estratégias de divulgação, incluindo a defesa pública da dissertação, publicação em periódicos especializados, participação em congressos e simpósios, e disponibilização da dissertação no repositório institucional. Todas as formas de

divulgação serão realizadas de acordo com as normas e diretrizes éticas estabelecidas pelo ProfHistória e pela instituição.

- Informo ao/à participante sobre o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;
  - A pesquisa envolverá o armazenamento em banco de dados pessoal, informo aos participantes que toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) institucional e, quando for o caso, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Assim, visando a execução de investigações futuras, devem ser apresentados ao/à participante as seguintes informações: a) justificativa quanto à necessidade, relevância e oportunidade para usos futuros do material que fora coletado; b) declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; c) apresentação das estratégias de divulgação dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento, neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento; d) um box para que os/as participantes autorizem a guarda do material coletado para uso em pesquisas futuras:
- ( ) Declaro ciência de que os meus dados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;
  - ( ) Declaro ciência de que os meus dados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

#### **Consentimento da Participação na Pesquisa:**

**Eu, ....., concordo em participar do estudo intitulado "HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA DE RIBEIRINHOS DA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA-PA" Informo ter menos de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Fransuely Rocha Coelho sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.**

**CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA, ..... de ..... de .....**

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

**Em caso de dúvidas, poderei chamar a professora responsável pela pesquisa Fransuely Rocha Coelho.**

**Contatos:**

- **Telefones:** (94) 99122-4687
- **E-mail:** [swelyy@hotmail.com](mailto:swelyy@hotmail.com)

**ATENÇÃO:** Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins – UFT, localizado no Câmpus da UFT em Palmas, Prédio da Reitora, 2º Andar, Sala 16. E-mail [cep\\_uft@uft.edu.br](mailto:cep_uft@uft.edu.br). Telefone/whatsapp: (63) 3229-4023.

Local-Estado, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL**  
**Fransuely Rocha Coelho**



**ANEXO 03: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DOS QUATRO RIBEIRINHOS PARA A PARTICIPAÇÃO NAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL.**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ ENTREVISTADO – (TCLE) - RIBEIRINHOS**

**Título da pesquisa:** “A história local como conteúdo de ensino: experiências a partir da memória de ribeirinhos da cidade de Conceição do Araguaia – PA”.

**Pesquisadora responsável:** Fransuely Rocha Coelho

**Instituição proponente:** UFNT –Universidade Federal do Norte do Tocantins; Av. Paraguai, esquina com Rua Uxiramas – Setor Cimba, CEP: 77.824-838 – Araguaína – TO; Fone: (63) 2112 2286; Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PPGEHIS – PROFHISTÓRIA.

**Informação de contato do (a) pesquisador (a):** swelyy@hotmail.com

**Prezado senhor (a),**

- Você está sendo convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa que terá coleta de dados por meio de entrevistas;
- Antes de concordar em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento;
- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar;
- Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade ou ônus e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** Esta proposta de pesquisa tem como objetivo desenvolver uma pesquisa sobre a história de Conceição do Araguaia – Pará, a partir da memória dos moradores ribeirinhos e propor os resultados como alternativa para o ensino de história local.

**Justificativa:** Os moradores ribeirinhos foram escolhidos, porque através de suas histórias de vida poderemos entender diversos fatores sobre a história da cidade, como as migrações que ocorreram na região, as transformações positivas e negativas que aconteceram no decorrer do tempo, e, sobretudo a relação estabelecida pelos ribeirinhos nas diversas fases de sua vida com o rio Araguaia. Desta forma, os ribeirinhos, que até então não aparecem nos escritos existentes sobre história local, passaram a ter suas vivências visibilizadas.

**Procedimentos e/ou descrição detalhada dos métodos:** A pesquisa usará uma abordagem qualitativa, entrevistando moradores locais para coletar informações sobre suas histórias de vida. Os procedimentos incluíram seleção criteriosa dos participantes, obtenção de consentimento informado por escrito, uso de roteiro de entrevista semiestruturado, realização de entrevistas individuais gravadas, transcrição precisa das gravações e análise dos dados por

meio de codificação e categorização. Esses métodos garantiram a coleta e análise rigorosas, respeitando a privacidade dos participantes e promovendo uma compreensão aprofundada da comunidade local. As entrevistas serão realizadas em local e horário determinados pelos participantes (de acordo com sua disponibilidade), com duração aproximada de uma hora. Com o uso de um aparelho de gravação, o diálogo, perguntas e respostas ficarão registrados.

Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

**Benefícios:** Participar da pesquisa pode ser muito legal e útil. Você pode compartilhar suas histórias e conhecimentos sobre a nossa cidade e contribuir para a melhoria do conhecimento sobre a nossa comunidade. Além disso, podemos aprender mais sobre a nossa história e identidade local. Você pode se sentir importante e valorizado por ajudar na pesquisa. A pesquisa pode ajudar a identificar problemas e desafios na nossa cidade e promover discussões importantes. Mas é importante lembrar que os benefícios podem variar de acordo com a pesquisa e as expectativas de cada participante.

**Riscos:** Ao participar de uma pesquisa, é importante saber que há possíveis riscos envolvidos. Na pesquisa em questão, os participantes podem se sentir desconfortáveis ao compartilhar informações pessoais ou serem expostos a memórias dolorosas do passado. No entanto, é importante lembrar que os participantes têm o direito de recusar a responder qualquer pergunta ou participar de qualquer atividade que os faça sentir desconfortáveis. Além disso, a pesquisa é considerada de risco mínimo e aceitável no contexto educacional e não há pagamento envolvido. Se algo de errado acontecer durante a pesquisa, ela será imediatamente suspensa e os participantes receberão assistência e compensação, se necessário. Todos os envolvidos serão tratados com respeito e consideração, e nenhum participante será prejudicado de qualquer forma. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de tempo, transporte, alimentação, etc.

**Sigilo:** O(s) pesquisador (es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou material que identifique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

- Você receberá uma via deste documento assinada pelo(a) participante da pesquisa e pelo (a) pesquisador (a), e rubricada em todas as páginas por ambos, participante e pesquisador (a).

- Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.
  - Você tem a garantia de liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento em entrevistas e questionários que forem aplicados na pesquisa;
  - Declaro aos participantes que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não;
  - Os resultados desta pesquisa de mestrado serão divulgados seguindo as diretrizes do Programa de Pós-Graduação em História (ProfHistória) e da instituição de ensino. Serão utilizadas diversas estratégias de divulgação, incluindo a defesa pública da dissertação, publicação em periódicos especializados, participação em congressos e simpósios, e disponibilização da dissertação no repositório institucional. Todas as formas de divulgação serão realizadas de acordo com as normas e diretrizes éticas estabelecidas pelo ProfHistória e pela instituição.
  - Informo ao/à participante sobre o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa;
  - A pesquisa envolverá o armazenamento em banco de dados pessoal, informo aos participantes que toda pesquisa a ser feita com os dados que foram coletados deverá ser autorizada pelo/a participante e também será submetida novamente para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) institucional e, quando for o caso, à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Assim, visando a execução de investigações futuras, devem ser apresentados ao/à participante as seguintes informações: a) justificativa quanto à necessidade, relevância e oportunidade para usos futuros do material que fora coletado; b) declaração de que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não; c) apresentação das estratégias de divulgação dos resultados, a menos que se trate de caso de obtenção de patenteamento, neste caso, os resultados devem se tornar públicos, tão logo se encerre a etapa de patenteamento; d) um box para que os/as participantes autorizem a guarda do material coletado para uso em pesquisas futuras:
- ( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;
- ( ) Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

**Eu, ....., concordo em participar do estudo intitulado “A HISTÓRIA LOCAL COMO CONTEÚDO DE ENSINO: EXPERIÊNCIAS A PARTIR DA MEMÓRIA DE RIBEIRINHOS DA CIDADE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador(a) responsável Fransuely Rocha Coelho sobre a**

pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

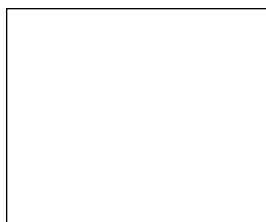
CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - PA, ..... de ..... de .....

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável




---

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica

**Em caso de dúvidas, poderei chamar a professora responsável pela pesquisa Fransuely Rocha Coelho.**

**Contatos:**

- Telefones: (94) 99122-4687
- E-mail: [swelyy@hotmail.com](mailto:swelyy@hotmail.com)

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins – UFT, localizado no Câmpus da UFT em Palmas, Prédio da Reitora, 2º Andar, Sala 16. E-mail [cep\\_uft@uft.edu.br](mailto:cep_uft@uft.edu.br). Telefone/whatsapp: (63) 3229-4023.

Local-Estado, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL**  
Fransuely Rocha Coelho